

LÚCIA MARIA TOSCANO DE BRITTO VON FLACH

UM CURRÍCULO PARA A ZONA RURAL DO RECÔNCAVO BAIANO:
ELABORAÇÃO E TESTAGEM DA PRIMEIRA ETAPA DO ESTUDO

Dissertação apresentada ao Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Campinas, 1981

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

LÚCIA MARIA TOSCANO DE BRITTO VON FLACH

Dissertação defendida perante a banca examinadora constituída pelos Senhores:

Orientador: _____
Prof. Dr. Sérgio Lorenzato

Campinas, 1981

A você, criança de hoje da zona rural de meu Estado, que vai à escola, muitas vezes, com os pés descalços e a mente ávida de saber, com a esperança de, em dias futuros, se tornar um cidadão capaz de calçar outras crianças e satisfazer seus anseios de saber e de liberdade...

A você, professora rural anônima, que, em distantes rincões, mal remunerada e sufrida, acolhe e divide seus poucos conhecimentos com as crianças de agora, que serão os adultos do ano 2.000.

Em coerência com meus princípios de conduta, com meu estilo de vida e pretendendo não omitir nenhuma das pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram de forma valiosa, com ações ou palavras, para a realização deste trabalho, reservo-me o direito de citar, nominalmente, apenas duas dessas pessoas e expressar meu agradecimento a todas as demais, ao mencionar os grupos de que participam.

Ao Dr. Sérgio Lorenzato, pela orientação eficiente e inestimável ajuda.

À Profa. Maria Albuquerque da Silva que, até seus últimos meses de vida, prestou colaboração de maneira altruísta e responsável como supervisora.

Às comunidades rurais de Cruz das Almas-BA, especialmente aos alunos e professores das classes experimentais, que vivenciaram e continuam vivenciando essa experiência educacional.

À equipe de supervisão local, pelo trabalho eficaz que continua executando.

Aos colegas da equipe responsável pela elaboração do currículo e operacionalização do Projeto de Educação Rural, pelas horas de exaustivo trabalho e pelos momentos de tensão vividos em conjunto.

Aos demais colegas do Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores de Ciências e Matemática (PROTAP) e da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, pelo apoio, compreensão e incentivo.

Aos funcionários do PROTAP, pelo trabalho de elevação da qualidade realizado nos bastidores.

Aos funcionários da Biblioteca Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação-UFBA., pelo prestimoso e efetivo atendimento às solicitações.

À Universidade Federal da Bahia e à Fundação Rockefeller, pelo apoio oficial e financeiro.

À minha família, pela presença constante, compreensão e tolerância demonstradas nas horas difíceis.

RESUMO

Apresenta-se, nesta dissertação, a metodologia desenvolvida para a elaboração de um currículo baseado nos centros de interesses da criança e da comunidade, para as quatro séries do 1º grau do Ensino Rural do Município de Cruz das Almas, Estado da Bahia.

Parte de um trabalho de grande abrangência ali desenvolvido, cuja conclusão ocorrerá em 1982, objetivando reduzir as taxas de evasão e reprovação escolares, a presente dissertação compreende o levantamento e a análise dos centros de interesses da criança e da comunidade, a análise do currículo oficial e a metodologia de elaboração e aplicação, simultâneas, do currículo da 1ª. série, também adotada para as três séries subseqüentes.

Para a consecução desse trabalho se fez necessário:

- . obter apoio financeiro;
- . obter permissão das autoridades administrativa e educacional do Município, para realização do experimento em escolas oficiais da zona rural, com a participação dos supervisores locais;
- . construir instrumentos para coleta de dados;
- . treinar equipes para coleta de dados;
- . conscientizar pais e mestres das comunidades rurais do município-alvo;
- . montar equipes de elaboração, aplicação e supervisão do novo currículo;
- . elaborar materiais didáticos;
- . treinar professores das classes experimentais.

Dessas ações resultou uma caracterização detalhada da realidade comunitária rural de Cruz das Almas.

Da experiência aplicada à 1ª. série obteve-se:

- . elaboração de novo currículo de 1ª. série;
- . possibilidade de aplicar o currículo em outras regiões rurais com características semelhantes às que serviram de base para sua elaboração;
- . aumento da taxa de aprovação discente;
- . diminuição da taxa de evasão escolar;
- . publicação, pela UFBA, dos materiais didáticos elaborados: Manual do Professor (dois volumes), Cadernos de Exercícios de Casa (dois volumes), Cadernos de Exercícios de Classe (três volumes), Bloquinho de Leitura e Álbum;
- . adoção oficial, pela Prefeitura, do novo currículo para a 1ª. série;
- . a aplicação do currículo elaborado, em escolas rurais do Município de Sapeaçu-BA, como parte das ações multidisciplinares do Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado, em execução pela UFBA.

SUMMARY

It is presented in this dissertation the methodology developed to the elaboration of a curriculum based on the community and child's interest centers to the four levels on the elementary school of Cruz das Almas township, rural education.

Being part of a large range work developed there, it will be finished in 1982, objectifying the reduction of the school evasion and reprobation rates, this dissertation encompasses the research and the analysis of the community and child's interest centers analysis of the official curriculum and the methodology of simultaneous elaboration and application of the first level curriculum also used for the other three subsequent levels.

It had been necessary for the obtainment of this work:

- . To obtain financial support
- . To obtain the township administrative and educational authority's permission to the realization of the experiment in official schools of the rural zone, with the local supervisors' participation
- . To make instruments to collect informations
- . To train teams to collect informations
- . To make parents and teachers of the aim township consious about the work
- . To arrange teams for elaboration, application and supervision of new curriculum
- . To elaborate didactic materials
- . To train teachers of the experimental classes

From these actions, resulted a detailed characterization of the rural reality of Cruz das Almas:

The following items had been obtained from the experience applied on the first level

- . The elaboration of a first level new curriculum
- . The possibility of applying the curriculum in other rural regions with some characteristics as those which the elaboration has been based on
- . The increase of the discent promotion rate
- . The reduction on the school evasion rate
- . The publication of the elaborated didactic materials: Teacher's Book (two books) Classwork book (three books) Homework (two books) Reading book and Album, done by the Federal University of Bahia
- . The official adoption of the new curriculum for the first class by the Prefecture
- . The application of the elaborated curriculum on rural schools of Sapeaçu township-Bahia as part of the multidisciplinary actions of the Integrated Rural Development Project which is being executed by the Federal University of Bahia

SUMÁRIO

	página
1. INTRODUÇÃO	2
1.1 Definição do problema	3
1.2 Delimitação do estudo	5
1.3 Objetivos do estudo	6
2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA	8
3. METODOLOGIA	24
3.1 Fase inicial: agosto a outubro de 1977	25
3.2 Fase diagnóstica: outubro a dezembro de 1977.	27
3.2.1 Recrutamento de recursos humanos	36
3.2.1.1 Constituição da equipe de supervi-	
são local	36
3.2.1.2 Constituição da equipe de professo-	
res das classes experimentais	37
3.2.1.3 Constituição da equipe de elabora-	
ção do currículo	41
3.2.2 Instrumentos de coleta de dados	43
3.2.2.1 Questionários	43
3.2.2.2 Roteiro da entrevista	45
3.2.3 Seleção das estratégias e instrumentos	46
3.3 Fase experimental	50
3.3.1 Elaboração da grade curricular	50
3.3.2 Sistemática de orientação dos professo-	
res das classes experimentais	57
3.3.3 Interação escola-comunidade	60
3.3.4 Sistemática de avaliação	61
3.4 População de referência	66
4. RESULTADOS	68
4.1 Da fase diagnóstica	68
4.1.1 Caracterização do município-alvo	68
4.1.2 Caracterização do contexto comunitário	74
4.1.2.1 Tipo de morada	75

	página
4.1.2.2	População 76
4.1.2.3	Escolarização 78
4.1.2.4	Higiene e saúde 80
4.1.2.5	Trabalho e renda 83
4.1.2.6	Relacionamento comunitário 86
4.1.2.7	Aspirações e lazer 86
4.1.3	Caracterização do contexto-escola 91
4.1.3.1	Condições físicas 91
4.1.3.2	Corpo docente 94
4.1.3.3	Corpo discente 95
4.1.3.4	Currículo oficial 101
4.2	Da fase experimental 107
4.2.1	Caracterização do currículo elaborado. 107
4.2.2	Resultados e conclusões 127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 137	

LISTA DE TABELAS

	página
I Distribuição da população escolar pré-matricula <u>da</u> e entrevistada, segundo escola e localidade	35
II Distribuição da população escolar entrevistada nas novas classes experimentais por escola	40
III Distribuição da população e número de casas por localidade	74
XI Distribuição da amostra por localidade	77
LXX Distribuição das escolas de acordo com o estado de conservação do imóvel	91
LXXI Distribuição das escolas, segundo a existência de área externa de terra e seu cultivo.	92
LXXII Distribuição das escolas, segundo o tipo de carteiras	92
LXXIII Oferecimento de merenda escolar	93
LXXIV Alimentos oferecidos como merenda escolar..	94
LXXV Distribuição das escolas, segundo assiduidade dos alunos às aulas	96
LXXVI Distribuição das escolas, segundo o período e razões de baixa frequência dos alunos às aulas	97
LXXVII Distribuição das escolas, segundo tipos de atividade	98
LXXVIII Distribuição das escolas, segundo as atividades preferidas pelos alunos	98

RELAÇÃO DOS ANEXOS

- 01 - Relação nominal da equipe de supervisão local
Relação das cinco classes experimentais: professores, escolas e localidades
Relação nominal da equipe de professores elaboradores do currículo
- 02 - Questionário do Professor
- 03 - Questionário da Comunidade
- 04 - Pré e Pós-teste
- 05 - Relatório de supervisão
- 06 - Ficha executada por um aluno
- 07 - Exercício executado por um aluno
- 08 - Mapa do município de Cruz das Almas-BA
- 09 - TABELA IV - Distribuição das casas por localidade, segundo o tipo de construção
TABELA V - Distribuição das casas por localidade, segundo o número de salas
- 10 - TABELA VI - Distribuição das casas por localidade, segundo o número de quartos
TABELA VII - Distribuição das casas por localidade, segundo a existência de cozinha
- 11 - TABELA VIII - Distribuição das casas por localidade, segundo a existência de sanitário e seus tipos
- 12 - TABELA IX - Distribuição das casas por localidade, segundo a existência de fossa e seus tipos
TABELA X - Distribuição das casas por localidade, se-

gundo localização da fossa

- 13 -- TABELA XII - Amostra populacional por localidade, segundo o sexo e a faixa etária
- 14 -- TABELA XIII - Amostra populacional com idades de 15 a 84 anos, por estado civil, segundo o sexo e a localidade
TABELA XIV - Distribuição das famílias por tipo de chefia, segundo a localidade
- 15 -- TABELA XV - Distribuição das famílias por localidade, segundo a profissão e/ou ocupação do chefe
- 16 -- TABELA XVI - Distribuição das famílias por localidade, segundo a profissionalização dos filhos
- 17 -- TABELA XVII - Amostra populacional não escolarizada por localidade, segundo a faixa etária
- 18 -- TABELA XVIII - Distribuição por localidade, segundo justificativas para o analfabetismo apresentadas pelos analfabetos de faixa etária entre 7 e 84 anos
- 19 -- TABELA XIX - Distribuição da população escolarizada por localidade, segundo a faixa etária
TABELA XX - População na faixa etária de 7 a 14 anos por localidade, segundo o nível de escolarização
- 20 -- TABELA XXI - População na faixa etária de 15 a 84 anos por localidade, segundo o nível de escolarização
- 21 -- TABELA XXII - Distribuição dos indivíduos por localidade e faixa etária, segundo escolarização em andamento ou concluída
TABELA XXIII - Distribuição dos indivíduos por localidade e faixa etária, segundo a evasão escolar
- 22 -- TABELA XXIV - População na faixa etária de 7 a 84 a-

nos por localidade, segundo as justificativas apresentadas para a evasão escolar

- 23 - TABELA XXV - Distribuição das famílias por localidade, segundo a origem da água usada na alimentação
TABELA XXVI - Distribuição das famílias por localidade, segundo a origem da "água de gasto"
- 24 - TABELA XXVII - Distribuição das famílias por localidade, segundo o tipo de tratamento dado à água usada na alimentação
TABELA XXVIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo o tipo de reservatório para guardar a água usada na alimentação
- 25 - TABELA XXIX - Distribuição das famílias por localidade, segundo o destino do lixo doméstico
TABELA XXX - Distribuição das famílias por localidade, segundo o número de refeições diárias e maneira de realizá-las
- 26 - TABELA XXXI - Distribuição das famílias por localidade, segundo os alimentos consumidos no café da manhã ou desjejum
TABELA XXXII - Distribuição das famílias por localidade, segundo os alimentos consumidos no almoço
- 27 - TABELA XXXIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo os alimentos consumidos no jantar
TABELA XXXIV - Distribuição das famílias por localidade, segundo a alimentação consumida nos fins-de-semana
- 28 - TABELA XXXV - Distribuição, por localidade, dos alimentos das crianças na faixa etária de 0 a 2 anos
- 29 - TABELA XXXVI - Distribuição, por localidade, de providências tomadas pelas famílias em casos de doença

- 30 - TABELA XXXVII - Distribuição das famílias por localidade, segundo a periodicidade de realização de exame parasitológico de fezes
TABELA XXXVIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo a periodicidade de consulta odontológica
- 31 - TABELA XXXIX - População adulta vacinada por localidade, segundo tipos de vacina
TABELA XL - População infantil vacinada por localidade, segundo tipos de vacina
- 32 - TABELA XLI - Distribuição por localidade de óbitos infantis na faixa etária de 0 a 2 anos, segundo suas causas
- 33 - TABELA XLII - Distribuição por localidade dos óbitos infantis, segundo registro em cartório
TABELA XLIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo vinculação a serviços de assistência e previdência social
- 34 - TABELA XLIV - Distribuição das famílias por localidade, segundo o número de familiares com trabalho remunerado
TABELA XLV - Distribuição das famílias por localidade, segundo a modalidade do trabalho remunerado dos familiares
- 35 - TABELA XLVI - Distribuição das famílias por localidade, segundo dias de trabalho por semana do seu chefe
TABELA XLVII - Distribuição das famílias por localidade, segundo a modalidade de recebimento da remuneração por parte do chefe
- 36 - TABELA XLVIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo o cultivo da terra e a situação do seu chefe em relação à terra cultivada

- 37 - TABELA XLIX - Distribuição das famílias por localidade, segundo o tipo de lavoura que cultivam
- 38 - TABELA L - Distribuição das famílias por localidade, segundo fontes de ajuda à lavoura
- 39 - TABELA LI - Distribuição das famílias por localidade, segundo os tipos de ajuda recebida para a lavoura
TABELA LII - Distribuição das famílias por localidade, segundo a condição de posse da habitação
- 40 - TABELA LIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo o aluguel da habitação
- 41 - TABELA LIV - Distribuição das famílias por localidade, segundo problemas comunitários citados
- 42 - TABELA LV - Distribuição das famílias por localidade, segundo ocorrência de discussão dos problemas comunitários
TABELA LVI - Distribuição das famílias por localidade, segundo o modo de resolução dos problemas comunitários
- 43 - TABELA LVII - Distribuição, por localidade, das indicações de pessoas que se interessam pelos problemas comunitários
- 44 - TABELA LVIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo as pretensões e razões de permanência ou não no local onde vivem
- 45 - TABELA LIX - Distribuição das famílias por localidade, segundo satisfação ou não pelo trabalho que realizam e justificativas
- 46 - TABELA LX - Distribuição, por localidade, dos afazeres que os adultos não gostam de realizar

- 47 - TABELA LXI - Distribuição, por localidade, dos afazeres que as crianças não gostam de realizar, mencionados pelas famílias informantes
- 48 - TABELA LXII - Distribuição, por localidade, das profissões ou ocupações aspiradas pelo chefe familiar
- 49 - TABELA LXIII - Distribuição, por localidade, de profissões aspiradas pelos pais, para os filhos
- 50 - TABELA LXIV - Distribuição, por localidade, das atividades de lazer dos adultos
- 51 - TABELA LXV - Distribuição, por localidade, das atividades de lazer das crianças, mencionadas pelas famílias
TABELA LXVI - Distribuição das famílias por localidade, segundo os programas de rádio preferidos
- 52 - TABELA LXVII - Distribuição das famílias por localidade, segundo a assistência à televisão
- 53 - TABELA LXVIII - Distribuição das famílias por localidade, segundo o hábito de leitura e tipo realizado
- 54 - TABELA LXIX - Distribuição das famílias por localidade, segundo a participação em reuniões de diversas naturezas ou não participação, com justificativas
- 55 - Currículo oficial de 1a. série, do município de Cruz das Almas-BA, em 1978
- 56 - Grade curricular da 1a. série
- 57 - Ficha de controle da leitura
- 58 - Tabela de acompanhamento das tarefas de casa e frequência diária
- 59 - Manual do Professor, vol I - Roteiro diário

- 60 - Manual do Professor, vol II - Roteiro diário
- 61 - Caderno de Exercícios de Classe
- 62 - Caderno de Exercícios de Casa
- 63 - Bloquinho de leitura
- 64 - Álbum

1. INTRODUÇÃO

A educação no meio rural brasileiro tem se constituído num problema que, através dos anos, vem desafiando autoridades e estudiosos do assunto, visto que sua solução ainda não foi concretizada.

Muito se tem estudado, discutido no plano teórico, algumas tentativas louváveis postas em prática; entretanto, múltiplas razões têm contribuído para que as medidas tomadas se limitem a soluções parciais e temporárias, permanecendo, portanto, o problema.

É notório que a educação rural no Brasil e, conseqüentemente, na Bahia ainda carece de organização e orientação adequadas, tendo em vista que as ações realizadas em função do ensino nas quatro primeiras séries do 1º grau têm sempre resultado na transplantação do tipo de escola urbana para a zona rural. Desse modo, o ensino rural pode ser considerado caricaturado, porque reduzido a condições mínimas, ou seja, adulterado pela simplificação máxima e por sua total inadaptação ao ambiente.

As escolas rurais ainda não contam com estrutura administrativa funcionalmente capacitada, não dispõem de recursos financeiros adequados às suas necessidades; mais grave ainda é que seu corpo docente, via de regra mal remunerado, embora recrutado no próprio meio rural, é carente de formação específica, na maioria dos casos, e, conseqüentemente, desconhece, sem culpa própria, a importância da tarefa que lhe é conferida. Mesmo os professores titulados através do Curso Normal ou Pedagógico também demonstram grande despreparo para o exercício do magistério.

Quanto ao currículo dessas escolas, embora seja legalmente estabelecido que sua composição deve englobar o núcleo comum a todo o ensino nacional, resume-se a um mínimo

de ensino formal, deficiente, da leitura, da escrita e da Matemática, em virtude do despreparo do professorado que deve desenvolvê-lo.

De modo geral, o ensino nas quatro séries iniciais vem sendo o único meio de educação formal em parte acessível às populações rurais brasileiras; além do mais, observa-se que as escolas rurais e, especificamente, as baianas continuam sendo do tipo "isolado" que contam com uma única sala de aula, geralmente em péssimo estado de conservação e que, na grande maioria, não dispõem do mínimo equipamento didático. Nessas salas, simultaneamente, 10 (dez) a 40 (quarenta) crianças de várias idades e diferentes séries são atendidas por uma mesma professora que, com exceções, possui grau de escolaridade igual ou pouco superior ao de seus alunos e, em função de sua baixa remuneração, é desmotivada para a execução de sua tarefa.

Sendo a educação rural um problema amplo, cuja solução ainda não foi encontrada, e tratando-se de uma área de estudo que conta com poucas pesquisas e análises sistemáticas, este trabalho não se limita à teorização de possíveis soluções, mas relata a realização de uma seqüência de ações que permitiram a transferência de uma situação real e insatisfatória para outra, também real porém satisfatória, ainda que não a ideal, na zona rural do município de Cruz das Almas-BA.

1.1 - Definição do problema

Em Cruz das Almas-Ba, como em outras regiões, no âmbito da educação rural, as estatísticas e as observações diretas têm registrado e demonstrado a existência de indicadores de uma situação extremamente problemática, que evidenciam quão insatisfatório é o ensino nas zonas rurais do Es-

tado: índices de reprovação nas primeiras séries, taxas de evasão escolar, freqüência irregular, tendendo a baixa nos períodos de plantio, colheita e outras atividades coletivas na lavoura. O relacionamento desses indicadores pode permitir a configuração do grau de deficiência em que se encontra o sistema de ensino rural da maioria dos municípios baianos.

Com base nas observações realizadas *in loco*, através de entrevistas realizadas com alunos, professores e moradores da região rural do município citado, consultas feitas a documentos oficiais da Prefeitura - Diretoria de Ensino, pode-se inferir as possíveis variáveis que estariam influenciando e determinando a situação deficiente do ensino rural no município-alvo:

- . precariedade das condições físicas, sanitárias e pedagógicas da maioria das escolas rurais mantidas pela Prefeitura Municipal;
- . deficiência do provimento de materiais escolares básicos;
- . número elevado de professores sem o devido preparo profissional;
- . deficiências docentes e discentes que influenciam ou concorrem para o baixo rendimento escolar da clientela;
- . utilização da mão-de-obra em idade escolar por parte da família;
- . inadequação do currículo face às necessidades reais da comunidade e da criança.

Sem dúvida, todos os motivos citados constituem prováveis causas e elementos fundamentais para o estudo da problemática em questão; a eliminação da maioria deles foge ao alcance de uma pesquisa isolada, porque depende essencialmente de medidas operacionais de natureza político-institucional, sócio-econômica e cultural; este estudo se ateve à

inadequação do currículo face às necessidades reais da comunidade e da criança. Assim sendo, o presente trabalho versa sobre o estudo realizado no sentido de responder ao seguinte questionamento:

É possível aumentar o rendimento escolar, diminuir a evasão escolar através da aplicação de um currículo baseado nos centros de interesses da criança e da comunidade rural do município de Cruz das Almas-BA?

Para tanto, necessário se fez conhecer as características das comunidades, efetuar o levantamento dos centros de interesses das mesmas e de suas crianças, analisar o currículo oficial, elaborar, aplicar e avaliar um novo currículo.

1.2 - Delimitação do estudo

Dentre os municípios que fazem parte do Recôncavo baiano, a escolha recaiu sobre Cruz das Almas, porque nele funciona a Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia. Das 37 (trinta e sete) escolas rurais que ofereciam a 1ª série, 25% delas foram utilizadas para a realização do experimento. Para obtenção dos dados necessários à caracterização do contexto-comunidade, a amostra delimitou-se em 20% do total de casas existentes em cada uma das nove localidades escolhidas.

Considerando-se a abrangência do estudo e a exigüidade de tempo para a necessária coleta de dados, análise e avaliação das etapas correspondentes às quatro séries iniciais do 1º grau oferecidas pelas escolas rurais, deste trabalho constarão as ações realizadas e os resultados obtidos a partir da aplicação do novo currículo de 1ª série, por professores treinados para tanto.

Os parâmetros utilizados para a apresentação dos

resultados da aplicação da proposta curricular a que se refere o trabalho são relativos ao período 1977-1978, vez que os resultados gerais correspondentes às quatro séries somente serão obtidos em 1982.

1.3 - Objetivos do estudo

A partir da elaboração de um currículo de 1ª série, baseado nos centros de interesses da criança e da comunidade, e de sua concomitante aplicação nas classes experimentais, cujos professores foram treinados para esse fim, este trabalho pretende verificar se ocorre diminuição da taxa de reprovação e se há diminuição da taxa de evasão escolar.

Além dos objetivos centrais do presente estudo, procurou-se observar se, dentro das possibilidades encontradas:

- . a regularidade de freqüência, durante o período letivo, aumenta;
- . o treinamento dos professores propicia melhoria de suas condições cognitivas e metodológicas e, conseqüentemente, melhora seu desempenho docente;
- . há receptividade da comunidade em relação ao currículo elaborado;
- . há receptividade por parte dos professores, em relação à mudança do currículo.

2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Qualquer estudo retrospectivo das origens da sociedade brasileira, por mais superficial que seja, evidenciará que, por muito tempo, sua característica fundamental foi a identificação com o meio rural. Nesse meio se estabeleceram os primeiros grupamentos humanos e ocorreram os primeiros relacionamentos intergrupais. Foi no meio rural, portanto, que se fixaram as raízes da atual sociedade brasileira. A História e a Sociologia mostram que o aparecimento das primeiras concentrações que já apresentavam traços semelhantes aos que hoje são denominados urbanos foi decorrência direta do próprio ruralismo dos antepassados. Esses e outros fatos demonstram que a sociedade brasileira surgiu e se estruturou no meio rural: nos antigos engenhos de açúcar, nas fazendas de gado, de algodão e de café, nos seringais e em outros núcleos de atividade econômica que evoluíram para núcleos populacionais e sociais.

Com a fixação do colonizador europeu nos diferentes núcleos econômicos, ocorreram a introdução e a implantação da cultura portuguesa no País. A partir desses núcleos rurais surgiram as fazendas que se constituíram em base física da ocupação humana e em fatores decisivos de povoamento do território. Nessas fazendas se iniciaram os primeiros processos de intercâmbio de elementos e valores culturais entre o colonizador português, o nativo e o negro africano trazido para cá a fim de trabalhar como mão-de-obra escrava e, posteriormente, entre aqueles que se originaram da mesclagem das três raças: os mestiços, mulatos, mamelucos, pardos, etc.

À proporção que se desenvolvia o processo de ocupação da terra brasileira pelo homem, a fazenda passou a ter características peculiares, principalmente quanto a sua função econômica, sem, contudo, prejudicar o sentido social em que se fundamentava. Com a proliferação desses núcleos sócio-econômicos, em diferentes pontos da terra brasileira, i

niciou-se a ocupação territorial não só geograficamente pela ocupação efetiva de diversas áreas como demograficamente, pelo aumento populacional. A ocupação efetiva da terra, mais que uma simples colonização, resultou em centros de fixação e estabilidade, porque permitia que o homem se concentrasse em determinadas atividades e propiciava o relacionamento étnico e cultural. Surgiram, então, os engenhos de açúcar, no Nordeste, os sítios agroextrativos, na Amazônia, os garimpos e arraiais de mineração, no Planalto Mineiro e no Centro-Oeste, e as estâncias, no extremo Sul brasileiro.

A partir do século XIX, surgiram outras atividades e, conseqüentemente, novos núcleos sócio-econômicos: as fazendas de café, nas então Províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais; no Sul da Bahia, as fazendas de cacau; os seringais, na Amazônia. Novos núcleos de colonização estrangeira se instalaram no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em parte do Espírito Santo.

As populações rurais, que se originaram nas fazendas, estabeleceram as bases da atual sociedade brasileira que possui características e elementos não encontrados em qualquer outra sociedade.

Da mesclagem das raças branca, indígena e negra, amparada, principalmente, pela grande propriedade e pelo estímulo das próprias forças sociais, surgiram os mestiços que passaram a exercer papel fundamental na expansão demográfica e nas áreas sócio-econômica e cultural. As variedades de mestiços surgidos em solo brasileiro, dispersos hoje em diferentes pontos territoriais e diversificados em seus aspectos básicos, conferem à sociedade brasileira características *sui generis*.

Nos dias atuais, a estrutura social das populações rurais, de certo modo, ainda reflete o período colonial e pós-colonial europeu, porque se caracteriza pela presença

dos dois extremos: o dono da terra, proprietário rural, e o que não possui terra, o trabalhador rural. O grande proprietário continua detentor do poder e, por conseguinte, possui posição de destaque na escala social, embora já não seja mais o aristocrata da época da colonização. O trabalhador rural, que não possui terra própria, é rendeiro ou meeiro e a quele que trabalha a terra, mas não é seu dono e nem tão pouco pode usá-la em seu proveito direto, recebendo apenas pagamento, ocupa hoje uma posição similar à dos colonos do passado. Enquanto os proprietários rurais possuem um alto nível de vida, de modo geral, o nível de vida da população rural trabalhadora é baixo, em decorrência de diversos fatores; a mobilidade constante desses trabalhadores determina a carência de estabilidade e a insuficiência de recursos para sua subsistência. Em conseqüência, as habitações são precárias, o vestuário é insatisfatório e a alimentação atinge níveis extremamente carentes de nutrientes básicos, na maioria dos casos. Por outro lado, sua própria condição cultural não permite que o trabalhador rural se aperceba do baixo nível de vida que leva, para o que também concorre o analfabetismo como principal responsável. Prova dessa falta de esclarecimento é que, ao adquirir uns poucos rudimentos de leitura ou escrita, o trabalhador rural como que desperta, procura fugir do campo e emigra para centros mais adiantados ou mesmo grandes centros urbanos, na tentativa de uma vida melhor, sem, contudo, possuir o preparo necessário para enfrentá-los.

SZMRECSÁNYI & QUEDA (1976, p.226), analisando dados referentes à população rural brasileira, encontrados em levantamentos trimestrais da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar, do IBGE, 1970a., concluem que

... mais de 45% da população brasileira continua vivendo no campo. Em princípios de 1970, a proporção de

não-alfabetizadas entre as pessoas de 14 anos e mais, alcançava 42% nas zonas rurais, contra 16% nas zonas urbanas, e, entre as crianças de 6 a 13 anos, 55% contra 27%.

Sabe-se que as proporções citadas se alteram nas diversas regiões do País, mas a desvantagem da zona rural em relação à urbana, no cômputo geral, é praticamente a mesma em todo o território nacional. Embora o berço da atual sociedade brasileira tenha sido o ambiente rural, grande parte dos grupos que aí permaneceram ainda não conseguiu atingir níveis sociais mais adequados ou condizentes com sua importância histórica.

Na área educacional, a instalação e difusão da escola para populações rurais são bastante recentes; sua implantação e expansão vêm se fazendo lentamente e, de modo específico, em relação ao ensino das quatro séries iniciais do 1º grau ainda são insuficientes, uma vez que o atendimento à demanda da população escolarizável deixa a desejar.

Nos primórdios da formação social brasileira, a aprendizagem das letras esteve restrita aos familiares do dono da terra, enquanto permaneciam analfabetos os demais membros da comunidade, pois se tratavam, principalmente, de escravos e agregados. Essa situação era uma forma condizente com a dominação por parte do senhor de terras. O estudo das letras e dos números era privilégio dos filhos de senhores, para o que recorriam aos ensinamentos ministrados pelos padres, ou buscavam professores principalmente da metrópole portuguesa. Ao final desses estudos, as mais das vezes, encaminhavam seus filhos para grandes centros, a fim de concluir sua formação.

Durante muito tempo essa sistemática educacional foi mantida, mas, aos poucos, com a ascensão de algumas classes,

o contingente de indivíduos que regressavam com seus estudos concluídos foi aumentando. Em decorrência, surgiram as primeiras escolas brasileiras que, entretanto, se localizavam nos centros urbanos e não se destinavam ao atendimento dos habitantes do meio rural. Somente após ser promulgada a Lei Áurea, cogitou-se da possibilidade da criação de um sistema de educação destinado aos habitantes do meio rural; entretanto, entre os estágios das cogitações, da implantação e da expansão desse sistema, decorreu todo o período da República Velha. A lentidão das ações tem caracterizado o desenvolvimento do ensino rural que, histórica e sociologicamente, tem sido intencional, embora também decorrente do próprio desenvolvimento do País.

COSTA PINTO (1970, p.105-6), referindo-se a uma pesquisa que ele próprio realizou no Recôncavo baiano, afirma que: "Na economia e na sociedade subdesenvolvida, a ignorância desempenha um papel fundamental, estrutural e perfeitamente definido."

Outros sociólogos, SZMRECSÁNYI & QUEDA (1976,p.222), também consideram que "Essa demora pode ser atribuída tanto à rusticidade da economia agrária, como à rigidez da estrutura social tradicional."

Até 1930, as ações educacionais concretas se concentraram nos níveis médio e superior. Muito pouco se fez em prol do ensino primário da zona rural, pois as ações nesse sentido se limitaram a debates e projetos. Em termos concretos, nada se modificou no ensino rural; em contrapartida, aumentou-se o número de escolas urbanas e, conseqüentemente, acentuou-se a disparidade do atendimento escolar entre o campo e a cidade.

Em virtude das diferenças sócio-econômicas que já se evidenciavam entre regiões do País, alguns governos estaduais, responsáveis que eram pela administração e supervi-

são do ensino primário, deram novo impulso a esse nível de ensino: São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e, no Nordeste, Bahia e Pernambuco.

A implantação de algumas reformas educacionais foram inovadoras e, em relação à época, consideradas bastante avançadas embora sem provocar modificações concretas no ensino rural. Tanto em relação ao nível primário quanto à formação de seu professorado, os sistemas estaduais concentraram esforços e recursos, no atendimento às populações urbanas, permanecendo a carência de escolas rurais, na sua maioria, ainda sob a responsabilidade de professores leigos.

Devido à grande extensão territorial, ao baixo povoamento de suas terras e à não fixação do homem ao campo — causada por fatores de ordem econômica, social e climática —, iniciou-se um período de intensas migrações internas, que levaram o governo a se preocupar com a ameaça que representavam para a economia e para a própria sociedade tradicional.

Urgia, portanto, que se tomassem providências efetivas para sanar tal situação. De início, grupos mais esclarecidos, pertencentes aos próprios escalões governamentais, começaram a desenvolver uma ideologia reformista que se baseava na modificação das condições precárias de vida do habitante rural, como pré-requisito para o aumento de sua produtividade econômica e desestímulo às migrações internas. Atribuía à escola primária a responsabilidade de promover a modificação desejada. Acreditavam os membros desses grupos que a melhor estratégia para conseguir a fixação das populações ao meio rural seria através da reformulação de algumas instituições, mas, essencialmente, através da implantação de um novo sistema escolar. Nele, os professores deveriam ter uma formação específica, baseada no conhecimento de técnicas agrícolas, higiene e profilaxia de certas doenças, a fim de poderem, na escola primária, desenvolver o ensino volta-

do para a profissionalização agrícola.

Em 1932, o Ministério da Agricultura, através do Serviço de Fomento Agrícola, começou a firmar acordos de cooperação entre suas inspetorias agrícolas regionais e escolas de vários estados reforçando, desse modo, a concepção de que na preparação dos professores primários deveria se dar ênfase às técnicas agrícolas.

Na área da saúde, por seu turno, o governo federal, desde 1922, já vinha envidando alguns esforços para melhorar as condições sanitárias das zonas rurais; constatava, porém, que o sucesso das medidas praticadas somente seria atingido com o apoio da educação dos habitantes, para o que seria necessária uma melhor preparação dos professores rurais quanto à higiene e profilaxia de doenças.

A primeira concretização dessas idéias foi, segundo LOURENÇO FILHO (1953, p.66) "a experiência pioneira de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará,..." e a essa, seguiu-se, em vários estados, "... um movimento de propaganda, que se veio chamar de *ruralização do ensino...*" ou ainda "*ruralismo pedagógico*" conforme SZMRECSÁNYI & QUEDA (1976, p.223). A idéia de ruralizar o ensino não era recente; pelo contrário, já havia sido exposta, no começo do século, por estudiosos de problemas sociais como Sílvio Romero e Alberto Torres, mas só posteriormente teve repercussão, graças à atuação de profissionais como o sanitarista Belizário Pena e educadores como Sud Menucci e Joaquim Moreira de Souza.

Em contraposição à idéia de fixação do homem ao campo apenas através do ensino de técnicas agrícolas e de noções referentes à preservação da saúde, ministrado às crianças, formou-se outra linha de pensamento que reconhecia a magnitude e a complexidade do problema da educação rural, considerava a importância da relação escola-meio e a necessidade de preparação dos professores no sentido de fortalecer cada

vez mais esse relacionamento; discordava do ensino primário com caráter profissionalizante e não admitia a fórmula simplista que atribuía à escola primária a competência exclusiva para fixar o homem ao meio rural. ALMEIDA JUNIOR (1944, p.29), defensor do movimento de ruralização do ensino, mas a depto da segunda tendência, visto que se declarava frontalmente contrário à profissionalização na escola primária, fosse ela urbana ou rural, considerava que a escola rural deveria ministrar à criança educação comum que lhe permitisse, futuramente, a depender de seus interesses, "circular livremente do campo para a cidade, ou vice versa, e, sem excessivo esforço, adaptar-se a esses dois ambientes." Sua posição contrária à profissionalização na escola primária se fundamenta em princípios de ordem político-social e psicológica:

Seja, pois, a escola primária, tanto urbana como rural, democraticamente, humanamente, uma escola de ensino "comum". Destinada indistintamente a todas as crianças de oito a catorze anos — filhos do comerciante ou do fazendeiro, filhos do colono ou do operário — dê-lhes o mínimo (enquanto não puder dar o máximo) de educação "comum" indispensável à vida social.

Embora o autor fosse favorável e defensor da escola rural comum, reconhecia a necessidade urgente de que providências fossem tomadas no sentido de que, a partir dos conhecimentos básicos adquiridos no Curso Primário, se desenvolvesse a educação profissional rural, através de vários recursos: escolas profissionais, clubes agrícolas, cursos técnicos de aperfeiçoamento, etc.

MOREIRA (1960, p.424) demonstra sua posição em relação ao assunto, afirmando "que escola e meio sócio-eco

nômico devem achar-se em situação de integração" e explica, reportando-se à realização do VIII Congresso Brasileiro de Educação, em Goiânia - 1942, que desde aquela época já pensava em "estudar a escola, ou melhor, a educação elementar, dum ponto de vista ecológico, ao mesmo tempo social e econômico...". Em coerência com as idéias acerca do papel representado pela escola em relação ao contexto social do qual ela faz parte e com a sua própria concepção, explicitada na citação inicial, o mesmo autor, mais adiante, se expressa:

É claro que as escolas sozinhas não farão milagres.

Devem estar aliadas a uma política de investimento e de melhoramentos rurais, de assistência e levantamento do padrão de vida dos camponeses ou dos pescadores. Nas zonas de miséria, de atraso e de produção escassa, onde o homem é corroído pelas endemias e o pauperismo, só a educação, independente de uma política administrativa mais ampla, terá que fracassar.

Para esses autores e outros professores universitários e pensadores sociais como Fernando de Azevedo, Abgar Renault e Teixeira de Freitas, a solução dos problemas rurais exigia providências de maior envergadura que apenas aquelas referentes à educação; dentre várias, destacam-se: a reforma agrária, desenvolvimento de serviços de fomento à produção agrícola, de financiamento e defesa da produção, melhoria das vias de comunicação, serviços de assistência. Na área educacional, defendiam a criação de serviços que atendessem a adolescentes e adultos analfabetos, missões rurais, melhoria das instalações escolares, inclusive a construção de habitações para professores e, de certo modo, pro

punham e defendiam um programa semelhante ao que a UNESCO posteriormente definiu como "educação de base".

Diante do exposto, observa-se que embora os dois grupos divergissem quanto à função da escola primária rural, concordavam em vários outros pontos.

Em pouco tempo, o movimento de "ruralização do ensino" ou "ruralismo pedagógico" tomou vulto, passando a influir sobre a política educacional e agrícola do País, tanto a nível federal quanto a nível estadual, mantendo-se em evidência até a década de 60, embora sofrendo críticas e oposição de educadores e intelectuais influentes. São frutos desse movimento o aumento da rede escolar primária rural, a expansão de cursos normais regionais subvencionados financeira e tecnicamente pelo Ministério da Educação, o mesmo ocorrendo com a criação de vários órgãos emergenciais como a Campanha de Educação de Adultos que, segundo MCREIRA (1960, p.435), "obteve resultados práticos com uma cartilha, ao fim de seis semanas..." e a Campanha de Educação Rural. Constituem também empreendimentos decorrentes desse movimento, dentre outras programações desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP): promoção de cursos especiais para treinamento de professores leigos e preparação de professores supervisores de leigos. Várias secretarias de educação, principalmente aquelas de estados com tradição educacional, se incorporaram ao movimento e, dentre essas, vale ressaltar a do Rio Grande do Sul que, além de outras atividades, organizou e desenvolveu um currículo destinado ao ensino primário rural. TORRES DA SILVA (1957, p.37-8) relata que,

Em 1942, a Secretaria de Educação e Cultura realizou um Curso intensivo para professores superintendentes de clubes agrícolas (...) foram criadas (...) cinco Escolas Normais Rurais

(...) Em 1950 e em 1951 a Secretaria de Educação e Cultura realizou cursos intensivos para formação de professores primários rurais...

Ainda TORRES DA SILVA (1957, p.20) demonstra preocupação com o homem e o ambiente rural e convicção da necessidade de integrar os setores sócio-econômico e educacional, ao afirmar:

Já é tempo de conjugarmos esforços (...); de levar ao habitante do campo, ignorante, doente, subalimentado, a assistência técnica e social com a orientação profissional, a saúde, (...) a Educação, enfim. Só melhorando suas condições de vida conseguiremos levá-lo a reagir vitoriosamente sobre o meio e fixá-lo à terra,...

No Estado da Bahia, a educação rural também foi considerada um dos meios para refrear as migrações internas.

A 7 de abril de 1956, o Governador do Estado, Dr. Antonio Balbino, apresentou à Assembléia Legislativa da Bahia mensagem através da qual conclamava os parlamentares a aprovarem a municipalização e regionalização do ensino, convicto estava ele de que o ensino primário deveria ser subvencionado e assistido tecnicamente pelo Estado, porém desenvolvido sob a jurisdição do Município. Na mesma mensagem, ao analisar problemas do ensino rural, justificava a dificuldade de manutenção do professorado nas classes rurais como sendo decorrência de sua formação urbanística e de sua inconformação em permanecer ensinando nas vilas, distritos ou povoados. Reportando-se à implantação da Campanha de "Uma Escola em cada povoado", o Governador considerava que esforços somados permitiriam a redução de carências e

estimularia a participação de entidades diversas, dentre as quais as particulares e municipais. Finalmente, demonstrando seu propósito de promover articulações entre diferentes segmentos institucionais, ele anuncia sua pretensão de criar o Instituto de Educação Rural com sede em Cruz das Almas.

Em 22 de abril do mesmo ano, a Superintendência do Ensino Elementar da Secretaria de Educação e a Campanha Nacional de Educação Rural na Bahia, através de uma exposição de motivos ao Ante-Projeto de Lei de criação do Instituto de Educação Rural da Bahia e instituição do Conselho Técnico de Educação Rural, enviaram ao Governo Estadual um plano que possibilitaria o equacionamento e a solução de problemas educacionais das zonas rurais do Estado. Nesse documento, seus autores, SÁ TELES & LUIZ ROGÉRIO (1957, p.9) fazem inicialmente uma análise demonstrativa da situação do ensino rural e, dentre os aspectos analisados, ressaltam-se aqueles que se referem à:

- . formação do professorado:

O magistério primário não recebe sua formação num sistema estruturado que assegure aperfeiçoamento gradativo e uma articulação que atenda à diferenciação do ensino função do meio.

- . implicação do tipo de formação dos professores sobre a permanência dos mesmos na zona rural:

...e como consequência da formação urbanística dos professores, ocorreu o fenômeno, natural, aliás, do êxodo para a Capital, de professores que serviam não apenas nas comunidades rurais, mas também nas vilas e cidades...

- . disparidade entre o atendimento escolar às populações ur

banas e rurais, visto que, em dezembro de 1955, a rede estadual de ensino em funcionamento possuía 2.164 unidades escolares e dessas:

... 1.095 se localizavam em cidades, 486 em vilas e somente 583 na zona rural. (...) a população geral das cidades e vilas do interior do Estado atinge apenas a cifra de 861.085, ao passo que a da zona rural é de 3.556.255, significando que nas cidades e vilas, há uma unidade escolar para 545 habitantes mas, na zona rural, a proporção é de uma unidade para 6.100 habitantes.

Concluem os autores do ante-projeto, Prof. J.F. de Sá Teles, Superintendente do Ensino Elementar da Secretaria de Educação da Bahia, e Prof. Luiz Rogério de Souza, Executor da Campanha Nacional de Educação Rural na Bahia-MEC, que, aprovado o ante-projeto da Lei do Instituto de Educação Rural da Bahia, "... a zona rural do Estado receberá o que se lhe deve e tem sido negado até hoje - a oportunidade de educar-se..."

As providências anteriormente citadas foram tomadas a partir da metade dos anos 50 (cinquenta) e mais de duas décadas já decorreram entre a fase de intensas atividades governamentais e pedagógicas comuns a outros estados como, por exemplo, implantação da rede de ensino rural, treinamento de professores, campanha de alfabetização, etc.; infelizmente, porém, o panorama da educação rural mudou muito pouco. No próprio município onde se instalou o Instituto de Educação Rural da Bahia, Cruz das Almas, o ensino rural ainda se encontra em condição bastante deficiente que permite a inferência: a zona rural baiana ainda não recebeu o que se lhe deve, "a oportunidade de educar-se".

O exame da literatura relacionada com a educação rural demonstra que a maioria das publicações refere-se a essa, em contextos globais de levantamentos históricos do desenvolvimento do ensino no País, tece comentários, críticas e reflexões sobre o atraso com que vem se desenrolando o processo educacional nas regiões rurais, relata planos de ensino de formação de professores, faz recomendações com vistas ao desenvolvimento de programas de ensino para a zona rural e outros empreendimentos, ou limita-se à discussão de problemas crônicos de educação no meio rural. Pode-se constatar, portanto, a carência de trabalhos experimentais sobre o assunto, desde que a maioria dos trabalhos existentes se restringe ao campo teórico; embora alguns tenham ultrapassado esse campo, não podem ser considerados experimentais, porque não preenchem os requisitos necessários. A carência de trabalhos experimentais sobre a educação no meio rural não é peculiar apenas ao Brasil; outros países que se encontram nas mesmas condições de desenvolvimento também carecem desse tipo de trabalho, conforme declaram BREMBECK & HOVEY (1973, p.240) ao relatarem projetos e programas de ensino rural desenvolvidos na América Latina e África:

Concluimos pela nossa enquete, que as escolas primárias têm preenchido três funções: a - ensino de disciplinas gerais e profissionais; b - ensino de um núcleo comum e preparação para estudos posteriores; c - integração de um conteúdo rural ao ensino de mecanismos de base. Cada uma dessas orientações pode ser válida e promissora, mas ainda não existem dados estatísticos fidedignos ou mesmo estudos descritivos que as justifiquem.

As programações nacionais não se caracterizam como

trabalhos experimentais porque, à semelhança daquelas analisadas por Brembeck e Hovey, não foram avaliadas a partir de critérios ou parâmetros que permitissem determinar a qualidade e quantidade dos efeitos produzidos, o grau de melhoria do ensino ministrado pelos professores que realizaram treinamentos, nem tão pouco o nível das mudanças resultantes da aplicação de currículos.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo serão abordadas todas as ações realizadas com vistas à consecução dos objetivos propostos para cada uma das fases estabelecidas: a inicial, a diagnóstica e a experimental.

A fase inicial, considerada como o período necessário à realização dos primeiros contactos com a região, indivíduos e instituições, teve a duração de agosto a outubro de 1977.

Caracterizou-se como fase diagnóstica aquela desenvolvida no período de outubro a dezembro de 1977, com a finalidade de obtenção e tratamento de dados referentes à região e seus habitantes.

Definiu-se como fase experimental o período compreendido entre janeiro de 1978 a dezembro de 1982, ou seja, o tempo equivalente à aplicação do novo currículo nas quatro séries da escola rural.

De acordo com a delimitação do estudo e as justificativas apresentadas, a fase experimental relatada neste capítulo, corresponde ao período de janeiro a dezembro de 1978.

Necessário se faz ressaltar que, teoricamente, as fases estabelecidas parecem ser nitidamente delimitadas; na prática, todavia, seus limites se mostraram muito menos demarcados em decorrência da complexidade e da interrelação das atividades desenvolvidas em função da elaboração de um currículo com características específicas: bases assentadas nos centros de interesses da criança e da comunidade adulta e construção, aplicação e avaliação simultâneas.

Em decorrência da metodologia desenvolvida, a análise dos dados não se fez em um momento único e posterior à fase de coleta; todo o trabalho de análise foi realizado durante o próprio processo.

3.1 - Fase inicial: agosto
a outubro de 1977

Essa fase teve como objetivo divulgar e sensibilizar os diferentes níveis de decisão do Município, quanto à possibilidade de aplicação do novo currículo.

As estratégias adotadas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios:

- . adequação ao objetivo da fase
- . número de sujeitos atingíveis
- . tempo necessário à execução
- . recursos humanos necessários e disponíveis
- . recursos materiais necessários e disponíveis

Procedida a análise seletiva de possíveis estratégias, optou-se pelas seguintes:

a) visita às escolas considerando-se que durante a mesma poderia ser feita a divulgação da nova proposta curricular; o número de escolas a serem visitadas deveria ser limitado a uma amostragem; a duração poderia ser previamente estabelecida; os recursos humanos e materiais necessários à realização dessas visitas seria restrito a um visitador que poderia, com uma única viagem Salvador-Cruz das Almas, realizar todas as visitas programadas devido à disponibilidade da condução;

b) reunião, para o que os participantes poderiam ser convocados previamente; durante a mesma seria realizada a divulgação do projeto, iniciando-se o processo de sensibilização; sua duração poderia ser pré-estabelecida e seria necessário apenas o deslocamento de um elemento coordenador, utilizando-se, para tal, o veículo existente;

c) palestra, para que a divulgação e a sensibilização pudessem atingir um número maior de sujeitos previamente-

te convidados a assisti-la; o tempo necessário deveria ser estabelecido com antecipação e seria requerido o deslocamento de apenas um palestrante que contaria, igualmente, com a condução.

Considerando-se o poder decisório que detém, em sala de aula, o professor e, de certo modo, o aluno, foi esse o primeiro nível com o qual foram mantidos os contactos, com o intuito de detectar uma possível receptividade a um novo currículo.

Para a realização desses contactos, visitaram-se várias escolas em localidades diferentes, relacionadas a seguir:

Escola Francisco José Barbosa	- Tuá
Escola Vinte e Nove de Julho	- Boca da Mata
Escola Santana	- Pumba
Escola Prof. Clodoaldo Gomes da Costa	- Capivari

Embora a nível pedagógico a capacidade decisória seja exercida principalmente pelo professor, a nível de sistema, as decisões competem às autoridades político-administrativas, razão pela qual foram também mantidos contactos, através de reuniões com o Prefeito, Diretor de Ensino Municipal e Supervisores Municipais, a fim de que os mesmos tomassem conhecimento das pretensões relativas à elaboração de um novo currículo e do possível envolvimento dessas instâncias nas ações futuras do projeto.

Como o Colégio Estadual Alberto Torres é o único estabelecimento oficial responsável pela formação dos professores primários da região, foi necessário manter contactos não apenas com a direção, mas também com o corpo docente daquele Colégio, objetivando informá-los sobre o projeto e sensibilizá-los.

A estratégia inicial foi uma reunião com a direção;

posteriormente foi feita uma palestra à qual compareceram professores das diferentes áreas de estudo. Nessa ocasião, tomaram conhecimento dos objetivos do projeto, de sua viabilidade e operacionalização, ao tempo em que foram convidados a refletir sobre a sua possível participação futura como integrantes das equipes supervisoras e agentes multiplicadores, principalmente os responsáveis pelas disciplinas Didática e Prática de Ensino.

De acordo com o exposto, essa fase caracterizou-se como o período de interação inicial, cujo objetivo foi a divulgação do projeto e a sensibilização dos diferentes níveis comunitários a serem envolvidos; deles dependeriam as decisões quanto à aceitação e à aplicação do novo currículo, baseado nos centros de interesses da criança e da comunidade.

3.2 - Fase diagnóstica: outubro a dezembro de 1977

Tendo como objetivo básico o conhecimento da realidade para a qual o currículo seria elaborado, durante essa fase, todas as ações foram direcionadas para a obtenção de dados relativos ao contexto rural do município de Cruz das Almas-BA.

A estratégia considerada mais adequada para as primeiras sondagens necessárias à posterior caracterização do contexto escolar foi a realização de visitas informais a cinco escolas escolhidas aleatoriamente, abaixo registradas, com as respectivas localidades:

Escola Joana Angélica	- Tapera
Escola Josué Rebouças	- Caminhoá
Escola Santa Cruz	- Campo Limpo
Escola Prof. Rosenita Marques	- Tereza Ribeiro
Escola Getúlio Vargas	- Sapucaia

Objetivando a uniformidade e precisão das observações a serem realizadas, confeccionou-se um roteiro:

Roteiro de observação

- Condições físicas do prédio:
 - . tipo de construção
 - . estado de conservação da construção
 - . existência e condições da área externa
 - . existência de instalações sanitárias
 - . disponibilidade de água potável
 - . tipo e estado de conservação do mobiliário escolar
- Condições pedagógicas da sala de aula:
 - . número de alunos x número de carteiras
 - . número de alunos x área da sala
 - . disponibilidade de material escolar
 - . fornecimento de merenda escolar
 - . tipo de frequência escolar
- Planejamento de curso:
 - . existência
 - . tipo: mensal, semanal, semestral, anual
 - . responsabilidade da elaboração
- Atividades realizadas em classe:
 - . tipo
 - . áreas de estudo
 - . adequação à clientela
- Reações dos alunos durante a aula:
 - . passividade
 - . apatia
 - . participação
 - . agressividade
 - . receptividade

- Relacionamento professor-aluno:
 - . tipo: diretivo, não diretivo
- Interação escola-comunidade:
 - . existência
 - . tipo

As observações realizadas diretamente e as informações prestadas pelos professores durante as conversações mantidas, quando das visitas às escolas, forneceram subsídios para a seleção da estratégia a ser utilizada e para a definição do instrumento de coleta dos dados necessários à caracterização da escola-tipo da região, considerados os elementos: professor, aluno e instalações.

Selecionada a estratégia, elaborou-se o questionário com perguntas fechadas, referentes aos seguintes aspectos:

- Professor:
 - . identificação
 - . grau de escolaridade
 - . realização de curso de treinamento
 - . outras atividades profissionais
 - . vinculação com o Sistema de Ensino Municipal
- Aluno:
 - . série, turno, número de alunos atendidos pelo professor
 - . frequência
 - . absenteísmo e causas
 - . período de maior absenteísmo
 - . causas do absenteísmo por período
 - . atividades realizadas na escola
 - . atividades escolares preferidas

- Escola :

- . tipo de construção
- . número de salas
- . estado de conservação da escola
- . área da sala de aula x número de carteiras
- . número de carteiras x número de alunos
- . tipo de carteira e outros móveis
- . existência e utilização de área externa
- . existência de instalações sanitárias em condições de uso
- . origem e armazenamento da água consumida
- . tipo de tratamento dado à água consumida
- . distribuição da merenda escolar
- . tipo de alimento oferecido como merenda escolar
- . alimentos preferidos pelos alunos

Tendo em vista que a criança participa simultaneamente do contexto-escola e do contexto-comunidade, e, de acordo com os princípios básicos de elaboração de currículo, fez-se necessário também a coleta de dados que possibilitassem a caracterização da comunidade-tipo. Com o objetivo de uniformizar as observações diretas, foram escolhidos os itens:

- Aspecto exterior das casas:

- . estado geral de conservação
- . existência de reboco
- . existência de área externa
- . aproveitamento da área externa
- . condições higiênicas da área externa

- Distribuição das casas na localidade:

- . isolada
- . em ruas
- . irregular
- . em pequenos aglomerados

- Localização das casas em relação à escola:
 - . distância
- Assistência sanitária:
 - . existência
 - . tipo
- Estabelecimento comercial:
 - . existência
 - . tipo
- Estabelecimento industrial:
 - . existência
 - . tipo

Os resultados das observações realizadas em cinco localidades escolhidas ao acaso e referentes à caracterização da comunidade-tipo da região contribuíram para a seleção de outra técnica e respectivo instrumento para coleta de dados não observáveis diretamente. Desse modo, foi selecionada a aplicação de questionário com perguntas fechadas referentes aos seguintes dados:

- Identificação dos moradores:
 - . nome
 - . sexo, idade
 - . posse de registro civil
 - . vinculação com o chefe familiar
 - . nível de escolaridade
 - . razão de possível abandono à escola
 - . profissão ou ocupação do chefe familiar
 - . residência anterior (10 anos)
- Caracterização da casa:
 - . tipo de construção
 - . número de cômodos

- . relação morador-quarto
 - . existência e tipo de instalações sanitárias
 - . existência e tipo de fossa
 - . localização da fossa
- Hábitos higiênicos:
- . origem da água usada na alimentação
 - . tratamento dado à água da alimentação
 - . local de armazenamento da água usada na alimentação
 - . origem da água usada para lavagens e banhos
 - . destino do lixo da casa
- Hábitos alimentares:
- . realização das refeições em família
 - . número de refeições diárias
 - . alimentos consumidos nas refeições de 2a. a 6a.feira
 - . alimentos consumidos aos sábados e domingos
 - . alimentação das crianças com idades entre 0 e 2 anos
- Indicadores de saúde:
- . providências tomadas quando um familiar adoece
 - . existência de posto de saúde na localidade
 - . distância do posto de saúde mais próximo, expressa em horas gastas para alcançá-lo
 - . ocorrência e número de óbitos infantis
 - . registro dos óbitos ocorridos
 - . causas dos óbitos ocorridos
 - . frequência de atendimento odontológico
 - . tipos de vacinas tomadas: crianças e adultos
 - . frequência de realização de exame parasitológico de fezes
- Indicadores sócio-econômicos:
- . número de familiares que têm trabalho remunerado
 - . tipos de trabalho e modalidades de remuneração

- . número de dias semanais de trabalho
 - . forma de pagamento recebido pelo chefe familiar
 - . renda familiar
 - . situação de posse da morada
 - . situação do chefe familiar em relação à terra onde trabalha
 - . relacionamento com instituições técnicas e/ou agrícolas
 - . vinculação a serviços de assistência social
- Família-comunidade:
- . existência de problemas comunitários
 - . resolução de problemas comunitários
 - . existência de lideranças comunitárias
- Aspirações e lazer:
- . satisfação em morar na localidade
 - . satisfação pelo trabalho que realiza
 - . aspiração a outras ocupações
 - . existência de filhos com profissionalização
 - . pretensão profissional para os filhos
 - . utilização das horas de lazer
 - . tipos de lazer dos adultos e crianças
 - . utilização de veículos de comunicação: rádio, TV, livros, revistas e jornais
 - . assistência e participação em reuniões
 - . tipos de reuniões freqüentadas

Considerando-se que o currículo a ser proposto deveria se basear nos centros de interesses da criança e da comunidade, a medida subsequente à coleta de dados relativos à comunidade foi a identificação dos centros de interesses da criança.

Com a finalidade de obter os dados que permitissem o diagnóstico dos centros de interesses da população escolar e, ao mesmo tempo, o levantamento do vocabulário básico

usado pelas crianças, realizou-se uma pesquisa de campo utilizando-se, como estratégia, entrevista estruturada.

Para a realização dessa pesquisa, solicitou-se ao Departamento de Ensino Municipal que processasse, em dezembro de 1977, a pré-matrícula dos alunos que ingressariam em 1978, na 1a. série de cada uma das escolas previamente selecionadas; em seguida, construiu-se o roteiro da entrevista, a partir do estabelecimento das seguintes áreas de questionamento:

- Lazer:
 - . tipos de brincadeiras realizadas
 - . tipos de brinquedos usados
- Realização de tarefas:
 - . tipos
 - . freqüência
- Preferências em relação a atividades:
 - . de lazer
 - . escolares
 - . ocupacionais
 - . sociais
- Preferências em relação a:
 - . colegas
 - . amigos
 - . parentes
- Atividades de fim de semana:
 - . tipos
 - . receptividade

Em janeiro de 1978, realizou-se a entrevista com as crianças das sete escolas selecionadas, tendo-se atingido uma

população de 148 (cento e quarenta e oito) crianças. Esse total corresponde a 69,8% do total de crianças pré-matriculadas nas mesmas escolas, conforme se pode observar na TABELA I:

TABELA I - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLAR PRÉ-MATRICULADA E ENTREVISTADA, SEGUNDO ESCOLA E LOCALIDADE

Escola	Localidade	Alunos	
		Pré-Matriculados	Entrevistados
Francisco José Barbosa	Tuã	40	20
E. da Aldeia	Aldeia	30	11
Coração de Jesus	Mã Vida	32	32
Santa Maria	Bebe Água	22	21
Manoela Caetano R. Passos	Ponto Certo	26	26
Augusto Eugênio da Silveira	Sapucaia	25	13
Vinte e Nove de Julho	Boca da Mata	37	25
TOTAL		212	148

A pesquisa foi realizada em um só dia, por uma equipe previamente treinada e constituída por um psicólogo e três professores elaboradores do currículo. Para tanto, as escolas selecionadas foram divididas em dois grupos: quatro tiveram seus alunos entrevistados durante o turno matutino e três tiveram seus alunos entrevistados no turno vespertino.

A entrevista se constituiu num diálogo estruturado e informal cujas perguntas formuladas foram construídas com linguagem simples e na ordem direta, a fim de que fossem respeitadas, ao máximo, as limitações da faixa etária dos entrevistados, assim como sua individualidade e as características regionais. Desse modo, cada criança se disporia a fornecer, através de suas respostas, os dados quantitativos

e qualitativos que possibilitassem o diagnóstico de seus centros de interesses e, então, o levantamento do vocabulário básico utilizado pudesse ser procedido.

A duração de cada entrevista foi previamente estimada em dez minutos por criança, levando-se em conta características já observadas durante a fase inicial, a quantidade de questões formuladas, quantidade e qualidade das respostas a serem dadas pelas crianças e o tempo necessário para serem feitas as anotações.

A técnica adotada para registro dos dados foi anotação manucrista para evitar que, além da presença do entrevistador, outras variáveis como, por exemplo, uso de gravador, pudessem interferir no comportamento das crianças e, conseqüentemente, influenciar sobre a quantidade e qualidade das respostas.

3.2.1 - Recrutamento de recursos humanos

Paralelamente às estratégias já descritas, foram identificados os recursos humanos necessários à supervisão da fase experimental de aplicação e avaliação do novo currículo, e os professores que desenvolveriam o currículo em suas salas de aula.

3.2.1.1 - Constituição da equipe de supervisão local

No município de Cruz das Almas-BA, recrutaram-se os supervisores locais, em número de cinco, com as características que se seguem:

- . dois exercendo a função e pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino;
- . um exercendo a função e pertencente ao Sistema Estadual de Ensino;
- . dois não exercendo a função, mas fazendo parte do corpo

docente do Colégio Estadual Alberto Torres.

Essa formação da equipe de Supervisão (ANEXO 01) demonstrou, de modo concreto, a consecução dos objetivos propostos para a fase inicial, no que se refere à sensibilização e envolvimento dos diferentes níveis comunitários.

3.2.1.2 - Constituição da equipe de professores das classes experimentais

A equipe de professores das classes experimentais foi constituída, inicialmente, a partir dos critérios:

- . não ser professor titulado
- . ser regente de classe com alunos de 1ª. série
- . pertencer a uma escola geograficamente equidistante da sede do Município e das demais escolas

O número de participantes dessa equipe foi estabelecido em nove, levando-se em conta a amplitude e significação da amostragem.

Selecionados os professores rurais que atendiam aos critérios estabelecidos, esses foram convocados e compareceram a uma reunião com a seguinte pauta:

- . comunicação dos objetivos do projeto
- . explicação da operacionalização do novo currículo
- . atribuições do professor de classe experimental
- . duração da fase experimental
- . condições oferecidas pelo projeto

Dessa reunião resultou a formação da equipe de professores das classes experimentais das seguintes escolas

e respectivas localidades:

Coração de Jesus	Mã Vida
Augusto Eugênio da Silveira	Sapucaia
Santa Maria	Bebe-Água
Manoel Caetano R. Passos	Ponto Certo
E. da Aldeia	Aldeia
Josué Rebouças	Caminhoá
Joana Angélica	Tapera
Francisco José Barbosa	Tuá
Vinte e Nove de Julho	Boca da Mata

A equipe de professores das classes experimentais assim constituída foi, posteriormente, modificada: os professores regentes de classes rurais do Município que não possuíam titulação foram convocados pela Coordenadoria Regional de Santo Amaro - CR 1, para realizarem um curso que os qualificaria profissionalmente como professores primários: Habilitação de Professores Leigos (HAPROL). O curso seria cumprido em etapas alternadas de regime intensivo e de ensino à distância; a primeira das etapas de regime intensivo deveria ocorrer durante os meses de fevereiro a maio de 1978, implicando no afastamento dos professores de suas classes e resultando na suspensão das aulas durante o mesmo período e nos demais em que fosse desenvolvida nova etapa intensiva do curso.

Diante de tal ocorrência imprevista, a situação que se configurava nas classes experimentais selecionadas não oferecia condições para aplicação experimental do currículo. Buscando solução para o impasse surgido, procedeu-se o levantamento do número de professores portadores de titulação e, portanto, não convocados para o referido curso de habili

tação. Utilizando-se esse levantamento, pesquisou-se que professores já titulados regiam classes de 1ª. série isolada das demais, a que escola pertencia sua classe de 1ª. série e onde estava localizada, a fim de que se pudesse obedecer aos demais critérios da primeira seleção de classes experimentais.

Comprovou-se, com a pesquisa, que nas localidades de Sapucaia, Aldeia, Bebe-Água e Ponto Certo havia professores que possuíam titulação e atendiam aos critérios estabelecidos, o que permitiu que, nessas mesmas localidades anteriores selecionadas, funcionassem novas classes experimentais. Constatou-se também a possibilidade de selecionar cinco novas classes de escolas cujas localizações atenderiam também ao critério de equidistância geográfica da sede. Como resultado, classes de 1ª. série das escolas localizadas em Itapicuru, Embira, Poções, Santa Júlia e Alto do Pombal passaram a fazer parte do grupo experimental, conforme se observa na relação a seguir:

Augusto Eugênio da Silveira	Sapucaia
Santa Maria	Bebe-Água
E. da Aldeia	Aldeia
Manoel Caetano R. Passos	Ponto Certo
Santa Bernadete	Itapicuru
E. Rural da Embira	Embira
E. Rural dos Poções	Poções
Otília Conrado	S. Júlia
Maria Quitéria	Alto do Pombal

Da ocorrência imprevista resultou nova pesquisa de campo com a reaplicação da entrevista estruturada às crianças das novas classes experimentais. Dessa aplicação obtiveram-se dados com a mesma natureza dos anteriores. A TABELA-

LA II contém o novo universo pesquisado.

TABELA II - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLAR ENTREVISTADA NAS NOVAS CLASSES EXPERIMENTAIS POR ESCOLA

Escola	Número de crianças
Augusto Eugênio da Silveira	30
Santa Maria	30
E. da Aldeia	25
Manoel Caetano R. Passos	42
Santa Bernadete	30
E. Rural da Embira	35
E. Rural dos Poções	30
Otília Conrado	35
Maria Quitéria	32
TOTAL	289

Após o início da fase experimental, por motivos diversos, houve redução do número das classes de nove para cinco e, conseqüentemente, o número de alunos foi reduzido para 145 (cento e quarenta e cinco).

A Escola Otília Conrado, localizada na Fazenda Santa Júlia, teve suas atividades paralisadas durante três meses para restauração do prédio e do mobiliário. Não se conseguiu a continuação das atividades escolares em outras dependências, conforme estava previsto, e tendo sido mantido o mesmo calendário, isto é, conclusão do ano letivo em 12 de dezembro, a aplicação experimental do currículo tornou-se inviável.

Problemas de saúde determinaram, após sucessivos períodos de licenças médicas, o afastamento de dois professores, um da Escola Santa Maria, em Bebe-Água e outro da Escola Aldeia. As

contínuas interrupções das atividades escolares e a não substituição dos professores, por parte da Diretoria de Ensino Municipal, impossibilitaram a manutenção dessas duas classes experimentais no universo da pesquisa.

Finalmente, a classe da Escola Manoel Caetano R. Passos, situada na localidade Ponto Certo, foi excluída. A falta de assiduidade de seu professor, constatada *in loco* pela supervisão regional e pela supervisão central, através da avaliação do produto do aluno, motivou a defasagem da aplicação da proposta curricular. Assim sendo, o experimento desenvolveu-se com cinco classes cuja relação e respectivos professores encontram-se no ANEXO 01.

3.2.1.3 - Constituição da equipe de elaboração do currículo

Em Salvador, procedeu-se o recrutamento dos professores elaboradores do currículo (ANEXO 01) a ser experimentado nas escolas rurais de Cruz das Almas.

A identificação dos integrantes dessa equipe foi feita analisando-se os aspectos:

- . áreas de estudo curricular previstas pela legislação
- . experiência profissional por área de estudo
- . experiência no relacionamento com comunidades rurais
- . disponibilidade de tempo para realização de atividades na Capital e em Cruz das Almas
- . experiência em montagem de currículo

A partir dessa análise, foram convocados para constituição da equipe:

a) do corpo docente do Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores de Ciências e Matemática -

Faculdade de Educação da UFBA (PROTAP), além dos dois membros natos - diretora do Programa, como Coordenadora Geral do Projeto de Educação Rural e a pesquisadora, Coordenadora do sub-projeto referente à elaboração, aplicação e avaliação do novo currículo -, dois professores pertencentes um ao Setor de Ciências e outro, ao Setor de Matemática;

b) do quadro da Faculdade de Educação da UFBA, um professor da área de Estudos Sociais e, do Curso de Mestrado em Educação, um psicólogo;

c) fora do âmbito universitário, um professor da área de Comunicação e Expressão, especialista em alfabetização.

Constituída a equipe de professores elaboradores e, de acordo com os princípios básicos de montagem de currículo, a tarefa inicial desses professores foi analisar e avaliar o currículo oficial da 1ª. série em aplicação na zona rural de Cruz das Almas. Para tanto, foram tomados os parâmetros:

- . objetivos estabelecidos
- . conteúdos selecionados
- . estratégias propostas
- . avaliação prevista
- . compatibilidade do currículo com realidade rural - centros de interesses comunitários
- . adequação do currículo à população escolar - centros de interesses da criança.

A posse de todos os dados coletados tornou possível o diagnóstico da realidade rural relativa aos contextos escolar e comunitário.

3.2.2 - Instrumentos de coleta de dados

3.2.2.1 - Questionários

Objetivando a elaboração dos questionários para coleta de dados qualitativos e quantitativos, que possibilitassem a caracterização da realidade do ensino e da comunidade rural de Cruz das Almas, foram estabelecidos os sujeitos - professor, aluno, morador - e campos de questionamento - contexto escolar, contexto comunitário.

A partir do estabelecimento dos sujeitos e campos de questionamento, foi elaborada uma série de perguntas básicas a constarem dos instrumentos para caracterização da escola-tipo e comunidade-tipo.

Quais as condições físicas das escolas rurais do Município quanto ao tipo de construção, número de salas, existência de dependências sanitárias?

Quais as condições higiênicas referentes ao tipo de água e instalações sanitárias?

Qual o tipo e estado de conservação do mobiliário escolar?

Qual o nível de escolaridade do professor?

Existe o hábito do professor realizar cursos de reciclagem?

O professor tem outra ocupação além do magistério?

Qual o vínculo do professor com o Sistema Municipal de Ensino?

O aluno recebe merenda escolar?

Como se apresenta a frequência escolar durante o ano letivo?

Os alunos possuem materiais escolares tais como livro, caderno, lápis, etc.?

Como são as casas dos moradores da comunidade?

Qual o nível de escolaridade dos moradores?

Qual o tipo de ocupação e/ou profissão dos moradores?

Existem lideranças na localidade?

Quais as condições higiênicas da localidade?

Quais as condições sanitárias da localidade?

Que aspirações tem a família em relação às crianças?

Quais as atividades realizadas nos dias ou horas de folga do trabalho?

Em virtude da facilidade que oferece para a computação das respostas e pela inexistência de risco de viés, optou-se pela formulação de questões fechadas, cuja redação deveria ser feita com linguagem direta e vocabulário do cotidiano da região; as questões deveriam ser claras, suscintas, sem ambigüidade, exigindo como respostas: sim ou não, preenchimento de lacunas e marca de alternativa numa relação apresentada.

Propostos os objetivos, estabelecidos os sujeitos, delimitados os campos de questionamento, levantadas as questões básicas, selecionado o tipo de questão a ser formulada, procedeu-se a construção de dois instrumentos destinados a coletar os dados requeridos. Um questionário a ser respondido pelo professor rural referente ao contexto-escola e outro a ser respondido por elementos pertencentes à comunidade e através do qual seriam obtidos os dados referentes ao contexto-comunidade.

Para testagem dos instrumentos elaborados, foram selecionados, aleatoriamente, professores rurais que, na qualidade de profissionais e de elementos da comunidade, responderam, inicialmente, aos dois questionários; posteriormente, cada um desses professores, treinado previamente, aplicou, em sua localidade, o questionário de caracterização da comunidade-tipo. Os resultados da testagem mostraram a necessidade de modificar palavras utilizadas nos questionamen

tos em virtude de não serem de uso corrente dos próprios professores nem dos moradores. Necessário se fez também a modificação de alguns itens da tabela existente.

Procedidas tais modificações, realizou-se novo teste, não sendo mais observados os referidos problemas. Desse modo, obtiveram-se os questionários definitivos (ANEXOS 02 e 03).

Em seguida, os professores das classes experimentais foram convocados para responder ao questionário de caracterização da escola-tipo e para o treinamento na aplicação do questionário de caracterização da comunidade-tipo, visando à uniformidade não só quanto ao modo de aplicá-lo, como quanto à escolha do informante.

O treinamento constou de explicações teóricas de como e a quem aplicar o questionário e da sua aplicação prática para caracterização da comunidade-tipo, com o objetivo de apresentar atividades e providências a serem adotadas durante sua aplicação formal.

3.2.2.2 - Roteiro da entrevista

Para construir o roteiro da entrevista, a fim de coletar dados que permitissem diagnosticar os centros de interesses da criança das comunidades rurais e, ao mesmo tempo, possibilitassem o levantamento do seu vocabulário básico, a ser explorado durante a alfabetização, foram considerados: o objetivo a ser alcançado, as observações já realizadas e os campos de questionamentos estabelecidos. Construído e utilizado durante a pesquisa, o roteiro foi, inicialmente, discutido com a equipe de professores elaboradores, que seriam também os entrevistadores; tomaram-se como referenciais de discussão as possíveis reações das crianças à entrevista e as providências a serem adotadas face às reações observadas. Com essa discussão pretendeu-se uniformizar as

ações quanto à postura dos entrevistadores, utilização de vocabulário, informações a serem dadas às crianças e o modo de transmiti-las, seqüência das perguntas e anotações das respostas obtidas, a partir do roteiro:

- Contacto coletivo

- . apresentação do entrevistador
- . explicações relativas à atividade a ser realizada
- . comunicação dos objetivos da atividade

- Contacto individual:

- . identificação do entrevistado: nome, idade
- . questionamento:
 - O que você faz durante o dia?
 - Quais as brincadeiras de que você gosta?
 - Quais os brinquedos que você usa para brincar?
 - Com quem você brinca?
 - Com quem você gosta mais de brincar?
 - Se trabalha, onde trabalha e o que faz?
 - O que você faz no sábado e no domingo?
 - Que coisas você gosta de fazer?
 - Que coisas você não gosta de fazer?
 - Você se lembra de alguma coisa que fez, com que ficou contente?
 - O que se faz na escola?
 - O que você gostaria de fazer na escola?

3.2.3 - Seleção das estratégias e instrumentos

As estratégias e os instrumentos para coleta de dados utilizados durante essa fase da pesquisa foram selecionados a partir dos seguintes critérios, assim definidos:

a) menor custo - gasto mínimo necessário correspondente à despesa com material a ser utilizado, se preciso, remuneração e/ou custeio de viagem de pessoal;

b) maior eficiência - maior precisão na coleta e tra

tamento dos dados;

c) menor risco - o procedimento que determina a aquisição de dados precisos em tempo hábil, considerando-se o período determinado para a conclusão da pesquisa.

Estratégia: Visitas

As visitas informais realizadas durante a sondagem inicial demonstraram ser de menor custo, porque não dependem da utilização de outros materiais, além do roteiro de observação a ser elaborado e seguido pela própria pesquisadora, eliminando-se, desse modo, a remuneração de pessoal de apoio e reduzindo-se a despesa do transporte e estadia durante um dia; foram consideradas de maior eficiência para as primeiras sondagens, porque a presença de vários elementos estranhos à comunidade, em caráter oficial, poderia interferir na precisão da coleta de dados; as visitas informais se evidenciaram como o procedimento de menor risco, porque permitiram a obtenção de dados precisos passíveis de análise imediata no tempo previsto.

Instrumento: Roteiro de observação

O instrumento selecionado para conferir uniformidade e precisão na coleta dos dados, durante as visitas às escolas, foi o roteiro de observação, anteriormente descrito, por ser o de menor custo levando-se em conta que, para sua elaboração, seriam necessários apenas tempo da pesquisadora e serviço de datilografia; considerou-se como o de maior eficiência, porque evitaria a dispersão das observações, conseqüentemente, delimitaria a quantidade e qualidade dos dados a serem coletados, o que permitiu identificar esse procedimento como aquele de menor risco para o estágio de pesquisa.

Estratégia: Coleta de dados através de questionário

Essa estratégia foi selecionada para coletar dados relati

vos ao contexto-escola e ao contexto-comunidade por ter demonstrado menor custo, considerando-se que os gastos com material seriam aqueles referentes à duplicação dos questionários em número pré-determinado e os gastos referentes à remuneração dos aplicadores de questionários seriam eliminados, porque esses seriam os próprios professores das classes experimentais selecionadas.

A utilização do questionário foi considerada como a estratégia de maior eficiência, porque os dados necessários seriam observados através de um instrumento previamente elaborado e testado pela própria pesquisadora, que poderia determinar o seu grau de precisão. Finalmente, essa estratégia apresentaria menor risco de distorção dos dados por não haver interferência dos aplicadores, vez que esses eram indivíduos pertencentes à própria comunidade rural e previamente treinados na aplicação do instrumento.

Instrumento: Questionário com perguntas fechadas

A utilização de perguntas fechadas na construção dos questionários a serem aplicados no contexto-escola e no contexto-comunidade decorreu da facilidade de registro e de computação das respostas que oferece esse tipo de pergunta, além da minimização do risco de viés.

Estratégia: Entrevista estruturada

Com o objetivo de coletar dados necessários à identificação dos centros de interesses das crianças e ao levantamento do seu vocabulário básico, a entrevista estruturada foi considerada de menor custo, porque os gastos com material seriam irrisórios, considerando-se que estariam restritos a um roteiro para cada entrevistador, bem como lápis e papel para anotações; as despesas com transporte e estadia de quatro entrevistadores seriam limitadas, apenas, a um dia, porque as crianças a serem entrevistadas poderiam ser convidadas a comparecer às respectivas escolas em dia e turno

pré-estabelecidos, permitindo, dessa maneira, que toda a população selecionada pudesse ser atingida em um só dia.

Essa estratégia demonstrou ser a de maior eficiência porque, através do diálogo, poderiam ser obtidos, simultaneamente, dados necessários ao diagnóstico dos centros de interesses das crianças e ao levantamento de seu vocabulário básico; finalmente, identificou-se como a que oferecia menor risco quanto à qualidade e validade dos dados obtidos, considerando-se que seria realizada por elementos componentes da equipe de elaboração do novo currículo.

Instrumento: Roteiro da Entrevista

Esse instrumento dispensou seleção por ser elemento condicionante do tipo de entrevista escolhida.

Para coleta e tratamento estatístico dos dados relativos aos contextos escola-tipo, comunidade-tipo, centros de interesses e levantamento do vocabulário básico das crianças foi selecionada a técnica de amostragem não probabilística, que permite a seleção das unidades amostrais deliberadamente, a partir da acessibilidade de condicionantes circunstanciais e, portanto, de critérios pré-estabelecidos.

Para coleta e tratamento estatístico dos dados relativos aos contextos escola-tipo, comunidade-tipo, centros de interesses e levantamento do vocabulário básico das crianças, foi selecionada amostragem de acordo com os mesmos critérios já mencionados e também considerada cada uma das estratégias e respectivos instrumentos.

Optou-se por amostragem visto que essa técnica seria de menor custo, considerando-se que o universo a ser visitado, questionado e entrevistado seria limitado a determinado número de localidades e indivíduos, implicando em menor número de viagens Salvador-Cruz das Almas e, consequen-

temente, reduzido o gasto com transporte e estadia de pessoal. Julgou-se, ainda, ser a técnica de maior eficiência, porque o pessoal responsável pela execução de cada uma das estratégias seria, respectivamente, o pesquisador, os professores das classes experimentais e professores elaboradores do novo currículo, proporcionando, desse modo, maior precisão na coleta e posterior tratamento dos dados; evidenciou-se como sendo a técnica que oferecia menor risco para a realização das visitas, das entrevistas e aplicação dos questionários em tempo hábil, porque um número pré-estabelecido de localidades e indivíduos seria atingido e não todo o Município.

3.3 - Fase experimental

Essa fase, na etapa de 1978, teve como objetivo a elaboração e testagem do currículo da 1a. série.

Considerando-se a interdependência dos procedimentos adotados durante essa fase e a finalidade de normalizar a descrição dos mesmos, foram estabelecidos os itens de abordagem:

- . elaboração da grade curricular
- . sistemática de orientação dos professores aplicadores
- . interação escola-comunidade
- . sistemática de avaliação

3.3.1 - Elaboração da Grade Curricular

Após a realização do estudo avaliativo do currículo oficial da 1a. série, em aplicação na zona rural de Cruz das Almas, e de posse do diagnóstico referente aos contextos escolar e comunitário, buscou-se, inicialmente, selecionar e adotar princípios básicos de teorias de aprendizagem, obter subsídios a partir de experiências curriculares realizadas

em outros centros e, desse modo, estabeleceram-se três princípios básicos que nortearam a estruturação da grade curricular:

a) a criança é o centro do processo ensino-aprendizagem;

b) a atividade mental do aluno constitui-se forma de aquisição do conhecimento;

c) as noções a serem ensinadas às crianças devem atender, ao mesmo tempo, às necessidades de sobrevivência e à necessidade social.

Considerando-se como básicos esses princípios, foram selecionados e estabelecidos os objetivos gerais da 1ª série, de modo que as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora fossem, gradativa e concomitantemente trabalhadas, na medida em que se realizassem as atividades curriculares. Os objetivos estabelecidos foram:

- . desenvolver as habilidades de observação e classificação
- . reconhecer a leitura e a escrita como meios de auto-expressão e de comunicação
- . compreender, através da descoberta, o número cardinal
- . formar hábitos, atitudes e desenvolver habilidades que propiciem o entrosamento das crianças entre si, das crianças com o professor, com as atividades da escola e com os valores da comunidade em que vivem

O procedimento imediato ao estabelecimento dos objetivos gerais foi a seleção e determinação dos conteúdos e habilidades das áreas de Comunicação e Expressão, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, a partir dos critérios gerais:

- . compatibilidade com centros de interesses da criança e da comunidade
- . adequação aos princípios básicos estabelecidos

. atendimento à legislação nacional de ensino

Quanto à área de Comunicação e Expressão, considerando-se que a criança da zona rural só inicia seu processo de alfabetização ao ingressar na 1ª. série, a seleção dos conteúdos dessa área só foi estabelecida após a definição do método de alfabetização a ser desenvolvido. Com essa finalidade, foram feitas consultas a especialistas no assunto, análise de métodos adotados em escolas oficiais e particulares da Capital e da sede do município de Cruz das Almas e considerados os resultados da análise do currículo desenvolvido na 1ª. série das escolas rurais do mesmo Município, no que se refere à alfabetização.

A posse dos dados acima referidos permitiu a identificação do Método Natural de Alfabetização, criado pela Professora Heloísa Marinho, como o mais adequado, principalmente por ser aquele que apresentava maiores possibilidades de adaptação à realidade rural, sem prejuízo de seus objetivos, linha filosófica e diretrizes metodológicas, além de possuir características tais como:

- . utilizar o vocabulário básico da criança como ponto de partida do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, característica essencialmente coerente com as bases curriculares estabelecidas;
- . utilizar palavras com significado e significância para a criança, facilitando, desse modo, a aprendizagem e o atendimento aos seus centros de interesses;
- . favorecer a autodireção, a iniciativa e a independência da criança, requisitos imprescindíveis à formação do indivíduo capaz de tomar decisões conscientes;
- . propiciar a realização de atividades diversificadas, considerando-se a precariedade das condições físicas e pedagógicas do contexto escolar rural;

- . possibilitar o atendimento efetivo às diferenças individuais que geralmente são evidenciadas, mas não respeitadas na maioria das situações;
- . proporcionar à criança situações de "ocupação interessada" permitindo, desse modo, que a escola se torne um ambiente agradável e estimulante à aprendizagem.

Uma vez selecionado o método de alfabetização e obtido o diagnóstico do contexto-escola, procederam-se as adaptações necessárias e relativas a:

a) Determinação das fases de aprendizagem componentes do método original

O método original propõe cinco fases sem prejuízo, entretanto, de suas linhas gerais e metodológicas. As duas primeiras, Pré-leitura e Inicial, foram fundidas em uma única. a primeira fase corresponde ao período introdutório à aprendizagem da leitura e da escrita, é flexível e sua duração depende da realidade da classe; a segunda corresponde ao período necessário para a criança fixar a grafia do seu vocabulário básico. A quinta e última fase - Desenvolvimento rápido da leitura - que, de acordo com o método, deveria integrar o currículo da 1a. série, passou a ser a 1a. etapa do currículo da 2a. série.

Assim sendo, para a 1a. série foram determinadas as seguintes fases:

- . Inicial - período necessário para a criança fixar a grafia do vocabulário básico, isto é, palavras representativas de imagens e experiências vivenciadas pela criança;
- . Intermediária - durante essa fase a criança procede à análise estrutural e comparativa das palavras de seu vocabulário de maneira gráfica e oral;
- . Final - fase em que ocorre a descoberta da leitura pela

criança e se consolida a fixação do vocabulário através da escrita, cuja aprendizagem requer mais tempo que a leitura.

b) Atividades previstas para cada uma das fases de aprendizagem da leitura

Substituíram-se aquelas que se mostraram inadequadas ao contexto escolar da zona rural, sem, contudo, ser deturpada a filosofia do método ou modificados seus objetivos.

c) Materiais didáticos usados nas diferentes fases do método

Em decorrência dos princípios norteadores do currículo a ser proposto, buscou-se utilizar recursos materiais disponíveis na própria comunidade rural, até então não explorados por sua escola, a fim de improvisar, adaptar, ou mesmo, substituir aqueles industrializados e normalmente usados na escola urbana, porém inacessíveis ao poder aquisitivo da família rural.

A seleção dos conteúdos e habilidades de Matemática teve como parâmetros específicos o objetivo proposto para a 1ª série, ou seja, a descoberta do número, a compreensão de um conceito abstrato e a necessidade de aquisição de pré-requisitos que possibilitassem tal nível de abstração.

Os conteúdos de Ciências foram estabelecidos a partir das habilidades a serem desenvolvidas durante a 1ª série, com vistas ao atendimento dos interesses da criança e da comunidade.

Visando, também, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de hábitos e atitudes, foram selecionados os temas a serem abordados por Estudos Sociais.

Além dos critérios específicos de cada área de

estudo, os princípios básicos estabelecidos como norteadores da construção do currículo constituíram critério comum à seleção de todos os conteúdos e habilidades propostos.

A seleção das atividades a serem desenvolvidas por cada uma das áreas de estudo foi feita levando-se em consideração a adequação das mesmas à consecução dos objetivos propostos, aos conteúdos selecionados, às limitações pedagógicas dos professores das classes experimentais e à possibilidade de manipulação de material concreto, pelas crianças.

De acordo com os objetivos propostos e as atividades selecionadas, estabeleceram-se as modalidades de avaliação e respectivos instrumentos que deveriam constar da grade curricular.

Objetivando-se determinar e ampliar o nível de conhecimento e de percepção dos alunos, foi construído e aplicado pela equipe de professores elaboradores do currículo um pré-teste, baseado nos comportamentos terminais propostos para o currículo da 1ª série; ao final do ano letivo, o mesmo instrumento foi utilizado como pós-teste (ANEXO 04).

A operacionalização do novo currículo ocorreu através da elaboração sistemática dos roteiros diários de atividades e de sua aplicação nas classes experimentais.

Semanalmente, cada professor componente da equipe de elaboração do currículo planejava e produzia, de modo individual, os roteiros diários de atividades concernentes a sua área de especialização; a seguir, esses roteiros eram discutidos, analisados e avaliados pela própria equipe de elaboração e coordenação, em reunião semanal e de acordo com os parâmetros:

- . compatibilidade com a realidade dos contextos escola e comunidade
- . adequação aos objetivos propostos

- . qualidade e quantidade de conteúdo previsto a ser veiculado
- . nível de dificuldade
- . grau de detalhamento das ações a serem realizadas pelo professor das classes experimentais
- . propriedade da linguagem utilizada em relação às limitações e características dos professores das classes experimentais
- . viabilidade de execução das atividades propostas, em função dos materiais requeridos e dos disponíveis nas comunidades
- . adequação à clientela
- . aproveitamento de recursos materiais regionais
- . atendimento à seqüência: operação concreta-abstração

Além dos parâmetros referidos, a análise do produto das atividades realizadas pelos alunos, em cada semana, permitia a avaliação dos objetivos específicos e, quando não se evidenciava a consecução parcial ou total dos mesmos, novos roteiros eram elaborados para suprir a defasagem constatada e assegurar a aplicação dos roteiros subsequentes, bem como a consecução dos seus objetivos.

Analisados, discutidos e avaliados, os roteiros eram submetidos à revisão final para uniformização da redação e padronização da disposição gráfica dos elementos de cada atividade, quanto:

- . à identificação: número e nome
- . ao objetivo
- . ao material a ser usado pelo professor e pelo aluno
- . ao local de realização
- . ao procedimento: detalhamento das ações do professor; eses

pecificação das ações do aluno e/ou previsão de suas possíveis reações

3.3.2 - Sistemática de orientação dos professores das classes experimentais

O estabelecimento da sistemática de orientação e a acompanhamento dos professores das classes experimentais objetivou: detectar e suprir deficiências relacionadas com a pretendida auto-suficiência dos materiais elaborados; identificar e corrigir possíveis falhas de comunicação constantes nos materiais experimentais, com vistas à montagem definitiva do novo currículo e sua posterior aplicação generalizada nas classes de 1ª série da zona rural de Cruz das Almas-BA; permitir a manutenção do padrão de qualidade previsto e necessário para essa fase da pesquisa.

A orientação e acompanhamento dos professores das classes experimentais visou também atender, de modo imediato, às necessidades cognitivas e manejo pedagógico desses professores, considerando-se as características do currículo em experimentação referentes à abordagem dos conteúdos, desenvolvimento de habilidades, tipos de atividades propostas e modalidades de avaliação previstas.

A operacionalização do acompanhamento e orientação dos professores das classes experimentais fez-se através das seguintes estratégias: treinamento em regime intensivo, treinamento em serviço e visitas semanais de supervisão às classes.

Treinamento intensivo - Essa modalidade de treinamento realizou-se em duas etapas: a primeira ocorreu antes do início do ano letivo de 1978 e teve a duração de 80 (oitenta) horas; a segunda ocorreu antes do início do segundo semestre letivo de 1978, tendo a duração de 48 (quarenta e oito) horas.

A clientela constituiu-se dos professores das classes experimentais, supervisores municipais e estadual, assistente da Diretoria de Ensino Municipal e professores do Colégio Estadual Alberto Torres, totalizando vinte participantes.

A primeira etapa de treinamento teve como objetivo geral ressaltar, através de diferentes estratégias, os seguintes aspectos:

- . importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem
- . papel da escola na formação do habitante rural
- . reconhecimento do aluno como elemento coagente do processo ensino-aprendizagem
- . função do reforço no processo ensino-aprendizagem
- . necessidade de tornar a escola um local agradável à criança, de modo a favorecer a aprendizagem
- . utilização de novas atividades para atender às necessidades psico-pedagógicas da criança

Os objetivos específicos foram estabelecidos de acordo com cada uma das áreas de estudo a saber: Comunicação e Expressão, Matemática, Ciências e Estudos Sociais.

A segunda etapa do treinamento intensivo visou, essencialmente, continuar a treinar os professores das classes experimentais e supervisores nas atividades peculiares ao método de alfabetização adotado, improvisação e confecção de materiais didáticos.

Professores elaboradores do currículo e o psicólogo constituíram a equipe de execução.

As etapas acima descritas foram avaliadas:

- . diretamente, através da aplicação do questionário, reali

zação da entrevista e qualidade do material produzido pelos participantes;

- . indiretamente, através das posteriores utilização dos materiais produzidos e aplicação de conhecimentos adquiridos durante o treinamento, nas atividades de sala de aula.

Treinamento em serviço - Esse tipo de treinamento se desenvolveu durante todo o ano letivo experimental, com o objetivo de orientar contínua e sistematicamente os professores aplicadores e supervisores locais quanto aos conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula. A estratégia utilizada foi a realização de reuniões semanais dos professores e supervisores locais com elementos da equipe de supervisão regional.

Os professores das classes experimentais do turno vespertino reuniam-se durante a manhã e os do turno matutino reuniam-se à tarde; desse modo, a presença do professor às reuniões não implicava em interrupção de suas atividades normais.

Visitas de supervisão às classes experimentais - Utilizou-se essa estratégia para observar *in loco* o desempenho do professor aplicador, a reação das crianças, a receptividade de ambos ao novo currículo, acompanhar sistematicamente o desenvolvimento do currículo, coletar dados periódicos quanto ao nível de adequação e dificuldade das atividades propostas; também para identificar possíveis problemas surgidos em sala de aula face à nova proposta curricular e, essencialmente, permitir que o professor das classes experimentais percebesse que não era um simples executor de tarefas, mas sim, um co-participante de uma experiência educacional. A sua opinião era solicitada e considerada, sua sugestão, analisada e todos os dados por ele fornecidos eram devidamente tratados pela equipe de elaboração e pela coordenação do projeto.

As observações realizadas durante as visitas de su p er v i s i t a s de su p er v i s i o er vi am, de imediato, como subsídios para a or ie n t a ç o se m a n a l, que fez parte da modalidade de treinamento em serviço, e se constituíram *feed-back* para a elaboração dos roteiros de atividades diárias.

A realização sistemática das visitas esteve a cargo da equipe identificada como de supervisão regional, composta, entretanto, pelos próprios professores elaboradores. Semanalmente, dois deles se deslocavam até Cruz das Almas: pela manhã, um permanecia no prédio da Merenda Escolar, localizado na sede do Município, com a incumbência de distribuir, orientar e discutir os roteiros de atividades a serem desenvolvidas durante a semana seguinte e coletar dados referentes às atividades executadas na semana anterior pelos professores do turno vespertino; o outro visitava cada uma das classes experimentais que funcionavam no turno matutino. À tarde, as funções e posições se invertiam: o primeiro professor realizava as visitas às classes experimentais e o segundo se reunia com os professores das classes que ele próprio visitara pela manhã. Os supervisores regionais, em dupla, revezavam-se semanalmente. Cada dupla era acompanhada, periodicamente, pela coordenação do projeto. Com essa sistemática, visou-se à interação continuada da coordenação e da equipe responsável pela elaboração do currículo com os elementos responsáveis pelo seu desenvolvimento: professor de classe experimental, aluno e supervisor local.

3.3.3 - Interação escola-comunidade

Considerando-se as observações realizadas e informações obtidas durante a fase diagnóstica, a importância para o desenvolvimento psico-social das crianças, a influência exercida sobre as atividades curriculares e sobre os indicadores de aprendizagem e, atendendo às metas do currículo em experimentação, o estabelecimento e fortalecimento da in

teração Escola-Comunidade se evidenciaram como objetivos relevantes a serem atingidos através de estratégias devidamente selecionadas.

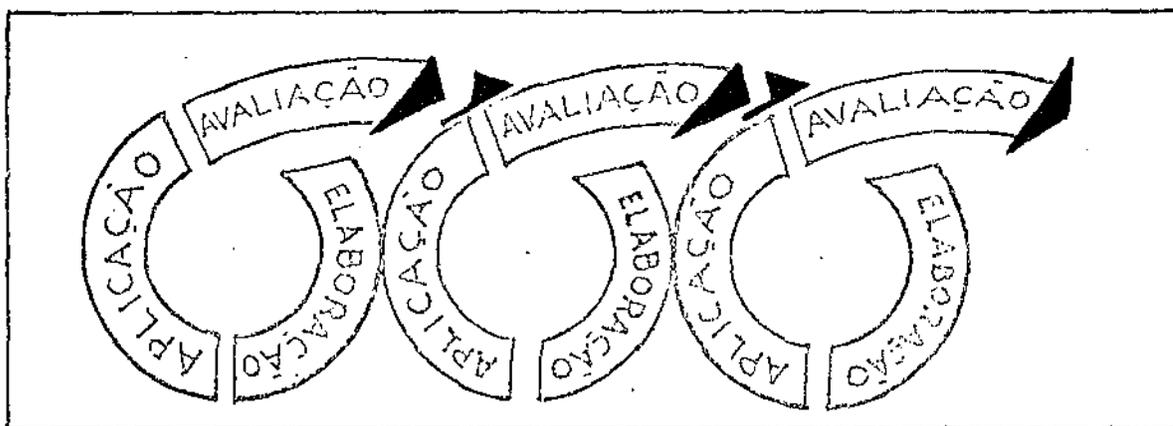
A partir da análise dos procedimentos sistematicamente utilizados para promover a interação Escola-Comunidade e consideradas as características sócio-culturais da comunidade rural, optou-se pelas estratégias:

- . proposição de atividades curriculares que permitissem o envolvimento do contexto-família e, conseqüentemente, do contexto-comunidade;
- . realização de atividades curriculares que proporcionassem aos alunos a formação de hábitos, atitudes e o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis à interação entre eles próprios e deles com os valores da comunidade que representam como parcela;
- . realização periódica de reuniões de pais e mestres com a finalidade de informar a família sobre o desempenho escolar de seus filhos e a natureza das atividades curriculares desenvolvidas; utilizar as lideranças comunitárias para solucionarem, conjuntamente com a Escola, problemas relativos a sua restauração e conservação, ou mesmo, suprir, em caráter de emergência, necessidades básicas, tais como materiais didáticos, sanitários e alimentares; estimular a organização e realização de reuniões sociais nas dependências escolares;
- . utilização de elementos da comunidade rural para realizar atividades de caráter cultural, tais como palestras sobre assuntos de interesse comunitário, organização de festejos e comemorações folclóricas e religiosas.

3.3.4 - Sistemática de avaliação

Antes de uma descrição da sistemática de avaliação montada e utilizada, a fim de que as ações referentes à ela

boração e aplicação do novo currículo fossem continuamente avaliadas, é necessário reiterar a dinâmica que caracterizou a elaboração e a aplicação experimental do currículo da 1ª. série, representada no esquema:



A montagem da sistemática de avaliação pretendeu exercer um controle progressivo que permitisse orientar as ações do processo de produção e imediata aplicação do currículo, isto é, que cada uma das ações a serem realizadas fosse prevista de acordo com a eficiência constatada nas anteriores.

Procedimentos - Os procedimentos mais adequados para a composição da sistemática de avaliação deveriam ser tais que implicassem também no acompanhamento das fases de elaboração e aplicação sucessivas. Para tanto, foram utilizados:

- .. Sistema de Supervisão:
 - Central
 - Regional
 - Local
- . Reunião de pais

Através do Sistema de Supervisão operacionalizado pelas visitas semanais às classes experimentais e reuniões com os professores dessas classes e supervisores locais, a super

visão regional coletava dados referentes à aplicação do currículo a nível de sala de aula, a partir da observação direta normatizada, e também acidental, da realização das atividades propostas.

A partir de informações, questionamentos e opiniões devidamente registradas durante as reuniões com os professores das classes experimentais e supervisores locais, os supervisores regionais obtinham dados sobre os materiais elaborados, atividades propostas e sua aplicação; a partir das fichas trabalhadas e exercícios realizados pelo aluno, eram obtidos, diretamente, dados referentes ao produto do trabalho do aluno, o que permitia a avaliação contínua do seu desempenho.

Todos os dados coletados pela supervisão regional eram levados à supervisão central e ambas, semanalmente, em dia estabelecido, procediam à análise avaliativa dos mesmos, que se processava de acordo com os parâmetros estabelecidos para a elaboração dos roteiros de atividades curriculares e considerando-se a natureza dos dados, quanto:

- . à relevância para a sistemática de elaboração-aplicação do currículo
- . ao grau de implicação no processo ensino-aprendizagem
- . à interferência sobre o produto esperado
- . ao comprometimento com os objetivos

A reunião de pais foi incluída na sistemática de avaliação por se constituir num procedimento coerente com a característica fundamental desse currículo, que se baseia nos centros de interesses da criança e da comunidade. Considerando-se que ninguém melhor do que os pais pode fornecer dados referentes à repercussão, no contexto-família, das ações propostas pelo currículo e realizadas pela criança, no contexto-escola, e uma vez que escola e família são parce-

las integrantes do contexto-comunidade, conclui-se que as informações fornecidas pelos pais representam, direta ou indiretamente, dados significativos dos contextos citados.

Através da reunião de pais buscou-se, a nível de avaliação, obter dados referentes aos aspectos:

- . receptividade da família à mudança curricular
- . nível de satisfação da família em relação às atividades escolares da criança
- . indicadores de mudança comportamental da criança e da família com relação à frequência escolar
- . intensificação do relacionamento escola-comunidade

Instrumentos - Usaram-se, como instrumentos de avaliação da proposta curricular, os que se seguem:

- . pré-teste
- . relatório de supervisão
- . produto da atividade do aluno
- . depoimento de pais
- . pós-teste

Ao iniciar a 1ª. série, a criança da zona rural, conquanto não tenha recebido anteriormente nenhum treinamento relativo à leitura e à escrita, por sua vivência natural e desenvolvimento bio-psíquico, deve possuir uma certa gama de conhecimentos e um certo grau de percepção. Objectivando identificar os comportamentos de entrada dessas crianças, a plicou-se o Pré-Teste (ANEXO 04), através do qual foram obtidos dados referentes:

- . à identificação de palavras escritas
- . à correlação entre palavras escritas e representações através de desenhos

- . à identificação e escrita de letras:vogais e consoantes
- . à identificação de posição relativa, direção e sentido
- . ao estabelecimento de seqüências
- . à identificação de atributos

A utilização do Relatório de Supervisão (ANEXO 05) teve como objetivo a coleta de dados que permitissem a avaliação do currículo quanto aos aspectos:

- . dificuldades evidenciadas durante a realização das atividades semanais
- . atividades que suscitaram esclarecimentos além daqueles contidos na redação do roteiro
- . cumprimento do cronograma das atividades propostas
- . utilização de materiais didáticos pelo professor da classe experimental e pelo aluno
- . dificuldade de realização das atividades pelo aluno
- . participação do aluno na realização das atividades

O produto da atividade do aluno realizada em classe e em casa (ANEXOS 06 e 07) permitiu, simultaneamente, a avaliação do desempenho da criança em relação às atividades propostas e a do currículo em experimentação, no que se refere à:

- . consecução dos objetivos curriculares
- . viabilidade de execução
- . compatibilidade com os contextos escola e comunidade
- . adequação do conteúdo proposto

O registro cursivo das observações e informações fornecidas pelos pais durante as reuniões periódicas - De

poimentos dos Pais – possibilitaram a avaliação do currículo em relação a sua operacionalização a nível de sala de aula e aos seus efeitos sobre o ambiente familiar.

Com a aplicação do Pós-Teste – já aplicado como Pré-Teste –, concluiu-se o processo de avaliação do aluno.

Finalmente, a partir dos resultados da repercussão nos diversos elementos envolvidos – contexto-escola: aluno e professor de classe experimental; contexto-comunidade: família e lideranças locais; supervisão: local, regional e central; universidade e entidades financiadoras – foram obtidos dados relevantes para a avaliação do currículo proposto para a 1ª. série, quanto à:

- . exeqüibilidade
- . eficácia
- . credibilidade
- . aceitação
- . possibilidade de generalização

3.4 - População de referência

Em decorrência dos motivos anteriormente explicitados, os sujeitos, através dos quais testou-se o novo currículo, foram alunos e professores de cinco classes experimentais de 1ª. série de cinco escolas rurais do município de Cruz das Almas-BA.

4. RESULTADOS

A caracterização do município de Cruz das Almas-BA, do contexto comunitário e escolar e do currículo elaborado bem como os resultados de sua aplicação serão apresentados neste capítulo.

A caracterização relativa ao Município e aos contextos comunidade e escola constituiu subsídio para a elaboração, não apenas do currículo para a 1ª série, mas para as três séries subsequentes. Sua obtenção se fez a partir de consultas bibliográficas e a entidades oficiais, de observações diretas e questionamentos.

O município-alvo será caracterizado quanto a sua posição geográfica, seus recursos naturais e sócio-econômicos, em relação ao Estado da Bahia. O contexto comunitário, quanto à população, à habitação, à escolarização, hábitos higiênicos e alimentares, indicadores de saúde, condições sócio-econômicas, relacionamento comunitário, aspirações e lazer. O contexto escolar, quanto aos elementos: instalações físicas, professor, aluno e currículo.

A caracterização do currículo se processará através de dois enfoques: o primeiro refere-se à estruturação curricular envolvendo todos os componentes, desde os princípios norteadores até a avaliação; o segundo trata dos resultados obtidos a partir da aplicação do referido currículo.

4.1 - Da fase diagnóstica

4.1.1 - Caracterização do município-alvo

Posição e limites - Cruz das Almas, um dos menores municípios baianos, possui a área territorial de 144 km², o que representa 0,02% do território baiano, foi criado através da Lei Estadual nº 190, de 29 de julho de 1897; e, ante

riormente, integrava o município de São Felix.

Limita-se, de acordo com a Lei nº 628 de 30 de dezembro de 1953 e com a Divisão Territorial Administrativa de 1964-1968: ao norte, com o município de Muritiba, começando "na foz do Riacho da Lagoa Seca no Riacho Capivari descendo por este até a foz do Riacho Caminhoá"; ao leste, com o município de São Felix, começando "no Riacho Capivari, na foz do Riacho Caminhoá, subindo por este até a foz do Riacho Matatuba; por este acima até sua nascente de onde alcança a nascente do Riacho Pirajuia e descendo por este até o marco no lugar Pirajuia"; ao sul, com o município de São Felipe, começando "no marco no lugar Pirajuia, seguindo em reta até o marco no lugar Vapor; daí em reta até a nascente do Riacho Papa-Ovo e por este a baixo até a sua foz no Riacho Araçá ou dos Pilões"; ao oeste, com o município de Sapeagu, começando "na foz do Riacho Papa-Ovo, no Riacho Araçá ou dos Pilões, subindo por este até a foz do Riacho da Embira e daí até a foz do Riacho da Lagoa Seca no Riacho Capivari." (ANEXO 08).

O Município pertence à Microrregião Homogênea do Recôncavo baiano, estando situado a $12^{\circ} 40' 19''$ de latitude sul, $39^{\circ} 06' 23''$ de latitude oeste e com altitude média de 220m, distando da Capital 142km por rodovia e, em linha reta, 70km.

Quadro Natural - Cruz das Almas apresenta relevo pertencente aos tipos tabuleiros e planaltos costeiros, clima do tipo semi-úmido interior com um sub-tipo "acatingado" a noroeste, precipitação média anual de 1.200 a 1.500mm, tendo como período chuvoso os meses de abril a junho, observando-se, entretanto, que o trecho a noroeste é menos chuvoso; a temperatura média anual é de $24,3^{\circ}\text{C}$.

O potencial agroclimático do Município é classificado como ótimo e bom; apresenta aptidão climática para vã-

rios cultivos, tais como, banana, fumo, mandioca, abacaxi, milho, soja, algodão herbáceo, sorgo, feijão, caju, pastagem, sisal, mamona e amendoim.

O solo do Município é do tipo latosol vermelho amarelado, geologicamente pertencente à formação Capim Grosso, apresentando areia, siltes e conglomerado basal, além de charnokitos piroxênio-granulito, que determinam a ocorrência mineral de areia, argila e pedra explorados atualmente para construção; pertence à província hidrogeológica das Bacias Mesozóicas Orientais.

Quanto à hidrografia, Cruz das Almas não possui características dignas de nota; existem apenas alguns riachos de importância local, destacando-se o Capivari, por ser o mais extenso e servir de limite norte com o município de Muritiba.

A vegetação do Município se inclui na chamada Mata Litorânea, hoje apresentando apenas remanescentes, devido às contínuas derrubadas para dar lugar às plantações e outras paisagens artificiais. Ao oeste de Cruz das Almas, na zona menos chuvosa, encontra-se uma vegetação de transição, tendendo para a caatinga, que se poderia caracterizar, um tanto impropriamente, como agreste.

Recursos sócio-econômicos - A população do Município é de 42.000 habitantes, distribuídos em 28.000 na zona urbana e 14.000 na zona rural. Sua densidade de 285,7 hab./km² é comparável à de uma cidade de porte médio. A elevada densidade demográfica explica o aspecto urbano e/ou suburbano da zona rural. Ao lado da elevada densidade, figura a presença predominante de pequenas propriedades ou minifúndios.

Setor agro-pecuário - As culturas de laranja, mandioca, limão, fumo e abacate, em conjunto, representam 13,20% de participação na produção estadual. A pecuária não tem re

presentatividade em relação aos rebanhos estaduais, vez que a sua contribuição é diminuta, não ultrapassando de 0,84%. Os rebanhos do Município são constituídos, essencialmente, de bovinos e suínos. A avicultura se constitui uma atividade em expansão.

Setor comercial - O comércio municipal é representado por atacadistas e varejistas que constituem 0,44% do comércio estadual. O atendimento bancário é feito por três agências, sendo uma do Banco do Brasil S/A e duas particulares, pertencentes ao Bradesco S/A e Econômico S/A.

Setor industrial - O Município possui estabelecimentos industriais nos seguintes ramos: produtos minerais não metálicos, metalurgia, madeira, mobiliário, química, vestuário, calçado, produtos alimentares, fumo e tipografia.

Setor educacional - Existem, no Município, estabelecimentos de ensino oficial pertencente às três esferas: federal, estadual e municipal; além desses, funcionam também escolas particulares.

A Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, sediada no Município, é responsável pelo ensino superior, através de cursos de graduação e pós-graduação.

Em relação ao Sistema Estadual de Educação, o Município está sob a jurisdição da Coordenadoria Regional 10 (CR10), com sede no município de Santo Amaro da Purificação.

A rede estadual de ensino é constituída por dez estabelecimentos, todos situados na zona urbana municipal: nove grupos escolares, nos quais funcionam classes de 1a. à 4a. séries, e um que atende à clientela de 5a. à 8a. séries e ao 2º grau, através de cursos profissionalizantes nas seguintes especificações: agro-pecuária, administração e magistério.

O Sistema Municipal de Ensino é responsável pelo funcionamento de 44 (quarenta e quatro) escolas para atendimento de alunos da 1a. à 4a. séries, sendo duas localizadas na zona urbana e as demais na zona rural; dessas, 35 (trinta e cinco) possuem apenas uma sala de aula - escola isolada - e sete possuem duas salas - prédio escolar.

Além dos estabelecimentos oficiais de ensino, na zona urbana, funcionam escolas particulares que prestam atendimento pré-escolar e, uma delas, estende seus cursos até ao 2º grau.

Os recursos humanos vinculados ao Sistema Municipal de Ensino são representados por 84 (oitenta e quatro) professores, sendo 31 (trinta e um) titulados pela escola de 2º grau; os demais têm escolaridade "primária" completa ou incompleta, o mesmo ocorrendo com aqueles que possuem "ginásial" - professores leigos. Para titulação desses elementos encontra-se em execução um programa emergencial da Secretaria de Educação do Estado, Habilitação de Professores Leigos (HAPROL).

O Serviço de Supervisão Educacional conta com três supervisores, um vinculado ao Sistema Estadual e dois, ao Sistema Municipal de Ensino. Todos permanecem na zona urbana e, por falta de condições mínimas tais como transporte, são impossibilitados de realizar as atividades inerentes a sua função, ou seja, supervisionar e orientar *in loco* os professores regentes das classes rurais. Atualmente, os supervisores, embora permaneçam na sede do Município, vêm desenvolvendo atividades referentes a: orientação dos professores das classes experimentais de 4a. série e das demais classes que estão desenvolvendo o novo currículo, participação nos cursos de treinamento de professores e reuniões semanais para confecção de materiais de apoio didático.

Sector de saúde - O atendimento médico oficial pres

tado à população se faz em um hospital e um posto anexo, am bos vinculados à Secretaria de Saude do Estado e situados na zona urbana. A zona rural, para atendimento primário de seus habitantes, dispõe de sete minipostos de saúde pertencentes à Prefeitura Municipal e situados nas seguintes localidades: Boca da Mata, em funcionamento; Caminhoá e Sapucaia, instalados, mas sem funcionar. Pertencentes ao Estado, também não funcionando, encontram-se postos em Embira, Poções e Tuã.

Setor de saneamento básico - Inexiste rede de esgo to e a distribuição canalizada de água potável limita-se à zona urbana, não atingindo a rural.

Setor de comunicações - O Município é servido pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que mantém um posto e procede à distribuição de correspondências na zona urbana. Seu código de endereçamento postal (CEP) é 44380.

Instalada na zona urbana, há uma central telefônica, da Telecomunicações da Bahia (TELEBAHIA), encontrando-se o Município incorporado ao Sistema de Discagem Direta à Distância (DDD), através do prefixo 075.

Recebe imagem de dois canais de televisão existentes no Estado e, embora grande parte da zona rural não possua rede de energia elétrica, o recurso ao uso de acumulad o res ou baterias permite que em quase todas as localidades a televisão seja assistida.

Setor energético - A Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) é responsável pelo fornecimento e distribuição de energia elétrica de origem hidráulica à zona urba na e a algumas localidades rurais; dentre as localidades da a mo stra são dotadas de eletrificação: Itapicuru, Sapucaia, Em bira e Ponto-Certo.

4.1.2 - Caracterização do contexto comunitário

As nove localidades que constituem a amostra pesquisada apresentam características próprias da zona rural, ao lado de características suburbanas e urbanas quanto a sua configuração, fato que decorre da alta densidade populacional do Município.

A TABELLA III permite a visão global da população e do número de casas existentes em cada uma das localidades que compõem a referida amostra.

TABELA III - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO E NÚMERO DE CASAS POR LOCALIDADE

Localidade	Código	População	Nº de casas
Itapicuru	A	2.500	450
Sapucaia	B	1.600	200
Alto do Pombal	C	800	160
Santa Júlia	D	300	70
Poções	E	300	70
Bebe-Água	F	300	60
Ponto Certo	G	250	58
Aldeia	H	200	50
Embira	I	200	47
Total		6.450	1.165

FONTE: Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de Cruz das Almas-BA.

Todas as porcentagens citadas e registradas nas tabelas referentes à habitação foram calculadas sobre o total de 234 (duzentos e trinta e quatro), que corresponde a 20% das casas situadas nas localidades componentes da amostra.

4.1.2.1 - Tipo de morada

Há casas que apresentam o aspecto exterior tradicional, isto é, fachada com uma porta e uma ou duas janelas; outras, principalmente aquelas localizadas em pequenas e médias áreas de terreno, possuem a arquitetura típica da "casa de fazenda", com portas e janelas se abrindo para a única varanda da fachada principal, ou para as varandas que as circundam.

A construção das casas é feita, geralmente, com paredes de adobe - tipo de tijolo seco ao sol - (59%); existem, também, casas construídas com tijolos cozidos (30,8%), outras de construção mista de tijolo e adobe (8,1%) ou de adobe e taipa - parede de barro sustentada por grades de madeira - (0,8%); finalmente, um número reduzido de casas é construído apenas de taipa (1,3%) (TABELA IV - ANEXO 09). Para cobertura das casas são utilizadas apenas telhas de barro.

O aspecto exterior das residências é variável; na sua maioria apresentam estado regular de conservação; residências em boas ou precárias condições constituem minoria.

A distribuição das casas nas diferentes localidades varia: pequenos aglomerados, arruados, distribuição irregular e, freqüentemente, casas isoladas umas das outras.

Internamente, as casas apresentam: sala, quarto, cozinha, o que é comum a 97,4% das casas. O número de quartos varia entre um e cinco, havendo, porém, predominância de dois quartos (55,5%) (TABELAS V, VI e VII - ANEXOS 09 e 10). A relação morador-quarto é alta, havendo, em consequência, a necessidade de serem utilizadas como dormitórios.

rio outras dependências da casa: sala e cozinha.

Quanto às instalações sanitárias, quando existem (56%), não pertencem ao corpo das casas; localizam-se em área externa, justapostas às casas, ou situam-se distantes das habitações, as chamadas "casinhas". Nesse tipo de sanitário, a instalação de vaso de louça é mínima; geralmente há um buraco cavado no solo e sobre ele construída uma base-assento de tijolo e cimento, comumente coberta por uma tampa de madeira. Nas casas onde não existe qualquer instalação sanitária (42,3%), seus moradores recorrem ao uso de "vasos" e fazem o despejo em buracos cavados no quintal, ou, aleatoriamente, no terreno de que dispõem (TABELA VIII - ANEXO 11). A existência de fossa está vinculada à existência de "casinha", ocorrendo em maior frequência o tipo séptica, localizada em posição distante da casa (TABELA IX e X - ANEXO 12).

As vias de acesso ligando as localidades e nos limites de sua área não possuem nenhum beneficiamento; são caminhos estreitos usados por pedestres, montarias e bicicletas; outras, embora mais largas, não chegam a ser estradas, mas permitem, com maior ou menor dificuldade, o acesso rodoviário através de veículos de pequeno e médio portes.

Nenhuma das localidades da amostra conta com serviço regular de transporte rodoviário para a zona urbana; o percurso é feito a pé, em montaria, bicicleta e, ocasionalmente, de carro; muitos habitantes fazem parte desse percurso a pé e parte, em ônibus intermunicipais ou outros veículos, que os levam até à entrada, ou ao centro da cidade.

4.1.2.2 - População

A amostra populacional é constituída de 1.550 (hum mil quinhentos e cinquenta) habitantes que vivem nas nove localidades e se distribuem em 234 (duzentas e trinta e

quatro) famílias, conforme mostra a TABELA a seguir:

TABELA XI - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR LOCALIDADE

Localidade	Código	Nº de famílias informantes	Nº de habitantes atingidos
Itapicuru	A	90	544
Sapucaia	B	40	307
Alto do Pombal	C	32	207
Santa Júlia	D	14	102
Poções	E	14	78
Bebe-Água	F	12	114
Ponto Certo	G	12	68
Aldeia	H	10	68
Embira	I	10	62
Total		234	1.550

A população referida foi estudada quanto aos aspectos:

Idade e sexo - Os dados contidos na TABELA XII (ANEXO 13) demonstram que 53% dos habitantes são crianças menores de quatorze anos, caracterizando uma população jovem, com predomínio de 10% do sexo feminino sobre o masculino.

Estado civil e chefia familiar - Entre os habitantes com idade de quinze a 84 (oitenta e quatro) anos, há predominância de 8,6% de casados sobre o percentual de solteiros; a incidência de viúvos é pequena, equivalendo a 1,4% apenas. Observa-se, também, a ocorrência de concubinato em cinco das localidades, atingindo o percentual de 6,8% (TABELA XIII - ANEXO 14).

A chefia familiar - posição ocupada pelo membro da família que é responsável único ou contribui com mai

or parcela monetária para o sustento da família e gerencia o orçamento doméstico - é exercida pelo homem em 79% dos casos; 20% apenas têm a mulher em sua chefia (TABELA XIV - ANEXO 14). A existência dessas famílias decorre de vários motivos: remuneração assistemática do marido que, por isso, contribui irregularmente para o orçamento familiar; abandono da família, pelo marido ou companheiro; renda insuficiente ou mão-de-obra não remunerada de pais idosos e/ou irmãos mais jovens de mulheres que, apesar de solteiras, assumem a responsabilidade do grupo familiar; finalmente, total responsabilidade da mãe solteira pelos filhos que ainda não contribuem financeiramente para as despesas domésticas.

Basicamente, o grupo familiar é formado por um casal e os filhos, perfazendo, em média, o número de sete indivíduos; há famílias com apenas dois indivíduos e outras constituídas por doze elementos, incluindo-se agregados.

Apesar da condição de comunidades rurais, pode-se observar (TABELA XV - ANEXO 15) que o percentual de chefes de família que se dedicam à lavoura é relativamente baixo (46,2%) e, dentre as famílias que possuem filhos com uma profissão, apenas 2,3% deles são lavradores (TABELA XVI - ANEXO 16).

A migração entre as localidades não é frequente, pois apenas 3,8% das famílias residiam, há dez anos passados, em outras localidades, sendo 1,7% em outro município e 0,8% em outro estado.

4.1.2.3 - Escolarização

A população infantil com idade inferior a sete anos (21,4%), que constitui a clientela do nível pré-escolar, não é atendida pelo sistema de ensino, em virtude da inexistência desse curso na zona rural; o nível pré-escolar é restrito à zona urbana do Município e à rede particular de en-

sino.

Entre os indivíduos com idade de sete a 84 (oitenta e quatro) anos, 16,5% são analfabetos (TABELA XVII - ANEXO 17). Os motivos que determinam a ocorrência do analfabetismo entre os indivíduos que compõem a amostra populacional (TABELA XVIII - ANEXO 18) são basicamente de ordem econômica (40,6%), evidenciam o desinteresse pela instrução (21,1%) e estão vinculados à deficiência do sistema oficial de ensino (17,2%); além dessas razões, para outros habitantes (3,1%), a condição de analfabeto advém da falta de oportunidade de estudo que tem como causa, embora não explícita, fatores sócio-econômicos.

A parcela de indivíduos com idades de sete a 84 (oitenta e quatro) anos, que freqüentam ou freqüentaram a escola, corresponde a 62,1% (TABELA XIX - ANEXO 19). Embora mais da metade da população seja escolarizada, observa-se (TABELAS XX e XXI - ANEXOS 19 e 20) que a maior concentração de indivíduos ocorre na 1a. série, atingindo 21,2%; nas demais séries, a distribuição se faz mais ou menos equilibrada: 12,6% na 2a. série, 9,2% na 3a. série e 9,3% na 4a. série, última série oferecida pela escola rural.

Dentre os indivíduos com idades superiores a 14 anos, existem aqueles que cursaram a 5a. série que não equivale à atual 5a. série, mas à conclusiva do "curso primário", anterior à Lei 5692, de 1971.

Os habitantes que conseguem concluir os estudos profissionalizantes constituem parcela diminuta (0,3%) da população total pesquisada (TABELA XXII - ANEXO 21).

Os indivíduos que se declararam escolarizados, 3,6% na faixa etária de sete a quatorze anos e 46% a partir de quinze anos (TABELA XXIII - ANEXO 21), têm escolarização parcial, isto é, abandonaram os estudos antes do término do

"curso primário". A interrupção dos estudos ocorreu geralmente nas duas primeiras séries e os motivos que a determinaram foram, em 56,6% dos casos, explicitamente vinculados à situação sócio-econômica; o homem do campo necessita, o mais cedo possível, integrar-se à força de trabalho familiar, ainda que na condição de mão-de-obra não remunerada. As horas passadas na escola, durante quatro anos, representariam perda de tempo porque aprender a fazer conta e assinar o nome são suficientes e justificam a escolarização parcial.

O motivo apresentado por 26,4% dos moradores que abandonaram a escola foi o desinteresse próprio, ou da família. Essa razão, até certo ponto, está também ligada ao aspecto econômico e, possivelmente, muito mais relacionada ao afetivo - a escola não os sensibilizou convenientemente.

A deficiência organizacional e pedagógica do sistema de ensino foi indicada por 7,9% dos habitantes como causa nítida da evasão escolar; para eles a relação escola-população deixa a desejar e pode ser comprovada pelas grandes distâncias entre a escola e a residência, desproporção entre oferta de vagas e demanda da clientela e, ainda, da falta de visão e despreparo dos professores.

As razões diversificadas que alguns indivíduos (4,3%) apresentaram para o abandono dos estudos têm, originariamente, cunho sócio-econômico e cultural (TABELA XXIV - ANEXO 22).

4.1.2.4 - Higiene e saúde

A população componente da amostra evidencia hábitos comuns de higiene.

Em virtude da inexistência dos serviços de tratamento e distribuição de água potável, os habitantes obtêm água em cisternas, fontes, poços e, eventualmente, em ria-

chos, devido às condições climáticas e hidrográficas da região. Não há, praticamente, distinção entre a origem da água usada na alimentação e a água empregada para asseio pessoal e doméstico, água de gasto, como é normalmente denominada (TABELAS XXV e XXVI - ANEXO 23). Apenas 51,7% das famílias submetem a tratamento a água usada na alimentação e o reservatório de uso generalizado para armazenamento da mesma é o pote de barro (TABELAS XXVII e XXVIII - ANEXO 24).

O destino dos dejetos, também devido à inexistência de serviço de saneamento básico, é variável: fossas sépticas e negras, buracos cavados no solo ou, simplesmente, terrenos baldios e quintais.

O lixo doméstico (TABELA XXIX - ANEXO 25) é lançado no quintal pela maioria das famílias (79,9%), a céu aberto (58,1%), ou em buracos cavados no solo (21,8%); há famílias, entretanto, que o utilizam como adubo ou para alimentação de animais (10,7%).

Em resumo, pode-se afirmar que as condições higiênicas são deficientes.

Quanto aos hábitos alimentares (TABELA XXX - ANEXO 25), verificou-se o uso diário de três refeições, com a participação de todos os membros em mais da metade das famílias (64,5%); em 28,2% os familiares realizam as três refeições em horários diferentes ou, ocasionalmente, em conjunto.

A dieta alimentar dos adultos, nas refeições, não varia muito. Pela manhã, como desjejum, são ingeridos "sólidos" que, de acordo com a linguagem corrente, significam carne, feijão e farinha, acompanhados de café "preto" ou com leite e "frutas" que podem ser, em verdade, aipim, batata doce, inhame, banana da terra, fruta-pão, a depender da época de safra. As famílias ainda consomem, nas refeições da manhã e da noite, havendo disponibilidade local, pão, bolacha

ou biscoitos, correntemente chamados de "massa" (TABELA XXXI - ANEXO 26). O almoço tem como alimentos básicos feijão, farinha, carne, geralmente seca, e arroz, sendo o consumo de verduras relativamente baixo (TABELA XXXII - ANEXO 26). Ao jantar, consomem os mesmos alimentos da primeira refeição do dia (TABELA XXXIII - ANEXO 27). Aos fins de semana, utilizando os alimentos básicos já citados, modificam o cardápio, preparando-os de maneiras diferentes e introduzindo outros, principalmente em função da ocorrência da feira, do abate de bovinos e suínos, do recebimento da remuneração e do descanso semanais. Assim sendo, as donas-de-casa preparam feijoada ou cozido (carnes fresca e seca, verduras) acompanhado do pirão (TABELA XXXIV - ANEXO 27).

As crianças na faixa etária de zero a dois anos têm como dieta básica, até certo tempo, o leite com pequena predominância do materno sobre os demais. Após o primeiro ano de vida, passam a ter alimentação diversificada e constituída dos mesmos alimentos consumidos pelos adultos (TABELA XXXV - ANEXO 28).

Na área da saúde, as comunidades da amostra apresentam um quadro determinado pelas condições sócio-econômicas e culturais comuns às demais comunidades rurais da região: o misticismo e o conhecimento popular resultantes das experiências vividas regem, essencialmente, as ações de terapia e de preservação da saúde, ficando em último plano a prevenção das doenças (TABELAS XXXVI, XXXVII e XXXVIII - ANEXOS 29 e 30). Pode-se observar que o exame parasitológico de fezes, meio de diagnóstico das verminoses, por exemplo, só é utilizado para fins terapêuticos, "quando se adoecer"; o mesmo ocorre em relação à assistência odontológica, que só é procurada quando se torna estritamente necessária.

Dentre as nove comunidades da amostra, Embira, Sapucaia e Poções são dotadas de minipostos de saúde, destinados ao atendimento primário dos moradores; entretanto, ne

nhum deles se encontra em funcionamento e, quando os habitantes necessitam desse tipo de atendimento, deslocam-se para a zona urbana do Município ou para municípios vizinhos. A depender da localização e do meio de acesso, os pacientes gastam minutos ou hora para alcançarem o local de atendimento.

A prevenção através de vacinas é feita por órgãos e serviços de saúde pública, em campanhas ou de modo rotineiro, à exceção da vacina anti-tetânica comumente procurada por iniciativa própria (TABELAS XXXIX e XL - ANEXO 31).

Na faixa etária de zero a dois anos, segundo as famílias informantes, a *causa mortis* de maior incidência é a desidratação; em seguida, o sarampo e, também, com frequência, o tétano umbilical, popularmente conhecido como "mal de sete dias", ou "mal de umbigo" (TABELA XLI - ANEXO 32).

O registro dos óbitos infantis, em cartório, é feito pela maioria das famílias (TABELA XLII - ANEXO 33).

Embora a atividade principal das comunidades seja a agricultura, a assistência médica é prestada pelo INPS a 56,8% das famílias, enquanto o FUNRURAL atende a 30,8% e 4,8% são assistidas por ambos os Serviços (TABELA XLIII - ANEXO 33).

4.1.2.5 - Trabalho e renda

As famílias, comumente compostas de sete elementos, em geral têm uma ou duas pessoas (40,2%) que realizam trabalho remunerado (TABELA XLIV - ANEXO 34). Os demais familiares contribuem para a renda doméstica como mão-de-obra não remunerada; são, geralmente, os filhos menores e as mulheres, os quais, além de realizarem as tarefas domiciliares, participam do trabalho na lavoura, cujo produto permite a remuneração do chefe familiar.

Embora a maioria não declare a utilização da mão-de-obra infantil nas atividades da lavoura, esse é um fato generalizado e comprovado. O trabalho infantil remunerado tem baixa ocorrência, enquanto o não remunerado é comum.

A vinculação de pessoas ao trabalho remunerado sistemático ocorre em 51,7% das famílias. O trabalho ocasional é comum a 35,5% e deve-se esse fato à prestação de serviços em lavouras que não são de propriedade da família ou, se o são, dependem de ciclos para sua comercialização (TABELA XLV - ANEXO 34).

A jornada máxima de trabalho semanal do chefe de família (TABELA XLVI - ANEXO 35) é de sete dias e a mínima, de quatro, dependendo sua duração do tipo de atividade exercida. Os que se ocupam da lavoura de sua propriedade trabalham seis dias durante a semana. Além deles, os rendeiros, meeiros, trabalhadores contratados e aqueles que, não trabalhando diretamente no campo, exercem atividades relacionadas com a lavoura, como, por exemplo, nos armazéns de fumo. A semana com cinco dias de trabalho também é cumprida por muitos chefes de família, lavradores que, de segunda a sexta-feira, trabalham em sua própria terra e, aos sábados, deslocam-se para a feira do Município ou de municípios vizinhos, a fim de comercializarem seus produtos.

Existem aqueles que, de segunda a sexta-feira, trabalham como operários nas fazendas, ou em outros locais, enquanto a família cultiva seu próprio terreno; aos sábados, também vão à feira vender os produtos do cultivo familiar.

Ainda trabalhando cinco dias por semana, há chefes de família que têm outros tipos de atividades que não estão tão direta ou indiretamente ligadas à agricultura.

O recebimento da remuneração, por parte de 47,4%

dos chefes de família, conforme demonstra a TABELA XLVII (ANEXO 35), é semanal; 52,6% equivalem aos que recebem salários mensais e aos que percebem pagamento diário pelo trabalho que realizam.

Do total de famílias informantes, 52,1% cultivam a terra; dessas, apenas 25,6% de seus chefes de família detêm a posse da terra que cultivam, sendo os demais: rendeiros - indivíduos que têm a posse da terra mediante pagamento sistemático ao dono, meeiros - aqueles que cultivam a terra de outrem e com ele repartem a produção obtida - e os assalariados, que são contratados ou recebem por trabalho eventualmente realizado (TABELA XLVIII - ANEXO 36).

Dentre as famílias que cultivam a terra, 69,6% plantam fumo associado a outras culturas: milho, feijão, amendoim, hortaliças, cítricos e mandioca, abrangendo essa 68% das plantações. A cultura dos cítricos e a fumageira que caracterizavam o Município, nos dias atuais, vêm declinando sensivelmente, o que comprovam os 12,3% e 13,2% de famílias que realizam, respectivamente, o monocultivo de fumo ou de cítricos (TABELA XLIX - ANEXO 37).

A explicação para a cultura de fumo associada a outras reside no fato de que o pequeno agricultor, recebendo crédito não só do comprador de fumo, que também lhe fornece adubo e sementes para posterior pagamento através da safra colhida, mas também alguns, do Instituto Baiano de Fumo (IBF), (TABELAS L E LI - ANEXOS 38 e 39), aplica-o, simultaneamente, nas demais lavouras.

Comparando-se os quantitativos referentes à posse da terra, pelas famílias que a cultivam, com aqueles relativos à posse da habitação, verifica-se (TABELA LII - ANEXO 39) que a maior parte das famílias (80,8%) reside em casas próprias, enquanto 19,2% vivem em casas cedidas, ou alugadas por quantias que variam entre Cr\$ 50,00 (cinquenta cru

zeiros) e Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros) (TABELA LIII - ANEXO 40).

4.1.2.6 - Relacionamento comunitário

A convivência entre os moradores das comunidades que fazem parte da amostra demonstra ser amistosa e haver estreito relacionamento entre a maioria deles.

Os problemas que ocorrem nessas comunidades são determinados, em maior percentual, por variáveis externas como, por exemplo, falta de água, de condução, de trabalho, etc. (TABELA LIV - ANEXO 41).

Embora o relacionamento entre os moradores possa ser considerado bom, a discussão dos problemas comunitários não se efetua de maneira sistemática, visto que 32,9% das famílias declaram que esse procedimento só ocorre algumas vezes e, nessas circunstâncias, as soluções são providenciadas pelo grupo ou por uma comissão de moradores (TABELAS LV e LVI - ANEXO 42).

Na maioria das comunidades, a liderança é exercida por um político - vereador, cabo eleitoral, ou outra pessoa - motivo pelo qual, embora o questionário não solicitasse qual o tipo de liderança existente, mas apenas a existência de pessoas que se interessavam pelos problemas da comunidade, 30,3% das famílias não responderam a essa questão e 45,7% se declararam impossibilitadas de fazê-lo (TABELA LVII - ANEXO 43).

4.1.2.7 - Aspirações e lazer

A segurança conferida pela posse da terra ou da casa onde vivem, as ligações afetivas, tais como o amor ao local em que nasceram, a convivência com parentes são fatores que contribuem para 82,5% das famílias pretenderem permanecer morando nas localidades em que se encontram. Em con

traposição, condições adversas, de ordem econômica e social, justificam o desejo de 17,5% das famílias mudarem da localidade em que residem (TABELA LVIII - ANEXO 44).

A realização pessoal através do tipo de trabalho que desenvolve é característica da maioria das famílias (86,7%); para 9% apenas, o trabalho de que se ocupam não é agradável. Dentre as atividades consideradas desagradáveis, pelos adultos, estão os "trabalhos de enxada", "carregar água" e os "trabalhos domésticos" (TABELAS LIX e LX, ANEXOS 45 e 46).

De acordo com os adultos, constituem, principalmente, atividades desagradáveis às crianças, aquelas inerentes ao campo: "catar lenha", "trabalho na roça", "trabalho na casa de farinha", etc. (TABELA LXI - ANEXO 47).

As aspirações profissionais dos chefes de família traduzem (TABELA LXII - ANEXO 48) o anseio de 33,3% deles de permanecerem ligados ao campo, não como donos de pequenas ou médias frações de terra (roceiros), ou como trabalhadores braçais, mas sim, como fazendeiros; 38,1%, todavia, gostariam de exercer outras atividades desvinculadas da agricultura, sendo o comércio e o funcionalismo público as mais atraentes; 22,6% dos chefes de família não desejam mudar a profissão ou ocupação exercida.

As aspirações familiares em relação aos filhos são variadas (TABELA LXIII - ANEXO 49). Observa-se que as famílias desejam, para seus filhos, profissões de nível universitário ligadas à área agrícola; e também aspiram a graduação a esse nível em outras áreas, a fim de que seus filhos sejam profissionais liberais: médicos, odontólogos, advogados, etc. Dentre as profissões que requerem escolarização de nível médio, ou 2º grau, a de professor é aspirada por grande parte das famílias e, dentre as que requerem somente o 1º grau, as preferências recaem sobre motorista e

costureira.

As horas não ocupadas pelo trabalho são usadas, pelos adultos, para descanso físico ou em atividades de lazer, sendo as mais freqüentes os passeios, conversas e jogos; as crianças brincam, jogam e acompanham os adultos durante os passeios, como demonstram, respectivamente, as TABELAS LXIV e LXV (ANEXOS 50 e 51).

A audiência de programas radiofônicos abrange 89,7% das famílias informantes; as demais (10,3%) declaram não ouvir rádio porque não o possuem; as preferências recaem, principalmente, sobre os musicais, noticiosos e esportivos (TABELA LXVI - ANEXO 51). Quanto à assistência à televisão (TABELA LXVII - ANEXO 52), a ocorrência em todas as comunidades atinge 62,8% das famílias; 35,4%, porém, não assistem, porque "não gostam" ou porque "não possuem aparelho".

O hábito de leitura (TABELA LXVIII - ANEXO 53) é restrito a menos da metade das famílias informantes (44,4%) o que reflete as condições culturais e sócio-econômicas do habitante rural: falta de gosto e de interesse, dificuldade de acesso e aquisição de materiais bibliográficos.

A freqüência de participação em diferentes tipos de reuniões, tais como, trabalhistas, associativas, religiosas, educacionais, etc., é comum a 54,3% das famílias; 39,3%, entretanto, não participam por motivos diversos; dos declarados, os principais são: falta de tempo, de oportunidade, ou, simplesmente, porque não gostam (TABELA LXIX - ANEXO 54).

Diante das características evidenciadas, as comunidades que compõem a amostra, no que se refere ao aspecto populacional, apresentam o seguinte perfil:

- . população jovem, predominando o sexo feminino;
- . a composição familiar média é de sete pessoas, sendo sua

- chefia exercida geralmente pelo homem, embora ocorra também a chefia feminina;
- . o analfabetismo atinge 16,5% dos habitantes na faixa etária de sete a 84 (oitenta e quatro) anos;
 - . a evasão escolar é comprovada em 49,6% da população; apenas 0,3% possui escolaridade de 2º grau concluída;
 - . a interrupção dos estudos se dá, geralmente, nas duas primeiras séries do 1º grau;
 - . as principais justificativas para os percentuais de analfabetismo e evasão escolar são de ordem sócio-econômica;
 - . os hábitos higiênicos adequados à preservação da saúde são poucos;
 - . os hábitos alimentares são inerentes à situação econômica e cultural das famílias;
 - . consultar médico e/ou recorrer à rezadeira, tomar chá ou remédios caseiros são hábitos generalizados na área da saúde;
 - . a existência de fossas, nas casas, é associada à presença de instalação sanitária, porém pouco mais da metade das residências as possuem;
 - . a lavoura como principal atividade rentável da família não é comum a toda a população da amostra;
 - . pouco mais da metade das famílias cultiva a terra, embora sem possuir a terra cultivada;
 - . o cultivo de fumo ou de cítricos associado a outras culturas é realizado por mais da metade dos agricultores;
 - . comumente, uma ou duas pessoas por família recebem remuneração pelo trabalho que executam; os demais elementos contribuem para o orçamento familiar, como mão-de-obra não remunerada;
 - . dentre os elementos que trabalham sem remuneração, estão

- incluídas as crianças e as mulheres;
- . o trabalho remunerado sistemático não é fato generalizado;
 - . a jornada de trabalho semanal mais comum tem cinco ou seis dias de duração;
 - . a renda mensal familiar varia entre Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) e Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros), isto é, menos que um salário mínimo regional: Cr\$ 787,20 (setecentos e oitenta e sete cruzeiros e vinte centavos) e pouco mais de cinco vezes o mesmo, considerando-se o período 1977-1978;
 - . a maioria das famílias mora em casa própria;
 - . o relacionamento comunitário é bom, não sendo comum, entretanto, os moradores discutirem em grupo os problemas surgidos;
 - . as lideranças comunitárias são exercidas, geralmente, por políticos;
 - . parte dos chefes de família aspira ampliar suas propriedades e continuar trabalhando a terra; outros, no entanto, desejam mudar de atividade;
 - . com referência ao futuro dos filhos, as aspirações paternas giram em torno de carreiras universitárias nas áreas de saúde, agricultura, ou de nível médio, na área de ensino;
 - . passeios, jogos e descanso físico preenchem as horas de lazer dos adultos e crianças;
 - . a audiência de rádio e assistência à televisão são generalizadas, o mesmo não acontecendo com o hábito de leitura;
 - . pouco mais da metade da população participa de reuniões de caráter trabalhista, associativo, religioso ou educacional.

4.1.3 - Caracterização do contexto-escola

Estudou-se o contexto-escola quanto a: condições físicas da escola, corpo docente, corpo discente e currículo.

4.1.3.1 - Condições físicas

Como as demais escolas da zona rural de Cruz das Almas-BA, das nove escolas que constituem a amostra, algumas são do tipo "isolado", com uma sala de aula apenas e outras, "prédios" com duas salas de aula:

Tipo isolada	Tipo prédio
Santa Maria	Augusto Eugênio da Silveira
Escola da Aldeia	Manoel Caetano da Rocha Passos
Santa Bernadete	Escola Rural da Embira
Otília Conrado	Escola Rural de Poções
Maria Quitéria	

De acordo com o critério conservação do imóvel, as escolas se distribuem em três níveis (TABELA LXX).

TABELA LXX - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS DE ACORDO COM O ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL

Estado de conservação	Nº de escolas
Bom	4
Médio	2
Precário	3
Total	9

FONTE: Questão 24 - Questionário do Professor

Das nove escolas, oito são construídas de tijo

lo e apenas uma é construída com taipa. Existem escolas que possuem área externa, porém nem todas têm essa área cultivada (TABELA LXXI).

TABELA LXXI - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE ÁREA EXTERNA DE TERRA E SEU CULTIVO

Área externa	Nº de escolas
Cultivada	2
Não cultivada	4
Não existe	3
Total	9

FONTE: Questões 28 e 29 - Questionário do Professor

As dimensões da sala de aula em relação ao número de carteiras e de alunos podem ser consideradas satisfatórias, mas não ideais, em sete das escolas, e insatisfatórias nas demais.

Nenhuma das escolas possui carteiras individuais para os alunos; a ocorrência generalizada é do tipo tradicional com acomodação para duplas de alunos em cada uma (TABELA LXXII).

TABELA LXXII - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO O TIPO DE CARTEIRAS

Tipo de carteira	Nº de escolas
Individual	-
Dupla	8
Bancos para 4 alunos	1
Total	9

FONTE: Questão 26 - Questionário do Professor

Outras peças do mobiliário escolar são a mesa do professor e o quadro de giz, em quatro das escolas; nas demais, também um armário.

As condições materiais referentes à higiene deixam a desejar, pois em quatro das escolas não existe sanitário em condições de uso e em nenhuma, água corrente. A água que o professor e os alunos bebem é obtida em cisterna, na maioria das escolas (sete); em apenas duas escolas, é trazida de casa pelos alunos e guardada nos próprios vasilhames em que as crianças a conduzem, em potes ou em filtros; em cinco escolas a água é filtrada. Na maior parte das escolas (sete), cada criança usa copo ou "caneco" próprio para beber água; nas demais, os alunos utilizam, todos, um mesmo copo.

A distribuição da merenda escolar é restrita e a falta desse tipo de assistência às demais escolas decorre de vários fatores, conforme declaram os professores e registra-se na TABELA a seguir.

TABELA LXXIII - OFERECIMENTO DE MERENDA ESCOLAR

Merenda escolar	Nº de escolas
Sim:	
Diariamente	2
Raramente	-
Não:	
Falta de condições da escola	2
Falta de material	1
Falta de cooperação	1
O prefeito não manda	1
Falta de interesse...	1
Falta de fogão e caldeirão	1
Total	9

FONTE: Questão 35 - Questionário do Professor

O cardápio é pouco variado (TABELA LXXIV), mas, segundo os professores, é bem aceito pelos alunos.

TABELA LXXIV - ALIMENTOS OFERECIDOS COMO MERENDA ESCOLAR

Alimentos	Nº de escolas
Carne-verdura-arroz-macarrão-farinha-leite-ovos	1
Arroz-macarrão-farinha-leite	1
Total	2

FONTE: Questão 36 - Questionário do Professor

4.1.3.2 - Corpo docente

O corpo docente das classes experimentais é constituído de nove professoras, todas naturais do município de Cruz das Almas-BA; cinco nasceram na zona rural e quatro, na zona urbana. Cinco são casadas e quatro, solteiras.

A condição de membro residente na comunidade onde ensinam é restrita a três apenas; seis residem na zona urbana, da qual se deslocam diariamente para a zona rural.

Todas possuem o mesmo nível de escolarização: 2º grau - Curso Normal completo, realizado, por oito delas, na sede do Município, no Colégio Estadual Alberto Torres e, por uma, apenas, na sede do município vizinho, no Centro Educacional de Sapeaçu.

Quanto às cinco primeiras séries do 1º grau (antigo Curso Primário), três professoras estudaram nas mesmas localidades onde nasceram, uma na localidade onde ensinam atualmente e cinco, na zona urbana, onde todas cursaram as séries correspondentes ao antigo Curso Ginásial.

Torna-se necessário esclarecer que anteriormente à Lei 5692/71, o Curso Primário ou Elementar compreendia cinco anos e a escola rural só oferecia esse tipo de curso. Nos dias atuais, com a redução sofrida, em virtude da referida Lei, a escola rural oferece quatro séries e os alunos que pretendem e conseguem prosseguir estudando têm que fazê-lo na escola urbana.

Além da qualificação de 2º grau, cinco professoras já participaram de cursos de treinamento realizados na Capital, no próprio Município e/ou em municípios vizinhos; as demais alegam falta de oportunidade e motivos pessoais para a não realização desses cursos.

A situação funcional das professoras varia: quatro foram admitidas por nomeação - efetivas; cinco são contratadas, regidas pela CLT. O salário percebido é de Cr\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros) - ano base 1978 - submetido a descontos legais e atrasos constantes.

Embora todas as professoras exerçam o magistério somente em um turno, nos demais não se dedicam a outra atividade profissional, exceto uma que trabalha em artesanato. O período extra-escolar é usado, principalmente, pelas professoras casadas e mães de família, em afazeres domésticos.

As professoras atendem, em geral, a uma clientela de 30 (trinta) a 43 (quarenta e três) alunos.

4.1.3.3 - Corpo discente

A população escolar atendida pelas nove classes experimentais é constituída por 289 (duzentas e oitenta e nove) crianças com idades de sete a doze anos.

Segundo os professores, a freqüência dos alunos, em cinco das escolas, é constante; nas demais, ocorre o inverso: as ausências é que são constantes (TABELA LXXV).

TABELA LXXV - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO ASSIDUIDADE DOS ALUNOS ÀS AULAS.

Assiduidade	Nº de escolas
Constante	5
Irregular	4
Total	9

FONTE: Questão 14 - Questionário do Professor

Os motivos que determinam o absenteísmo das crianças às aulas são vários: pode-se observar, entretanto, que o trabalho na roça e as doenças são os mais freqüentemente apontados pelos professores. Embora os trabalhos domésticos não tenham sido citados pelos professores, conclui-se, a partir de informações prestadas pelas crianças e por algumas mães, que esse tipo de atividade constitui, também, motivo de falta às aulas. Durante o ano letivo, há períodos em que o absenteísmo aumenta, sistematicamente: época de plantio, ou seja, os meses chuvosos - abril a junho; época de colheita e venda de produtos agrícolas. O inverno, além de propiciar o plantio, concorre para incidência de problemas relativos à saúde e ao acesso à escola, considerando-se

as grandes distâncias entre essa e a residência de muitas crianças que fazem o percurso a pé (TABELA LXXVI).

TABELA LXXVI - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO O PERÍODO E RAZÕES DE BAIXA FREQUÊNCIA DOS ALUNOS ÀS AULAS -1978

Período/Razão	Nº de escolas
Maio-junho:	
Doença	1
Plantio	4
Inverno: distância escola-casa	1
Maio-agosto: plantio-colheita	2
Março-outubro: plantio-colheita e venda	1
Total	9

FONTE: Questões 16-17 - Questionário do Professor

Durante o período de aula, as crianças da 1ª. série, de acordo com os dados fornecidos pelos professores, realizam diferentes atividades, a depender da escola que frequentam (TABELA LXXVII). Assim sendo, há escolas que realizam leitura e escrita, tendo, como atividades complementares, recreação, desenho, colagem, tabuada e canto ou artes; em outras, as crianças ocupam o período de aula com atividades de artes, Comunicação e Expressão, além de Integração Social. Para outras crianças, as atividades escolares diárias são desenho e recreação ou leitura e escrita.

TABELA LXXVII - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO TIPOS DE ATIVIDADES

Típos de atividades	Nº de escolas
Comunicação e Expressão-recreação-colagem	1
Exercícios-desenho-leitura-tabuada-canto	2
Desenho-leitura-colagem-recreação	3
Matemática-Integração Social	1
Comunicação-Matemática-Estudos Sociais-desenho-recreação	1
Escrita-leitura-conta-canto-brincadeiras-desenho	1
Total	9

FONTE: Questão 18 - Questionário do Professor

Durante as aulas, segundo os professores, a maioria das crianças prefere realizar atividades coerentes com a sua faixa etária (TABELA LXXVIII).

TABELA LXXVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS, SEGUNDO AS ATIVIDADES PREFERIDAS PELOS ALUNOS

Atividades	Nº de escolas
Desenho-recreação-colagem	1
Desenho-recreação	1
Desenho	3
Comunicação e Expressão	1
Desenho-canto	1
Artes	2
Total	9

FONTE: Questão 19 - Questionário do Professor

A preferência pelas atividades escolares de natureza lúdica confirma o interesse natural da criança pelas brincadeiras, seja ela habitante de zona urbana, ou rural.

Informações obtidas dos próprios alunos, através das entrevistas, permitem caracterizá-los como participantes ativos do trabalho familiar, seja sob a forma de prestação de ajuda à mãe nos afazeres domésticos ou na roça, seja em serviços agrários, ou na feira em vendagem de produtos da lavoura ou seus derivados, tais como, farinha e beiju, produzidos na "casa de farinha".

Poucas crianças demonstram gostar das obrigações que lhes são atribuídas; suas declarações a esse respeito coincidem com as dos pais. Os momentos livres de trabalho e escola são usados pelas crianças para "brincar", a atividade de que todas declaram gostar.

As meninas, geralmente, brincam "de boneca", "de casinha" e "de comadre", sós ou com irmãs, parentas ou vizinhas; através dessas brincadeiras, elas reproduzem as atividades rotineiras da família, assumem os papéis materno ou de adulto e transferem o filial para a boneca, ou para as companheiras menores. A boneca não é, obrigatoriamente, artefato; é comum a versão feita em casa, de pano e enchimento. Pode ser, também, um objeto, ou mesmo um graveto que simbolize na concepção infantil. Outras brincadeiras, em grupo, também são comuns entre as meninas: "fazer roda" (ciranda), "pular corda", "fazer cozinheiro", etc.

Os jogos competitivos são participados simultaneamente pelas meninas e meninos, destacando-se os seguintes: "picula" (uma criança persegue as demais, em corrida, até pegar uma delas e essa será a nova perseguidora), "macaco" (ou amarelinha), "baleado" (jogo com bola em que dois grupos disputam acertos nos adversários e diminuição de seu número), ou "capitão" (jogo com pedrinhas, sementes grandes

ou castanhas de caju).

Os brinquedos preferidos pelos meninos são o carro e a bola. À semelhança do que acontece com a boneca, para a grande maioria dos meninos, o carro é concebido de maneiras diversas e para sua confecção eles usam vários materiais, tais como: uma caixa ou lata apenas, latas como carrocerias e carretéis de linha como rodas, caixotes pequenos ou médios, esses últimos podendo comportar a própria criança. Há meninos que, usando esses e outros materiais como cola, prego, etc., conseguem construir réplicas de caminhões e automóveis. Dentre as brincadeiras características dos meninos estão o jogo de "gude" (bola pequena de vidro) e o "gancho" (manobras de aros de bicicleta, usando um gancho, geralmente de ferro, com as quais fazem competições semelhantes a corridas de carros).

A assistência a programas de televisão também constitui lazer de muitas crianças.

Os fins de semana, para a maioria das entrevistadas, é significativo, porque aos sábados muitas vão à zona urbana (cidade) acompanhando os pais ou outros familiares para ajudar na vendagem de mercadorias e/ou para "fazer a feira", isto é, abastecer-se de gêneros alimentícios não encontrados na zona rural, ou, então, fazer outros tipos de compras. As crianças que não vão à "cidade" permanecem em suas comunidades, mas preenchem o tempo livre com passeios pelas redondezas, em visitas a parentes e amigos. O domingo é o dia em que a maioria das crianças considera "diferente", porque fazem passeios mais longos; as que têm oportunidade assistem à missa, "comem diferente" (a alimentação é diferente dos outros dias da semana) e "não trabalham". Para alguns, entretanto, o domingo "é um dia igual aos outros".

A escola é considerada pelas crianças como sendo o lugar onde as pessoas estudam, escrevem, aprendem, "se

4464

dá lição", "se fica quietinho". Embora algumas crianças achem que na escola as pessoas "fazem é bater...", a maioria delas declara gostar da escola. A partir dessas manifestações, pode-se concluir que as crianças das comunidades que compõem a amostra vão à escola, porém ali não encontram condições satisfatórias para a promoção da aprendizagem.

Em virtude da necessidade de sua contribuição nos afazeres domésticos e no campo, assim como em decorrência das grandes distâncias existentes entre a casa e a escola, grande parte delas não é assídua às aulas, embora goste da escola.

As crianças são criativas e o demonstram através dos brinquedos que constroem ou das improvisações que fazem; gostam mais de brincar do que trabalhar e, de modo geral, dividem os dias da semana entre obrigações e lazer.

4.1.3.4 - Currículo oficial

A análise do currículo oficial destinado às classes de 1ª. série do ensino rural de Cruz das Almas-BA, fornecido pelo Serviço de Supervisão Escolar Municipal, evidencia algumas características.

Compõe-se de quatro unidades, desenvolvendo-se cada uma em aproximadamente dois meses. As unidades se expressam através de objetivos específicos, sugestões de atividades e sugestões de atividades integradoras (ANEXO 55).

Não há determinação de objetivos gerais que explicitem os possíveis comportamentos a serem demonstrados pelo aluno, ao concluir a referida série.

Os objetivos específicos propostos em cada uma das unidades, em conjunto, não demonstram obediência a uma seqüência lógica e/ou psicológica, de acordo com os padrões vigentes, nem tão pouco evidenciam concordância entre si.

Os objetivos específicos propostos para a primeira unidade apresentam-se com o seguinte teor:

Reconhecer:

1. Que os seres vivos vivem em grupos e mantêm relações entre si.
2. Que há necessidade de normas para conviver entre os seres vivos.

Demonstrar atitudes de interesse pelo seu bem estar e do próximo.

A partir dos enunciados desses objetivos, infere-se que, durante o período de desenvolvimento da unidade, os alunos deverão formular juízo de valor, adquirir e/ou desenvolver disposições para admitirem como verdadeiras as proposições contidas em cada enunciado e, finalmente, evidenciar, através de ações, o grau dessas disposições em relação a si próprio e aos demais indivíduos.

Quanto à formulação do primeiro objetivo, a simples leitura permite constatar a sua impropriedade no campo do conhecimento específico, porquanto a generalização "... os seres vivos vivem em grupos..." é abusiva; pode-se observar também a discrepância entre a abrangência do tema enfocada e a clientela, face às suas condições de iniciação escolar.

A redação do segundo objetivo não deixa dúvida quanto ao produto esperado, porém é tão abrangente quanto o anterior, porque diz respeito às normas que deverão ser admitidas como necessárias para o aluno conviver com os demais seres vivos.

Finalmente, o último objetivo tem abrangência menor e pretende do aluno a demonstração de "interesse pelo seu bem estar e do próximo", considerando-se que o próximo seja outro ser humano.

Para a segunda unidade são estabelecidos os seguintes objetivos:

Identificar:

1. O espaço físico e os movimentos possíveis desse espaço.
2. Os aspectos físicos característicos do caminho de casa e da escola, vizinhanças, feira.

Formação de hábitos e atitudes.

Nessa unidade, a ênfase é dada à identificação que requer elaboração mental menor do que as propostas para a unidade anterior.

A formulação do primeiro e do último objetivos é imprecisa e não permite a avaliação da amplitude dos mesmos.

Os objetivos propostos para as duas últimas unidades reiteram as mesmas habilidades e disposições preconizadas na segunda unidade; assim, para a terceira unidade estabelece-se:

1. Identificar os meios de transportes usados na sua comunidade.
2. Formar bons hábitos e atitudes.

Para a quarta unidade são estabelecidos quatro objetivos a saber:

1. Identificar as pessoas que ajudam a família e a escola.
2. Identificar os tipos de profissões.
3. Identificar a Bandeira da Comunidade e do Brasil.
4. Formar hábitos e atitudes.

Constata-se que não há estabelecimento de hierarquia coerente com a maturidade mental do aluno que, ao iniciar o processo de escolarização, necessita ainda desenvolver habilidades básicas para, gradualmente, atingir o desenvolvimento daquelas mais complexas, quer no campo cognitivo, quer no campo afetivo. Além dessas constatações referentes aos objetivos, observa-se que não existe coerência entre os mesmos e as atividades sugeridas.

Considerando-se que as atividades, legalmente, caracterizam o currículo desse nível educacional e, didaticamente, devem propiciar condições e situações para que, através delas, o aluno desenvolva as habilidades e disposições previstas, no elenco das atividades curriculares sugeridas, a maioria não atende a esses requisitos básicos.

As atividades de Comunicação e Expressão sugeridas não permitem a identificação da metodologia de alfabetização adotada e sim a suposição de que o método utilizado seja o global.

Não apresentam seqüência lógica vez que, paralelamente com a iniciação do processo de leitura, é proposta a escrita de palavras, por crianças que não passaram, anteriormente, por nenhum processo formal de treinamento da coordenação motora fina, tendo em vista que a 1ª. série da Escola Rural é a primeira oportunidade de escolarização para as crianças desse meio. O que existe como proposta são, por exemplo, "Exercícios variados para desenvolver a coordenação motora, visual..." a serem realizados, simultaneamente, com a iniciação da leitura e da escrita, mas não como uma fase necessária à prontidão para a leitura e para a escrita. Além disso, o tempo previsto para as atividades de escrita não é suficiente.

Quanto à área de Iniciação às Ciências, no que se refere à Matemática, não há definição de atividades, exis

tindo apenas uma listagem de conteúdos sugeridos e que se esgotam na terceira unidade. Admitindo-se o pressuposto de que o conceito de número é aquisição prioritária para a iniciação da criança na aprendizagem matemática, os tópicos listados não são pertinentes e necessários à formulação desse conceito, mas insuficientes e incompletos, omitindo pré-requisitos indispensáveis.

A programação estabelecida não obedece a uma seqüência lógica, pois, na desvinculação estrutural dos conteúdos, cada tópico constitui um bloco isolado dos demais. Acrescente-se que o currículo não sugere o desenvolvimento de habilidades próprias desse nível, cujo treinamento facilitaria a aquisição de conceitos abordados nessa série e serviriam de pré-requisitos para aquisição de novas habilidades e novos conceitos, em níveis mais adiantados.

Em relação às Ciências Físicas e Biológicas, há sugestões de atividades apenas na primeira e terceira unidades. As atividades são propostas com um pequeno rol de conteúdos específicos, dentre os quais alguns requerem abstrações incompatíveis com o nível do aluno de 1ª série que ainda está em processo de libertação do egocentrismo e, portanto, necessita manipular materiais concretos para conseguir estruturar conceitos, estabelecer relações e, desse modo, estruturar seu pensamento e o raciocínio lógico.

No que se refere a Estudos Sociais, observa-se que a ênfase é dada às sugestões de atividades nessa área. Quase todas as atividades estão em coerência com os objetivos estabelecidos nas quatro unidades.

Conclui-se, após essa análise, que o documento ora caracterizado não pode ser considerado um currículo e, muito menos, um plano de ação a ser desenvolvido e executado por professores, cuja formação carece de fundamentos cognitivos específicos e psico-pedagógicos.

Em resumo, o contexto-escola pode ser caracterizado:

- . predominância de escolas de tipo isolado, a maior parte em bom estado de conservação, excetuando-se as instalações sanitárias;
- . poucos móveis e carteiras usadas pelos alunos do tipo dupla;
- . distribuição de merenda escolar não generalizada, com cardápio reduzido;
- . corpo docente composto por professoras formadas pelo Curso Normal, percebendo salários de Cr\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros) mensais e atendendo a classes de 30 (trinta) a 40 (quarenta) alunos;
- . currículo distribuído pelo Sistema de Supervisão Municipal resumido a planos de quatro unidades que não demonstram seqüência entre si e cujo desenvolvimento integral depende de conhecimentos específicos e psico-pedagógicos que o corpo docente não possui;
- . clientela constituída por crianças de idades variadas entre sete e doze anos: grande parte trabalha para a família como mão-de-obra não remunerada; nas horas de folga, realizam brincadeiras e jogos quando demonstram a riqueza de sua criatividade; nas escolas, preferem atividades de caráter lúdico.

A caracterização dos contextos aqui concluída é elemento importante e fornecedor de dados para a construção do novo currículo. Embora nem todos os dados tenham sido requeridos e usados, de imediato, na elaboração do currículo da 1ª. série, por sua condição de série inicial, são essenciais ao conhecimento fundamentado das comunidades, da escola e da criança da zona rural. Outrossim, é necessário ressaltar que essas características subsidiam também a elaboração do currículo das três séries seguintes.

4.2 - Da fase experimental

4.2.1 - Caracterizaçãc do currículo elaborado

O currículo elaborado para a 1a. série e para as três séries seguintes, destinado às escolas rurais do município de Cruz das Almas-BA, evidencia duas características relevantes e de igual peso:

- . o embasamento nos centros de interesses da criança e da comunidade;
- . o tipo de metodologia desenvolvida para a construção do currículo e a metodologia proposta no currículo elaborado.

Ao serem detalhados os componentes curriculares, será constatado que, de per si e em conjunto, eles estão aticergados pelos interesses, prioritariamente, da criança e da comunidade em que ela vive.

Quanto à metodologia de elaboração, o currículo ca_racteriza-se, sem que sejam desrespeitados os marcos teóri_cos de pesquisa educacional e de construção curricular, como o produto do "fazer-fazendo", isto é, do contínuo planejar, executar, avaliar, retroalimentar e replanejar.

Considerando-se o aspecto negativo dos currículos escolares, que, de modo geral, são previamente elaborados pa_ra posterior execução, a metodologia adotada possibilitou a concomitância de ações relativas à estruturação e à execução do currículo, em estreita interação com os contextos escola e comunidade.

Princípios norteadores - Levando-se em conta as ca_racterísticas e interesses da criança e da comunidade, assim como as constatações realizadas e já apresentadas anteriormente, foram estabelecidos três princípios que constituem um

imbricado de intenções e ações emergentes do elemento central, que é o aluno, e para ele convergentes. Todos os componentes curriculares são coerentes com a realidade da clientela e têm, nos princípios a seguir, sua fonte geradora:

1. A criança é o centro do processo ensino-aprendizagem.
2. A atividade mental do aluno é forma de aquisição de conhecimento.
3. As noções a serem ensinadas às crianças devem atender, ao mesmo tempo, às necessidades de sobrevivência e à necessidade social.

À primeira vista, pode parecer que esses princípios nada possuem de inovadores nem tão pouco são específicos para orientarem a estruturação de um currículo que se destina a escolas da zona rural. Em verdade, porém, a adoção de tais princípios constituiu um desafio que requereu uma opção consciente, porquanto a proposta curricular norteada pelos mesmos seria desenvolvida em escolas de comunidades rurais, onde inexistem o nível pré-escolar, e por professores que evidenciam marcantes deficiências na área pedagógica e no campo dos conhecimentos específicos.

O primeiro princípio direciona as ações curriculares no sentido de propiciar ao aluno a condição de elemento atuante no processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, promover mudanças na relação professor-aluno. Em observância a esse princípio, o currículo estrutura-se de forma que sua operacionalização tem, como condição prioritária, a participação ativa do aluno. Em função do mesmo princípio, objetivava-se modificar a concepção do aluno acerca da escola; pretende-se que, progressivamente, ao se sentir elemento ativo, o aluno não mais identifique a escola como o local que se frequenta para "estudar", "dar lição", "ficar quieto", "ouvir o professor falar" e "cumprir ordens dadas".

Para que o aluno assuma a condição de elemento atuante no processo, o currículo estrutura-se de forma que a relação autoritária e apenas veiculadora de informações, na qual o agente é o professor e o sujeito passivo é o aluno, seja substituída por outro tipo de relacionamento, cuja característica predominante deve ser a reciprocidade: o professor passa a ser o elemento facilitador, aquele que orienta, e o aluno passa a ser o agente de sua própria aprendizagem.

De acordo com o segundo princípio, a composição curricular visa estimular a atividade mental do aluno, de modo que, no presente, ele possa ampliar o conhecimento e, no futuro, consiga reorganizar seu pensamento, a fim de encontrar soluções para novos problemas e adquirir novos conhecimentos. No estágio atual, em que as populações humanas estão vivenciando mudanças aceleradas de ordem ética, econômica, etc., até mesmo de ordem cultural, e os meios de comunicação de massa cada vez mais se diversificam e conseguem atingir maior número de indivíduos, nos mais longínquos recantos, torna-se imperativo que a escola, mesmo aquelas da zona rural, estimule o desenvolvimento de pessoas mentalmente capazes de captar informações, processá-las, avaliá-las criticamente e julgá-las com segurança.

Tendo em vista que as situações com as quais o aluno se defrontará, quando adulto, serão as mais variadas e imprevisíveis, e que as decisões a serem tomadas dependerão basicamente do indivíduo, ajudado pelo instrumental de que dispuser, compete à escola, através de seu currículo, enviar esforços no sentido de instrumentá-lo, da maneira mais rica e objetiva possível.

O terceiro princípio orienta a composição curricular no sentido de que a função e natureza dos conteúdos a serem propostos e a serem propiciados ao aluno tenham dupla utilidade, isto é, correspondam à demanda do desenvolvi-

to individual e às solicitações do meio social. Em consonância com esse princípio, os temas curriculares são propostos de maneira que, desde a série inicial, a criança ativamente amplie e adquira noções que contribuam para a percepção e resolução de problemas individuais e grupais, à proporção que eles se apresentam.

Considerando-se que os problemas referentes às necessidades de ordem individual e de ordem social com os quais o aluno se defrontará no futuro não poderão ser solucionados exclusivamente com a aplicação de conceitos adquiridos na escola, faz-se necessário que, durante o processo de escolarização, a criança seja estimulada a vivenciar situações problemáticas sucessivas; é preciso que cada novo problema percebido e solucionado possibilite a conexão entre esse e os anteriores garantindo, desse modo, o desenvolvimento contínuo e a reconstrução sucessiva da experiência.

Em virtude das necessidades econômicas obrigarem a criança do meio rural a abandonar prematuramente os estudos para aumentar a força de trabalho familiar, a função da escola, através de seu currículo, deverá ser a de propiciar educação primária integral, isto é, promover, durante o curto período de tempo de que dispõe, o desenvolvimento de noções e habilidades básicas ou instrumentais que permitam ao aluno conhecer-se melhor e conhecer o meio que o cerca.

Levando-se em conta que as comunidades para as quais se destina o currículo têm acesso a informações e recebem influência de centros desenvolvidos, devido à atual expansão dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, assim como através de freqüentes contactos interpessoais com elementos de centros urbanos, tornou-se necessário a introdução de componentes curriculares que, sem detrimento da preservação dos valores comunitários, permitam ao aluno estruturar-se como pessoa capaz de viver de modo adequa-

do e poder atuar em diferentes ambientes, sejam eles semelhantes, ou não, aos de sua origem.

Assim sendo, o currículo para as quatro séries da escola rural de Cruz das Almas-BA, tendo a criança como centro do processo ensino-aprendizagem, considera que sua potencialidade mental deve ser ativada e usada para a compreensão de sua própria cultura, para a resolução de problemas concernentes à sua sobrevivência pessoal e social e para a aquisição de novos conhecimentos que favorecerão seu desempenho efetivo na sociedade da qual é componente.

A caracterização dos componentes curriculares da 1a. série, feita a seguir, reafirma os princípios já discutidos: evidencia, concretamente, a imbricação dos mesmos, através do estabelecimento dos objetivos a serem atingidos e da seleção das noções a serem adquiridas pelo aluno, mediante a execução das atividades propostas, as quais, em conjunto, dimensionam a educação integral.

Composição curricular da 1a. série

a) Objetivos gerais:

- . Desenvolver as habilidades de observação, ordenação e classificação
- . Reconhecer a leitura e a escrita como meios de auto-expressão e comunicação
- . Compreender, a partir da descoberta, o conceito de número
- . Formar hábitos, atitudes e desenvolver habilidades que propiciem progressivo entrosamento das crianças entre si, com o professor, com as atividades da escola e com os valores da comunidade em que vivem.

A proposição dos objetivos gerais do currículo pa-

ra a 1a. série é a primeira resultante concreta dos princípios norteadores adotados e serve não apenas de base para a estruturação e operacionalização do mesmo, como também, de guia para comparação dos resultados previstos.

A heterogeneidade etária da clientela da série inicial, a homogeneidade quanto ao acesso à educação formal e o estágio de desenvolvimento mental dos alunos conduzem a determinadas conclusões.

Ao ingressarem na escola, as crianças dessas comunidades rurais têm idades cronológicas que variam entre sete e doze anos; identificam-se, porém, quanto ao desenvolvimento intelectual, porque se encontram no estágio das operações concretas e, em decorrência das condições sócio-econômicas e culturais do seu meio, possuem experiências vivenciais comuns.

Em função do nível de maturidade intelectual e da experiência vivencial determinada por fatores de ordem sócio-econômica e cultural, a criança da zona rural, ao ingressar na escola, requer condições adequadas para formalização dos conhecimentos obtidos empiricamente e posterior estruturação de seu pensamento lógico.

As habilidades de observar, ordenar e classificar constituem requisitos imprescindíveis à preparação científica de qualquer indivíduo e a seu relacionamento com o ambiente, de maneira adequada e proveitosa. Desse modo, considera-se que o desenvolvimento dessas habilidades básicas é fundamental para que a criança, intencionalmente, colete, ordene e classifique dados de seu meio; progrida, em paralelo, na consecução dos demais objetivos e, conseqüentemente, na aquisição dos conhecimentos que o currículo propõe.

O estabelecimento do segundo objetivo decorre da regulamentação legal do ensino quanto à prioridade que de-

ve ser dada à alfabetização nas duas primeiras séries do 1º grau, mas reitera a importância do desenvolvimento da observação, ordenação e classificação.

A aprendizagem da leitura e da escrita, independentemente do método utilizado, exige habilidades motoras específicas, que requerem da criança contínuo exercício.

Ainda que o estágio de maturação mental do aluno relacionado ao período letivo de uma série não seja suficiente para integralizar o processo de alfabetização e de formular juízo de valor acerca da importância da leitura e da escrita, é necessário que, na 1ª série, a criança proceda à identificação de ambas, como meios, através dos quais, ela também possa exprimir e comunicar suas idéias. Posteriormente a essa fase, é que a criança conseguirá analisar, avaliar e admitir a importância da leitura e da escrita, para aquisição contínua de conhecimentos, para seu lazer e para intensificar sua interação com o meio.

Analogamente ao processo de iniciação à aprendizagem da leitura e da escrita, a criança precisa ser alfabetizada na linguagem matemática e, para tanto, também se resalta a importância das habilidades expressas no primeiro objetivo geral.

Em virtude das circunstâncias conjunturais, constata-se que algumas crianças, ao ingressarem na escola, demonstram a aquisição empírica de certas noções matemáticas, visto que são capazes de contar pequenas quantidades de objetos e efetuar operações simples com números. Grande parte da clientela, entretanto, não demonstra os citados comportamentos. A partir dessas constatações e considerando-se que o conceito de número é condição prioritária para a aprendizagem matemática, pela criança, justifica-se a descoberta como meio estruturado para conduzir a criança à compreensão do conceito em questão.

O último objetivo expressa a síntese dos três princípios norteadores das ações curriculares, ao preconizar o desenvolvimento de habilidades, formação de hábitos e atitudes, com vistas à realização pessoal, social e cultural do aluno que é a figura central do processo ensino-aprendizagem, gerenciado por esse currículo.

b) Objetivos específicos - Determinados e explicitados os objetivos gerais do currículo para a série, torna-se necessário seu desdobramento em objetivos específicos que sejam capazes de orientar o processo ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, possam atender às necessidades cotidianas da sala de aula.

Os objetivos específicos propostos constituem uma série de marcos referenciais que esclarecem, principalmente o professor, quanto ao tipo de produto intermediário esperado e, ao mesmo tempo, o auxiliam na apreciação do progresso obtido por seus alunos.

Em função das carências de cunho pedagógico e cognitivo evidenciadas pelos professores das escolas rurais, com o propósito de auxiliá-los a reduzir as mesmas e visando à manutenção do controle de qualidade dos produtos previstos, o desdobramento dos objetivos gerais em específicos resultou num rol extenso, motivo pelo qual deixam de ser aqui enunciados; encontram-se expressos em cada um dos roteiros diários de atividades, no *Manual do Professor* e, neste trabalho, a título de ilustração, alguns exemplos.

c) Conteúdos - Entendendo-se o conhecimento como resultante de uma transformação da experiência e não apenas do somatório de conteúdos específicos, as noções propostas como conteúdos curriculares representam pontes que permitam conexões entre as experiências vivenciais da criança e novos conhecimentos gerados, os quais lhe possibilitarão compreender futuro-passado-presente.

Na 1a. série, são abordados temas que, devido à sua familiaridade e adequação ao grau de maturidade do aluno, estimulam-no a ordenar e encadear o pensamento de maneira coerente, em função do próprio presente e de sua atuação futura, no processo social.

A convicção nos princípios norteadores, especialmente naquele que se refere à natureza e função das noções que devem ser desenvolvidas através do currículo, e a observância das disposições legais concretizam-se através de:

- . seleção de um método de alfabetização cujo objetivo maior é ensinar a ler e escrever, utilizando-se do vocabulário da criança, porque esse representa as imagens e experiências por ela vividas, possuindo, por isso, para ela, significado e significância;
- . hierarquização de pré-requisitos necessários à redescoberta e conseqüente compreensão do conceito formal do número e à realização de operações com o mesmo;
- . aproveitamento das características do ambiente como pontos de facilitação da aprendizagem, sistematização de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades, formação de hábitos e atitudes que fortaleçam a interação indivíduo-meio;
- . vinculação dos temas com o Núcleo Comum obrigatório em âmbito nacional e constituído por Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

Comunicação e Expressão - Alfabetização

Por se tratar da série em que a criança inicia o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, e sendo a palavra considerada a unidade básica de significado e significância, durante a fase inicial do método adotado são utilizadas palavras do vocabulário básico da criança com as

quais ela nomeia seres e objetos (substantivos), expressa ações (verbos) e constrói frases para se comunicar oralmente com os familiares e amigos. Ainda nessa fase, dá-se a ampliação gradual do vocabulário, com a introdução de novas palavras pertencentes às mesmas categorias mencionadas, e evidencia-se a existência das vogais.

Na fase seguinte – fase intermediária –, uma vez que a criança já associa a palavra escrita a sua forma oral, mas não sabe ainda que os sons das palavras correspondem a letras, é utilizado o mesmo vocabulário explorado na fase anterior, para a criança aprender a seqüência sonora de sílabas e letras dentro da forma da palavra já conhecida; não se fragmenta a estrutura do contorno que lhe é familiar e estimula-se a criança a identificar, através de comparações, as mesmas letras em diferentes palavras.

Na fase final – período da descoberta da leitura –, a fixação do vocabulário desenvolvido se faz através da escrita, cuja aprendizagem é mais lenta que a da leitura, por requerer ajuste rítmico e coordenação de movimentos próprios.

Diante do exposto, os conteúdos do processo de alfabetização, se assim podem ser denominados, são as palavras com as quais as crianças se comunicam oralmente.

Para composição da grade curricular, entretanto, arrolam-se os tópicos:

- . palavras do vocabulário básico (substantivos e verbos)
- . palavras acrescidas ao vocabulário básico
- . vogais maiúsculas e minúsculas
- . formulação de frases
- . consoantes
- . fonemas
- . ortografia de palavras
- . composição e decomposição de palavras

- . pontuação - interrogação

Objetivando o desenvolvimento de outras formas de expressão e comunicação, exploram-se temas diversificados que se relacionam com a vivência da criança:

- . eventos cotidianos
- . som
- . cor
- . forma

Ciências

Conquanto sob o título Ciências estejam incluídos os estudos de Matemática e das Ciências Físicas e Biológicas, os conteúdos propostos não constituem uma totalidade, visto que a primeira, por sua natureza essencialmente abstrata, difere, de certa forma, do estudo do mundo físico. Por essa razão, os conteúdos referentes às disciplinas que compõem essa área serão caracterizados, separadamente.

Matemática - Da necessidade de abordar conteúdos propícios à formalização de conhecimentos matemáticos, a partir das experiências vividas pela criança, e fiéis aos princípios norteadores do currículo, resulta a proposição dos temas - pré-requisitos indispensáveis à formalização pretendida: compreensão do conceito de número.

Como o número não possui existência física, é uma abstração da mente humana e, como tal, não pode ser "encontrado" em a natureza, concretamente, pela criança, como as sementes que planta, os frutos que colhe, os animais de que cuida, ou as pedras com as quais pratica jogos, para a sua descoberta torna-se imprescindível a abordagem de noções que, concreta e intuitivamente, possibilitem a compreensão do número como atributo de um conjunto.

Objetivando a noção intuitiva de conjunto e sua representação gráfica, são abordadas noções topológicas simples como sejam: linhas abertas e fechadas, regiões, fronteiras, interior e exterior.

A criança é estimulada a reconhecer características de objetos e propriedades comuns a vários objetos, a proceder classificações baseadas em atributos como forma, tamanho, etc. Considerando-se que o número também é um atributo comum a vários conjuntos que estão em correspondência biunívoca, para a compreensão desse tipo de relação entre conjuntos, é necessária a abordagem de noções referentes a outros tipos de relações: de ordem, de equivalência, etc., e outras noções como direção e sentido, ambas essenciais à representação gráfica das relações.

Todos os pré-requisitos mencionados são, também, considerados fundamentais à posterior compreensão das operações com números. A partir da descoberta do número é proposta a representação (escrita) e a leitura dos números naturais e, então, a criança inicia a operar aditivamente com números.

Conteúdos curriculares matemáticos propostos para a série inicial:

- Topologia:

- . interior e exterior
- . regiões e vizinhanças
- . contornos (fronteiras: curvas abertas e curvas fechadas)
- . posição relativa de figuras

- Atributos:

- . forma
- . cor
- . tamanho
- . espessura

- Conjunto - noção intuitiva:
 - . seqüências
 - . direção e sentido
- Relações:
 - . ordem - representação gráfica
 - . equivalência - representação gráfica
 - . correspondência biunívoca
- Número
 - . numeral - designação e representação dos números naturais
- Adição

Ciências - Em função das características sócio-econômicas e culturais, a criança da zona rural, desde cedo, mantém contacto direto com uma ambiência rica e peculiar que favorece sua experiência vivencial acerca da natureza. No próprio seio familiar, a criança é iniciada na aprendizagem da convivência e sobrevivência nesse meio; ao ingressar na escola, é necessário que a aprendizagem formal de conceitos e princípios científicos se faça de maneira gradual e adequada para não violentar a/ou causar impacto a essa experiência anterior.

Em interação e *pari passu* com essa experiência, a escola deve contribuir para a formação de futuros indivíduos abertos a novas conquistas de conhecimento e capazes de atuar, inteligentemente, na comunidade em que vivem.

Com a abordagem de noções referentes à disciplina Ciências, objetiva-se, inicialmente, estimular a criança, de modo intencional, a observar, ordenar e classificar fatos de seu próprio ambiente, buscar interações entre os fatos observados e chegar a conclusões lógicas. Essas permitirão ao

aluno, gradativamente, sem conflitos e de forma coerente, re-
frear a tendência natural da instalação de hábitos e atitu-
des que reforçam credices e superstições.

Na 1a. série, a aprendizagem formal tratada anteri-
ormente não se direciona para a aquisição de conhecimentos
específicos de Ciências, mas à formalização de atitudes, is-
to é, a sistematização de atitudes já comuns à criança, ao
ingressar na escola, embora no plano inconsciente. Propõe-
se, pois, formar na criança a atitude de percepção sistemá-
tica dos estímulos do meio ambiente para que, ordenando-os
e classificando-os, chegue à maior compreensão e a uma uti-
lização racional desse meio. Indispensável se torna uma a-
bordagem abrangente e, ao mesmo tempo, específica em rela-
ção ao meio e à vivência da criança.

Buscando explorar a riqueza de estímulos que o meio
ambiente oferece, estabeleceram-se os temas:

- . atributos de objetos e seres vivos
- . orientação
- . seres vivos da região
- . agricultura
- . higiene e saúde

Estudos Sociais

Durante a 1a. série, essa disciplina se operaciona
liza de forma flexível e integrada, abrangendo noções que
também se identificam com a vivência da criança. Com o obje-
tivo de formar hábitos e atitudes assim como desenvolver ha-
bilidades inerentes à interação social, foram selecionados te-
mas através dos quais, ativamente, a criança se descobre a
si mesma e se apercebe do papel que ela e os demais membros
representam na família.

No âmbito da comunidade abordam-se noções relativas
a sua constituição física, tais como, localização, institui-

ções e transportes; quanto à composição populacional exploram-se aspectos referentes às atividades exercidas pelos habitantes e a importância das mesmas para a sobrevivência e crescimento do grupo.

Através das comemorações cívico-sociais, objetiva-se estimular a preservação dos valores e hábitos culturais.

Pretende-se que, ao se desenvolverem os temas propostos, relacionados a seguir, a criança possa adquirir noções básicas para o seu relacionamento social, que lhe facilitarão compreender contextos mais amplos e complexos, nas séries seguintes.

- . A criança como indivíduo
- . A criança e o grupo familiar
- . A escola: seus componentes, localização e pontos referenciais
- . A comunidade: as casas e seus tipos
- . As pessoas e suas atividades ou profissões
- . Os produtos agrícolas e a sua utilização pela comunidade
- . Os transportes
- . As comemorações do calendário cívico-social

Pode-se observar que os temas selecionados como conteúdos curriculares da 1ª série constituem muito mais pontos referenciais para realização de atividades do que núcleos de aquisição de conhecimentos específicos de cada uma das matérias estabelecidas pela legislação de ensino nacional.

d) Atividades - Esse componente curricular tem função relevante na proposta elaborada, não só por ser previsto em lei - Ensino por atividades - como também porque, participando ativamente, o aluno assume o papel de coagente do processo ensino-aprendizagem.

As atividades propostas são, em realidade, situações de ensino-aprendizagem estruturadas com a finalidade de possibilitar a interação entre o aluno e estímulos; a reação do aluno a esses, de acordo com seu grau de maturidade, resulta na aprendizagem, que se dá através da participação ativa do aluno: ele aprende a partir do que executa e não repetindo o que o professor faz ou diz.

Características das atividades curriculares da série inicial:

- . são estruturadas de modo a oportunizar ao aluno a prática dos componentes e das noções expressas nos objetivos específicos;
- . têm caráter lúdico, condição adequada ao nível de maturidade do aluno, e possibilita ao mesmo ser "peça de jogos", manipular objetos, representar papéis, etc., ao tempo em que desenvolve habilidades físicas e intelectuais;
- . são apropriadas ao nível de desenvolvimento do aluno visto que, para estruturação das atividades, toma-se, como ponto de referência, a bagagem vivencial do aluno;
- . satisfazem à aprendizagem efetiva, porque se constituem meios de consecução dos objetivos gerais e específicos estabelecidos;
- . estimulam a observação crescente do ambiente, aguçando a curiosidade do aluno, num processo contínuo de maturação em busca de análises mais profundas num futuro próximo;
- . desenvolvem a aptidão de raciocinar, porque são propostas situações-problema simples, porém reais, cujas soluções requerem do aluno a aplicação de suas experiências anteriores e/ou de requisitos adquiridos na escola;
- . possibilitam, ao aluno, a aquisição de informações úteis e aplicação prática freqüente;
- . contribuem, dinamicamente, para desenvolver atitudes so-

- ciais do aluno ao tempo em que são úteis aos seus interesses e aos da comunidade em que vive;
- . evidenciam continuidade, seqüência e integração quanto aos conteúdos e habilidades.

A especificação das atividades curriculares diárias é detalhada por habilidades trabalhadas na Grade Curricular (ANEXO 56) e quanto a denominação, objetivo, material necessário, local de execução e procedimento, no *Manual do Professor* em seqüência e compondo 140 (cento e quarenta) Roteiros.

e) Avaliação

Concebe-se a avaliação não como uma ação isolada, mas como um processo sistemático e contínuo através do qual se determina o nível ou grau de consecução dos objetivos de ensino-aprendizagem; em consonância com essa concepção e com os princípios norteadores adotados, a função precípua da avaliação é fornecer dados indicativos do nível de atuação do aluno no processo ensino-aprendizagem. Para que isso ocorra, é necessário que as manifestações comportamentais do aluno, durante e após a realização das atividades curriculares, sejam devidamente registradas e avaliadas. O registro contínuo e sistemático dos comportamentos evidenciados permite ao professor traçar o perfil de desempenho de seus alunos, e detectar discrepâncias entre os comportamentos referenciais expressos nos objetivos e os por eles demonstrados; o professor deverá identificar as causas das discrepâncias, anulá-las, ou, pelo menos, minimizá-las, a fim de que o processo evolutivo do aluno não sofra solução de continuidade ou seja comprometido.

Portanto, a sistemática de avaliação da aprendizagem não deve ser limitada às simples "verificações" realizadas periodicamente, com a finalidade de medir a quantidade

de informações que o aluno é capaz de reter. Ao contrário, faz-se a avaliação pelo confronto dos resultados obtidos da coleta e análise contínua de dados relativos aos comportamentos dos alunos e ao produto por eles elaborado com os objetivos propostos no currículo.

Considerando-se a avaliação contínua e sistemática, as características da proposta curricular elaborada e as limitações didáticas do professor rural, propôs-se um sistema de avaliação compreendendo procedimentos e instrumentos que possibilitem a operacionalização do processo nas modalidades diagnóstica, formativa e somativa.

Avaliação diagnóstica - coleta e análise de dados referentes ao aluno, fornecidos pela família, ao realizar a matrícula, e por ele próprio, através de teste que envolva habilidades e comportamentos básicos em relação aos objetivos curriculares.

A aplicação do teste deve ser feita no período inicial do ano letivo, quando todos os alunos matriculados estiverem presentes e não deve ser considerada uma atividade especial que requeira preparação prévia do aluno (ANEXO 04).

Sua finalidade não é conferir conceito ou nota e sim fornecer dados qualitativos que permitam ao professor identificar as condições cognitivas, psicomotoras e afetivas em que se encontra o aluno, ao iniciar a escolarização, e, a partir dessa identificação, poder conduzir o processo ensino-aprendizagem de modo adequado à clientela.

Os dados relativos ao diagnóstico na área afetiva são coletados, também, a partir da realização das atividades diárias iniciais, durante os primeiros dias de aula.

Avaliação formativa - constatação e registro descritivo do desempenho do aluno, durante todo o ano letivo.

Faz-se a constatação através da observação direta e da análise quantitativa e qualitativa das atividades realizadas pelo aluno.

A observação direcionada para a coleta e análise dos dados relacionados com a dinâmica do processo, isto é, a realização da atividade ou tarefa proposta ao aluno, efetua-se em classe.

A análise das tarefas executadas pelo aluno, em casa ou em classe, permite a avaliação do produto.

Os instrumentos utilizados para a avaliação formativa, considerando-se o contexto escolar ao qual se destina esse currículo, são:

Roteiro de observação - constituído pela relação de comportamentos observáveis correspondentes aos objetivos propostos para as atividades de classe, quer sejam realizadas na sala de aula, ou na área externa da escola.

Ficha de controle da leitura (ANEXO 57) - permite ao professor registrar, progressivamente, o domínio da leitura e ampliação do vocabulário do aluno; a partir da análise sistemática dos registros, o professor identifica os alunos que demonstram dificuldade de leitura e/ou as palavras que representam problemas; após a identificação dos alunos e respectivos problemas, compete ao professor, a depender das circunstâncias, proceder o atendimento individual ou por grupos de alunos.

Tabela de acompanhamento das tarefas de casa e de frequência diária (ANEXO 58) - instrumento de auto-avaliação, afixado à parede da sala de aula, cujo preenchimento é feito pelo próprio aluno ao representar, por meio de sinais con

vencionados, o cumprimento ou não das tarefas de casa; apenas as ausências são registradas pelo professor. Associada ao caráter avaliativo, a sua utilização visa ao desenvolvimento da atitude de responsabilidade por parte do aluno, quanto ao cumprimento do dever, porque ele mesmo faz o registro de sua situação diária e a visualização do todo lhe permite a análise de seu nível de desempenho em relação aos demais colegas. A tabela é útil ao professor, porque as informações contidas são globais e, ao mesmo tempo, individuais quanto a sua função de comunicação visual; permite, assim, que ele possa relacionar o cumprimento das tarefas com a frequência do aluno e avaliar o desempenho de cada um deles. Para os pais, a tabela constitui, também, instrumento de comunicação visual global do desempenho de seus filhos.

Exercícios de casa, fichas trabalhadas em classe e demais produtos elaborados pelo aluno (ANEXOS 06 e 07) - instrumentos através dos quais o professor acompanha e avalia, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do aluno e do processo ensino-aprendizagem.

Avaliação somativa - identificação e interpretação dos resultados parciais ou finais do processo ensino-aprendizagem em função dos objetivos propostos.

A análise interpretativa dos resultados parciais permite ao professor constatar o nível de consecução dos objetivos referentes a cada unidade curricular ou de grupos de objetivos que se constituam requisitos para os subseqüentes, oferecendo subsídios à avaliação formativa.

A análise interpretativa de todos os dados obtidos das avaliações formativas e somativas parciais, confrontada com os padrões representados pelos objetivos gerais estabelecidos, permite ao professor formular juízo de valor ac-

ca do desempenho global do aluno. Conseqüentemente, ele avalia, também, sua atuação e o grau de eficiência do processo ensino-aprendizagem desenvolvido.

Em se tratando da série inicial, é dispensável a realização das provas finais, vez que o conceito ou nota conclusiva é resultante de todo o processo avaliativo realizado, contínua e sistematicamente, ao longo do ano letivo.

Na fase experimental do currículo, porém, houve a aplicação de pós-teste (vide Metodologia) o mesmo aplicado no início do período letivo - pré-teste (ANEXO 04).

Para as demais séries, a proposta curricular prevê as mesmas modalidades de avaliação e, quanto aos instrumentos, houve substituições e introdução de outros. De referência à avaliação somativa, têm havido aplicação de instrumentos de verificação final dos comportamentos terminais, propostos para cada uma das séries.

4.2.2 - Resultados e Conclusões

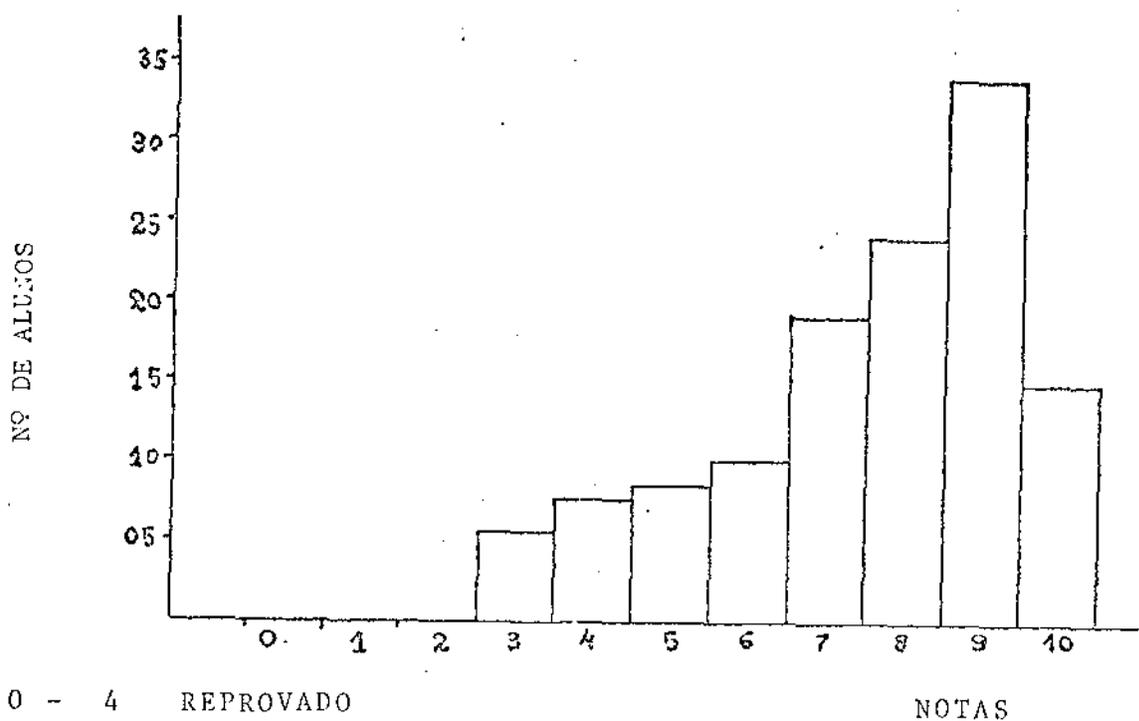
Embora a caracterização do sistema de avaliação apresentada anteriormente enfoque, de maneira explícita e por menorizada, as modalidades, os instrumentos e procedimentos avaliativos adequados ao acompanhamento e análise do desempenho do aluno em função do processo ensino-aprendizagem, é necessário ressaltar que a operacionalização desse sistema, durante a fase experimental do estudo, se constituiu, também, fonte de retroalimentação para a dinâmica de elaboração da proposta curricular.

A concomitância operacional dos sistemas de avaliação da aprendizagem e da aplicação da proposta curricular oportunizou uma consistente caracterização de resultados e, a partir desses, a construção gradativa e natural do perfil evolutivo do aluno, do currículo e do professor rural, em conformidade com as condições expressas nos princípios norteadores da proposta curricular. Os resultados ora apresentados foram obtidos, portanto, através dos dois sistemas de avaliação acionados, respectivamente, pelos professores das classes experimentais e pela equipe de supervisão.

Observa-se a eficácia do currículo proposto, qualitativamente, em decorrência da motivação crescente do aluno em relação às atividades escolares, do gradual desenvolvimento das habilidades e superação de dificuldades de natureza cognitiva, afetiva e psicomotora; tal observação deu-se através do acompanhamento sistemático e da avaliação contínua do produto do aluno. Quantitativamente, a eficácia foi comprovada através das taxas de aprovação e evasão escolar referentes às cinco classes experimentais mantidas durante o período letivo de 1978, comparadas com as apresentadas em 1977.

A clientela dessas escolas constituiu-se de 145 (cento e quarenta e cinco) alunos e desses, 121 (cento e vinte um) freqüentaram as aulas até o final do período letivo; isto é, 83,4% de alunos concluíram a 1ª. série e a taxa de evasão escolar correspondeu a 16,6%. Dentre os alunos que cursaram toda a 1ª. série, 109 (cento e nove) lograram aprovação (90%) e doze (10%) foram reprovados, conforme se observa no gráfico que registra o comportamento do rendimento escolar, avaliado quantitativa e qualitativamente, expresso em notas, atendendo a exigência do Sistema Municipal de Ensino.

DISTRIBUIÇÃO DAS MÉDIAS DISCENTES EM 1978



0 - 4 REPROVADO
5 - 10 APROVADO

NOTAS

Em 1977, de acordo com os dados constantes dos arquivos da Diretoria de Ensino Municipal, a clientela de 1ª série, em cinco classes das mesmas escolas, era constituída por 176 (cento e setenta e seis) alunos dos quais 141 (cento e quarenta e um) concluíram o ano letivo, havendo uma taxa de evasão escolar correspondente a 20%. Dos 141 (cento e quarenta e um) alunos que permaneceram na escola, 80 (oitenta) foram aprovados (56,7%) e 61 (sessenta e um) foram reprovados (43,3%).

Comparados esses resultados com aqueles obtidos nas classes experimentais, observa-se que, em 1978, a taxa de aprovação cresceu acentuadamente e a de evasão declinou.

Verificou-se acentuada regularidade na freqüência dos alunos em 1978; os dados que conduziram a esse resultado foram compilados pelas equipes de supervisão local e central e pelos professores das classes experimentais, que utilizaram como instrumentos a Ficha de Acompanhamento das Tarefas e Freqüência Diária e o produto das atividades diárias

do aluno.

Em relação ao ano de 1977, os resultados da aferição de freqüência dos alunos não foram considerados consistentes, em virtude da observação acidental, em 1978, de fatos que, por motivo ético, deixam de ser relatados e que demonstraram não ser recomendável a utilização dos referidos resultados como parâmetros de comparação com os obtidos nas classes experimentais.

Verificou-se credibilidade e conseqüente aceitação da mudança curricular por parte das comunidades, do corpo docente e da administração municipal, a partir dos seguintes indicadores:

- . aumento do nível de satisfação da família — manifestado durante as reuniões — em relação às atividades escolares realizadas pelas crianças, à proporção que se desenvolvia a proposta curricular;
- . registro de aumento progressivo da freqüência dos pais e outros familiares às reuniões promovidas nas escolas e sua participação nas mesmas;
- . consenso entre os pais quanto à necessidade de realização de maior número de reuniões de pais e mestres, traduzido pelas solicitações referentes ao aumento desses encontros;
- . comprometimento espontâneo dos familiares ao se declararem dispostos a colaborar e/ou participar de atividades em prol do fortalecimento da interação escola-comunidade;
- . crescente interesse e envolvimento de pessoas da comunidade que, embora não possuindo filhos na escola, passaram a freqüentar as reuniões escolares e a participar delas, formulando, durante as mesmas, questionamentos quanto à continuação do "projeto" nos anos subseqüentes, à possibilidade de todas as crianças "poderem estudar da mesma ma-

neira", e propunham a realização de atividades sociais nas dependências da escola:

- . sensibilização e receptividade da equipe de supervisão local, comprovadas pelo entusiasmo com que seus componentes exerciam as funções e pela precisão de registros dos resultados observados;
- . progresso do desempenho docente evidenciado pela evolução da compreensão e entusiasmo pela execução das atividades diárias;
- . disposição dos professores das classes experimentais para continuarem o trabalho no ano seguinte, a nível de 2a. série;
- . receptividade dos professores das primeiras séries das demais escolas, para aplicarem o novo currículo em suas classes, em 1979.

Comprovou-se que o treinamento dos professores influenciou consideravelmente para a melhoria do desempenho docente e, como conseqüência, oportunizou melhores condições de aprendizagem ao aluno. A comprovação desse resultado é qualitativa e decorre: das observações realizadas durante todo o período letivo; das sugestões apresentadas pelos professores, com vistas à melhoria e adequação das atividades propostas; de informações prestadas acerca de problemas superados, com a aplicação de conhecimentos adquiridos, ou de providências tomadas com base em assuntos abordados nos treinamentos.

É necessário ressaltar que, além do treinamento, os professores das classes experimentais contaram com o apoio de materiais didáticos elaborados sob a forma de roteiros de atividades diárias que, segundo suas declarações, "facilitam muito o trabalho...", "servem para orientar o trabalho...", "servem para orientar o que vai se fazer na aula e dizem como se pode fazer...", "... assim a gente pode a-

plicar direitinho o que foi visto no treinamento...", etc.

Confirmou-se a possibilidade de generalização da proposta curricular, tendo em vista que o Departamento de Ensino Municipal de Cruz das Almas-BA adotou-a como currículo oficial da 1a. série, em todas as escolas da zona rural.

Conclui-se, pois, que o novo currículo elaborado atendendo aos interesses da criança e da comunidade, montado, simultaneamente, com a sua aplicação experimental, através de roteiros de atividades detalhados, principalmente quanto aos procedimentos, revelou-se eficaz em relação à aprendizagem; constatou-se aumento de 33,3% na taxa de aprovação, diminuição de 3,4% na taxa de evasão escolar e regularidade de freqüência dos alunos às aulas.

Esses fatos se devem, principalmente, à adoção dos princípios norteadores que centralizam na criança todas as ações curriculares, respeitando seu nível de desenvolvimento bio-psíquico-social e, ao mesmo tempo, permitindo que a criança progrida em harmonia com seu ritmo próprio e com a sua realidade vivencial.

Em decorrência desses princípios, a abordagem metodológica do currículo contribuiu, decisivamente, para a aprendizagem, porque, ao transformar o aluno em elemento ativo do processo ensino-aprendizagem, requer do professor a função de orientador desse processo. A metodologia, através da qual o currículo se desenvolve, permite que a criança, sob a orientação e com ajuda do professor nos momentos devidos, não apenas execute tarefas previamente estabelecidas, mas também aprenda, a partir das atividades que realiza, e seja estimulado a progredir, dentro de suas possibilidades reais.

Em função dos princípios norteadores e da metodologia utilizada, a sistemática de avaliação também se modificou: ao invés de o professor medir e atribuir valores à quan-

tidade de conhecimentos memorizados, registrados nas provas ou exames, passa a coletar continuamente dados referentes às atividades realizadas pelo aluno, as quais, no conjunto, demonstram o grau de desempenho e o nível de aprendizagem alcançados pela criança.

Outra conclusão a ser destacada é a de que as comunidades são receptivas a determinadas mudanças nas atividades escolares, desde que essas não violem seus costumes, não se imponham como ordens a serem cumpridas nem tão pouco se processem à revelia dos moradores e dos professores, ou dos dirigentes municipais e seus assessores educacionais.

Se esses requisitos são observados e se as comunidades se sentem parte do processo de mudança; se são, continuamente, consultadas e informadas dos resultados, sejam eles positivos ou negativos, e sobre as medidas tomadas, a credibilidade e aceitação se processam de maneira natural e progressiva. Essa conclusão embasa-se, essencialmente, nos resultados obtidos da estreita interação mantida entre toda a equipe responsável pelo trabalho curricular e os diversos segmentos comunitários citados anteriormente; evidencia-se, entre outros resultados, a adoção da proposta como currículo oficial.

Quanto ao treinamento dos professores, conclui-se da sua contribuição valiosa para melhorar as deficiências cognitivas e metodológicas dos mesmos que, em consequência, passaram a oferecer melhores condições de aprendizagem aos alunos.

Apesar da validade e importância que tem o treinamento para a atividade docente, ainda que esse se faça periódica e sistematicamente, o provimento de outros recursos, tais como, currículo, materiais didáticos adequados, recuperação e/ou manutenção das condições físicas e higiênicas das escolas, melhoria e regularidade no pagamento dos salários

dos professores, atuação efetiva do sistema de supervisão, distribuição sistemática de merenda escolar, etc. tornam-se também condicionantes da melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A partir da metodologia utilizada e dos resultados conseguidos, pode-se concluir que a elaboração progressiva de um currículo para a zona rural, simultânea com a sua aplicação experimental, é viável e vantajosa. Essa sistemática, de um lado, permite que a elaboração do currículo se processe com maior realismo, porque, além de se basear no diagnóstico inicial, continua a ser embasada em sucessivos diagnósticos durante o próprio processo e, do outro, possibilita a participação constante do professor e do aluno.

Constituem exemplos evidentes dessa participação o detalhamento dos procedimentos constantes dos roteiros de atividades diárias, solicitado pelos professores, o vocabulário utilizado nos mesmos e os desenhos ilustrativos, que são reproduções melhoradas de desenhos confeccionados pelas crianças.

Finalmente, pode-se concluir que, no âmbito universitário, o estudo realizado repercutiu favoravelmente, em virtude de seu caráter inovador e dos resultados alcançados já durante a execução da primeira etapa experimental. Em função de tais fatos, a Universidade Federal da Bahia assumiu a publicação do material de ensino, elaborado e compilado sob os seguintes títulos: *Manual do Professor*, em dois volumes, contendo, respectivamente, 278 (duzentas e setenta e oito) e 415 (quatrocentas e quinze) páginas e 121 (cento e vinte e uma) e 288 (duzentas e oitenta e oito) ilustrações; *Cadernos de Exercícios de Classe*, em três volumes, contendo, o primeiro 64 (sessenta e quatro) páginas e 71 (setenta e uma) fichas e os demais, respectivamente, 122 (cento e vinte e duas) páginas e 112 (cento e doze) fichas, 22 (vinte e duas) páginas

e vinte fichas; *Cadernos de Exercícios de Casa*, em dois volumes, com 22 (vinte e duas) páginas e 41 (quarenta e um) exercícios o primeiro, e 58 (cinquenta e oito) páginas e 56 (cinquenta e seis) exercícios, o segundo; *Bloquinho de Leitura*, com 93 (noventa e três) folhas; *Album*, com 23 (vinte e três) folhas correspondendo cada a uma letra do alfabeto (ANEXOS 59 a 64).

Tendo em vista os resultados obtidos, esse currículo está sendo aplicado nas classes de 1ª. série da zona rural de Sapeaçu, município limítrofe de Cruz das Almas-BA, como parte das ações multidisciplinares do Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRI) que abrange e aglutina pesquisas universitárias nas áreas de Sociologia, Engenharia Sanitária, Odontologia, Educação, Economia, Agronomia e Saúde, compreendendo essa Medicina Preventiva, Nutrição e Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA JÚNIOR, A. Os objetivos da escola primária rural. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 1 (1):29-35 jul., 1944.
- AZEVEDO, Amílcar G. & CAMPOS, Paulo H. B. de. *Estatística Básica; Cursos de Ciências Humanas e de Educação*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1970. 197 p.
- BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Ensino de 1º Grau. Divisão Técnico-Pedagógica. *O currículo na escola de 1º grau; fundamentação*. Salvador, 1973. v.1. 63 p.
- _____. _____. _____. _____. *O currículo na escola de 1º grau; nível I, 1a. a 4a. séries*. Salvador, 1973. v.2. 139 p.
- BAHIA. SEPLANTEC. Centro de Planejamento da Bahia - CEPLAB. *Informações básicas dos municípios baianos; por microrregiões homogêneas*. Salvador, 1978. p. 291-296.
- BALBINO, Antonio. Municipalização e regionalização do ensino. In: SÁ TELLES, J. F. de & SOUSA, Luiz Rogério de, orgs. *Instituto de Educação Rural da Bahia; exposição de motivos e anteprojeto de lei*. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1957. p. 4-5.
- BERMAN, Louise M. *Novas prioridades para o currículo*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1975. 242 p.
- BLOOM, Benjamin S. et alii. *Taxonomia de objetivos educacionais; domínio cognitivo*. Trad. Flávia Maria Sant'Anna. Porto Alegre, Globo, 1972. v.1. 180 p.
- _____. *Taxonomia de objetivos educacionais; domínio afetivo*. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre, Globo, 1972.v.2. 204 p.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Problemas da educação baiana*. Salvador, Gráfica Universitária, 1977. 152 p.

- BOWLES, Frank. *The stages of educational development*. New York, International Council for Educational Development, 1975. 45 p. (Higher Education for Development - Special Study).
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação de Planejamento. *Educação para o meio rural; ensino de 1º grau, política e diretrizes de ação*. Brasília, 1979. 44 p.
- BREMBECK, C. S. & HOVEY, R. L'éducation pour le développement rural: tendances actuelles. *Perspectives*, 3 (2):232-242.
- BREMER, Anne & BREMER, J. *Educación abierta: un principio*. Trad. Paulina Díaz Cortez. México D.F., Editorial Diana, 1975. 230 p.
- BRUNER, Jerome S. *O processo da educação*. 3 ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Nacional, 1973. 87 p.
- CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1972. 158 p.
- COSTA PINTO, Luís de A. *Desenvolvimento econômico e transição social*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. 156 p.
- COURT, D. & GHAI, D. P., eds. *Education, society and development; new perspectives from Kenya*. Nairobi, Oxford University Press, 1974. 345 p.
- CURRICULUM; revista especializada para América Latina y el Caribe, Caracas, v.2, n.4, dic. 1977.
- DEWEY, J. *Experiência e educação*. 2 ed. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo, Nacional, 1976. 97 p.
- DOLL, Ronald C. *Humanizing education by improvising communication; the report of a Curriculum Project in Rural Elementary*

- Schools. Bridgeton, N.J., 1975. 74 p.
- DREW, Walter F. et alii. *Como motivar os alunos de hoje*. Trad. Yara Maria Lanfredi. São Paulo, Saraiva, 1977. 109 p.
- DURKHEIM, Emile. *Educação e Sociologia*. 7 ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 96 p.
- FERREIRA, Maria Luiza de A. C. & ALMEIDA, Regina. *A primeira escola; reflexão e ação*. Rio de Janeiro, FENAME, 1978. 175 p.
- FERRINI, Maria Rita. *Hacia una educación personalizada*. Nauplacan de Juarez, Editorial Edicol, 1975. 165 p.
- FONSECA, L. A comunicação com o meio rural. *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*, Rio de Janeiro, (16):17-21, 1968.
- FURTER, Pierre. *Educação e desenvolvimento cultural*. Trad. Tereza de Araújo Pena. Petrópolis, Vozes, 1974. 221 p.
- GOLDBERG, Maria Amélia A. *Avaliação e planejamento educacional: problemas conceituais e metodológicos*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (7): 61-75, jun., 1973.
- HANSON, J. W. & BREMBECK, C. S., Coords. *Educação e desenvolvimento*. Trad. Vera Mendonça. São Paulo, IBRASA, 1969. 556 p.
- HIGHER Education for Development; African regional report. In: THOMPSON, Kenneth W. & FOGEL, Barbara R. *Higher education in the nations' service; an international inquiry*. New York, International Council for Educational Development, 1975. 53 f. (sect.2 - Regional Team Reports).
- HIGHER Education for Development; Asian regional report. In: THOMPSON Kenneth W. & FOGEL, Barbara R. *Higher education*

in the Nation's service; an international inquiry. New York International Council for Educational Development, 1975. 39 f. (Sect. 2 - Regional Team Reports).

HIGHER Education for Development; final report. In: THOMPSON, Kenneth & FOGEL, Barbara R. *Higher education in Nation's Service*; an international inquiry. New York, International Council for Educational Development, 1975. 130 f.

HIGHER Education for Development; Latin American regional report. In: THOMPSON, Kenneth W. & FOGEL, Barbara R. *Higher education in Nation's service*; an international inquiry. New York, International Council for Educational Development, 1975. 33 f. (Sect.2 - Regional Team Reports).

HOFFMAN, H. K. F. L'éducation pour le développement rural: aspects de la planification. *Perspectives*, 3 (2):256-264.

JAPIASSU, Janice. *A escola rural*. Recife, SUDENE, 1978. 68 p.

KILPATRICK, W. H. *Educação para uma civilização em mudança*. 7 ed. Trad. Noemy S. Rudolfer. São Paulo, Melhoramentos, 1964. 92 p.

KING HALL, Robert. Observações e impressões sobre o ensino rural no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 14 (38):110-125, jan./abr., 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. Preparação de pessoal docente para escolas rurais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 20 (52):61-104, out./dez., 1953.

LOWELL, Keith et alii. *Contemporary curriculum in the elementary school*. New York, Harper & Row, 1968. 228 p.

MALASSIS, Louis. L'éducation pour le développement rural: formes et stratégies. *Perspectives*, 3 (2):243-255. 1973.

MARINHO, Heloisa. *O currículo por atividades no jardim de*

- infância e na escola de 1º grau*. Rio de Janeiro, Papelaria América, 1978. 291 p.
- _____. *Vida, educação, leitura; método natural de alfabetização*. Rio de Janeiro, Papelaria América, 1976. 109 p.
- MEDEIROS, Ethel B. *Manual de medidas e avaliação; na escola e na empresa*. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976. 263 p.
- MOREIRA, J. R. Educação rural e educação de base. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 28 (67):87-129, jul./set., 1957.
- _____. *Teoria e prática da escola elementar; introdução ao estudo social do ensino primário*. Rio de Janeiro, INEP, 1960. 473 p.
- MOTOOKA, Takeshi. L'éducation pour le développement rural: les investissements dans les pays en voie de développement. *Perspectives*, 3 (2):265-273.
- PIAJET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Lima Silva, Rio de Janeiro, Forense, 1969. 149 p.
- RAE, Gordon & McPHILLIMY, W. N. *Learning in the primary school; a systematic approach*. London, Hodder and Stoughton, 1979. 126 p.
- REID, Martha et alii. *Evaluación continua*. Mexico D.F., Editorial Progreso, 1976. 79 p.
- ROCHA, Fernando F. *Cruz das Almas: sua geografia e seus problemas*. Cruz das Almas-BA, Tipografia Brasil, 1970. 23 f. mimeog.
- SÃ TELLES, J. F. de & SOUSA, Luiz Rogério de, Exposição de motivos ao ante-projeto de lei que cria o Instituto de Educação Rural da Bahia. In: _____. orgs. *Instituto de Educaç*

- ção Rural da Bahia*; exposição de motivos e ante-projeto de lei. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1957. p.9-34.
- SELLTIZ, Claire et alii. Planejamento de pesquisa. In: __. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, E.P.U., 1974. p.91-162.
- SEMINARIO MULTINACIONAL DE CURRÍCULO (1975 abr.: Caracas). *Informe final...* Turnero, Venezuela, Projeto Interamericano de Livros de Texto; Caracas, Projeto Multinacional de Currículo, 1975. v.2. 282 p.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*; diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade. São Paulo, Cortez & Moraes, 1975. 96 p.
- SILVA, Eunice. *Amostragem*. São Paulo, Secretaria de Saúde Pública, 1974. 189 f. mimeog.
- SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo, orgs. *Vida rural e mudança social*. 2 ed. São Paulo, Nacional, 1976. 256 p.
- TEIXEIRA, Anísio S. *Educação no Brasil*. São Paulo, Nacional, Brasília, I.N.L., 1976. 385 p.
- TORRES DA SILVA, Ruth I. *A escola primária rural*. 2 ed. Porto Alegre, Globo, 1957. 289 p.
- TRIPOLI, T. et alii. *Avaliação de programas sociais*. Trad. Tainá da Costa Souza. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. 113 p.
- TURRA, Clodia Maria G. et alii. *Planejamento de ensino e avaliação*. 5 ed. Porto Alegre, PUC, Meridional EMMA, 1975. 307 p.
- TYLER, Ralph W. *Princípios básicos de currículo e ensino*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1975. 119p.

VERA, A. Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto A
legre, Globo, 1976. 223 p.

WORLD BANK. Education Department. *Education sector policy*
paper. 3 ed. Washington, D.C., 1980. 147 p.

1. RELAÇÃO NOMINAL DA EQUIPE DE SUPERVISÃO LOCAL

Claudionora de Oliveira Santos
Edelzuita Sampaio da Silva
Hilda Santana Custódio dos Santos
Ildete Alves Andrade
Maria Albuquerque da Silva (+)

2. RELAÇÃO DAS CINCO CLASSES EXPERIMENTAIS, PROFESSORES, ESCOLAS E LOCALIDADES

Carmelita Caldas Velame - Escola Rural de Embira ,
Embira.

Maria Aleluia Marinho de Souza - Escola Augusto Eugênio da Silveira, Sapucaia.

Maria Silvanira Pereira - Escola Maria Quitéria, Alto do Pombal.

Renilda Almeida Santos - Escola Rural dos Poções ,
Poções.

Valdelice Santos Barros - Escola Santa Bernadete ,
Itapicuru.

3. RELAÇÃO NOMINAL DA EQUIPE DE PROFESSORES ELABORADORES DO CURRÍCULO

Ana Maria Portela
João Batista de Souza
Joilda Carvalho Fonseca
Lúcia Maria Toscano de Brito, von Flach
Meire Azevedo Valladares
Renata Becker
Tânia Maria Martins Zacarias

11. Qual é o seu vínculo com a Escola?

Efetivo ()

Contratado ()

Substituto ()

II - DADOS DOS ALUNOS

12. Quais as séries que voce ensina em cada turno?

Série	Manhã	Tarde	Noite
_____	()	()	()
_____	()	()	()
_____	()	()	()
_____	()	()	()

13. Quantos alunos voce tem em cada série por turno?

Série	Manhã	Tarde	Noite
_____	()	()	()
_____	()	()	()
_____	()	()	()
_____	()	()	()

14. Como voce classifica a frequência de seus alunos?

Constante ()

Irregular ()

15. Quais são as principais razões de ausência de seus alunos?

Doença ()

Trabalho doméstico ()

Trabalho na roça ()

Falta de interesse ()

Não sei ()

Outras () Quais? _____

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

I - DADOS DO PROFESSOR

1. NOME _____

2. ENDEREÇO _____

3. SEXO: Masculino () Feminino ()

4. ESTADO CIVIL: Casado () Solteiro () Viúvo () outros ().

5. LOCAL DE NASCIMENTO _____

6. ESTADO _____

7. GRAU DE ESCOLARIDADE:

Curso Normal ()

Colegial ()

Primário completo ()

Primário incompleto () Até que série? ()

8. Onde realizou seu curso? _____

9. Já realizou cursos de treinamento? _____

Não () Porque? _____

Sim () Quais? _____

Onde? _____

Quando? _____

10. Desempenha outras atividades profissionais além de ensinar?

Não ()

Sim () Qual ou quais? _____

22. Tipo: Isolada () Com 2 salas ()
23. Tipo de construção: Tijolo () Madeira ()
Taipa () Outros () Quais? _____

24. Estado de conservação: Bom () Médio () Precário ()
25. O espaço da sala de aula em relação ao número de carteiras e alunos é satisfatório? Sim () Não () Porque? _____

26. Qual o tipo de carteiras existentes?
Individuais () Duplas () Outras () Quais? _____

27. Existe outros móveis na classe?
Armário () Mesa do Professor () Quadro de giz () Outros () Quais? _____

28. A escola possui área de terra externa? Sim () Não ()
29. Se existe terreno externo pertencente à escola, ele é cultivado?
Sim () Não () Por que?
30. Existe sanitário em condições de ser usado pelo professor e pelos alunos?
Sim () Não () Por que?
31. Onde é obtida a água que voce e seus alunos bebem na escola?
No poço () No rio ()
Na cisterna () Na fonte ()
Cada um traz de casa.
32. Onde é guardada a água?
Em pote ()
Em moringa ()

16. Quais os períodos em que a frequência diminui muito? _____

17. Quais são as razões para a diminuição da frequência nestes períodos?

Doença ()

Trabalho doméstico ()

Plantio ()

Colheita ()

Venda da Colheita ()

Não sei ()

Outras () Quais? _____

18. Quais são as atividades que seus alunos realizam nas aulas?

19. Destas atividades, quais são as que seus alunos mais gostam?

III - DADOS DA ESCOLA

20. NOME _____

21. LOCALIDADE _____

No filtro ()

Em outro lugar () Qual? _____

33. Qual o tratamento que voce dá à água que se bebe na escola?

Fervura ()

Filtragem ()

Substâncias químicas ()

Nenhum ()

34. Qual o recipiente usado para beber água na escola?

Copo individual ()

Copo coletivo ()

Outros individuais () Quais? _____

Outros coletivos () Quais? _____

35. A merenda escolar é distribuída em sua escola?

Não () Por que? _____

Sim () Diariamente ()

Algumas vezes por mes ()

Raramente ()

36. Se a merenda escolar é distribuída em sua escola, quais os tipos de alimentos são oferecidos?

Carne () Verdura () Arroz () Macarrão ()

Feijão () Farinha () Leite () Ovos ()

Frutas () Outros () Quais? _____

37. Destes alimentos, quais os preferidos por seus alunos?

Carne () Verdura () Arroz () Macarrão ()

Feijão () Farinha () Leite () Ovos ()

Frutas () Outros () Quais? _____

IV - HÁBITOS ALIMENTARES

1. A família faz as refeições com conjunto ?

Sim () Não ()

2. Quantas refeições a família faz por dia ?

()

3. Quais os alimentos s usados nas principais refeições, durante a semana?

	Manhã	Almoço	Noite
Carne			
Feijão			
Farinha			
Arroz			
Verdura			
Leite			
Ovos			
Frutas			
Outros			

4. Qual a alimentação usada aos sábados e domingos?

5. Qual a alimentação dada às crianças com idade entre 0 e 2 anos?

Leite materno ()

Leite de vaca ()

Leite em pó ()

Mingau de farinha e leite ()

Mingau de farinha e água ()

A mesma dos adultos ()

Outras () Qual (ais) _____

V - SAÚDE

1. Que providências são tomadas quando alguém da casa adoecer?

Consulta ao médico ()

Uso de chá ()

Uso de remédios receitados pelo médico, anteriormente ()

Uso de remédios que o vizinho ensina ()

Recorre-se à rezadeira ()

Procura-se a "sessão"

Outras () Quais _____

2. Existe Posto de Saúde?

Na localidade ()

Fora da localidade ()

3. Se o Posto de Saúde é fora da localidade, qual o mais próximo?

II - CARACTERIZAÇÃO DA CASA

1. Tipo de Construção:

Tijolo ()

Adobe ()

Taipa ()

Madeira ()

Outros () Qual _____

2. Número de cômodos

Quantas salas ? ()

Quantos quartos?()

Há cozinha? sim () Não ()

3. Relação pessoa / quarto

Quantas pessoas dormem em cada quarto? _____

4. Existe sanitário ? sim () não ()

5. Se existe, qual o tipo?

" Casinha " fora da casa ()

" Casinha " anexa à casa ()

Vaso - buraco cavado no quintal ()

Vaso - terreno baldio ()

Outros () Qual? _____

6. Existe fossa?

Sim () não ()

7. Se existe, qual o tipo?

Negra () séptica ()

8. Se existe, onde se localiza?

Após o poço ou cisterna ()

Entre o sanitário e o poço ou cisterna ()

Distante da casa ()

III HÁBITOS HIGIÊNICOS

1. De onde é retirada a água para a alimentação?

Do poço ()

Da cisterna ()
Da fonte ()
Do rio ()
Da chuva ()
Outros () Qual ? _____

2. Qual o tratamento dado à água?

Uso de substâncias químicas ()
Fervura ()
Filtragem ()
Nenhum ()

3. Onde se guarda a água usada na alimentação?

Pote ()
Moringa ()
Filtro ()
Lata ()
Outros () Qual? _____

4. De onde é retirada a água de "gasto" (água usada para lavar pratos, utensílios, casa, banhos etc).

Do poço ()
Da cisterna ()
Da fonte ()
Do rio ()
Da chuva ()
Outros () Qual ? _____

5. Onde se joga o lixo da casa ?

Buraco no quintal ()
Quintal ()
Canteiros ou leiras ()
Galinheiro ()
Xiqueiro ()
Diversos lugares () Qual (ais) _____

4. Quanto tempo é necessário para chegar até este posto?

Andando () h.

Montado () h.

Bicicleta () h.

Carro () h.

Onibus () h.

5. Já morreram filhos com idade entre 0 e 2 anos?

Sim () Quantos? ()

Não ()

6. Quando morrem crianças e adultos na casa, os obitos são registrados no cartório?

Sim () Quantos? ()

Não ()

Não sabe ()

7. Quais as causas das mortes?

8. As pessoas da casa costumam ir ao dentista?

Quando há necessidade ()

Uma vez por ano ()

Duas vezes por ano ()

Quando há necessidade ()

9. Quais os tipos de vacina já tomadas?

	Criança	Adulto
Antitetânica	()	()
Antivaríola	()	()
B C G	()	()
Tríplice	()	()

6. Qual a condição da casa em que a família mora?
- Própria ()
- Alugada () Aluguel Cr\$ _____
- Cedida ()
7. Qual o tipo de trabalho do chefe da família? _____
- _____
- _____
8. Se o chefe da família trabalha na lavoura, qual o tipo?
- Fumo ()
- Mandioca ()
- Cítricos ()
- Hortalças ()
- Outros () Qual (ais)? _____
- _____
9. Qual a situação do chefe da família em relação à terra onde trabalha?
- Proprietário ()
- Rendeiro ()
- Meeiro ()
- Trabalhador eventual ()
- Trabalhador contratado ()
10. A família é vinculada a Serviços de Assistência Social?
- I N P S ()
- FUNRURAL ()
- Outros () Qual (ais)? _____
- _____
- Não ()
11. A família solicita ajuda a entidades oficiais e/ou pessoas relacionadas com a agricultura.

Não () Porque? _____

Sim () Constantemente ()
Raramente ()

12. Se a família solicita ajuda de entidades oficiais e/ou pessoas relacionadas com a agricultura, qual ou quais?

Escola de Agronomia ()

EMATERBA ()

CAMAB ()

EMBRAPA ()

Instituto Baiano de Fumo ()

Comprador de fumo ()

Outros () _____

13. Qual o tipo de ajuda obtida?

Material - adubo, semente, pesticida, etc. ()

Aconselhamento ()

Treinamento ()

Outros () _____

Nenhum ()

VII - A FAMÍLIA E A COMUNIDADE

1. Atualmente existem problemas na comunidade?

Não ()

Sim () Quais _____

2. Quando ocorrem problemas que atingem a comunidade, eles são discutidos pelos moradores?

Sempre ()

Algumas vezes ()

Nunca ()

3. Como são resolvidos os problemas da comunidade?

Por um só indivíduo ()

Por uma comissão ()

Por todo o grupo de moradores ()

De várias maneiras () Quais? _____

4. Quais as pessoas que sempre se interessam pelos problemas da comunidade?

Não pode citar ()

Pode citar () _____

VIII - ASPIRAÇÕES E LAZER

1. A família pretende continuar morando no lugar onde mora?

Não () Porque? _____

Sim () Porque? _____

2. As pessoas da família que trabalham, gostam do que fazem?

Sim () Porque? _____

Não () Porque? _____

3. Que outra ocupação gostariam de ter, em lugar da atual?

Comerciante ()

Fazendeiro ()

Funcionário Público ()

Nenhuma ()

Outras () Quais? _____

4. Se nenhuma outra, qual a razão?

5. A família possui filhos já com profissão?

Não ()

Sim () Qual ?

6. Que profissão (ões) gostaria que seu(s) filho(s) tivesse(m)?

7. O que a família gosta de fazer nas horas livres?

Adultos

Crianças

8. O que a família não gosta de fazer?

Adultos

Crianças

9. A família ouve rádio?

Não () Porque?

Sim () Quais os programas?

10. A família costuma ler revistas, jornais e livros ?

Não () Porque? _____

Sim () Quais os mais lidos? _____

11. A família assiste TV ?

Não () Porque? _____

Sim () Em casa () No vizinho ()

12. A família assiste e/ ou participa de reuniões?

Não () Porque? _____

Sim () De que tipo? _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

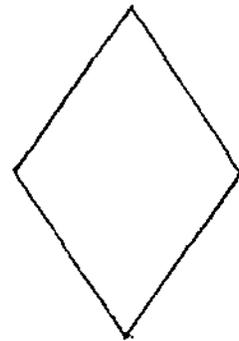
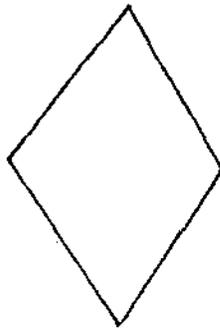
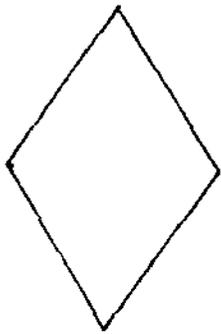
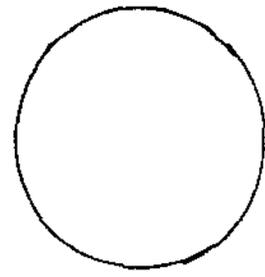
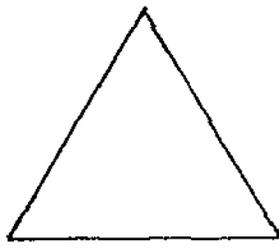
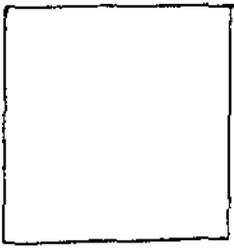
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROJETO DE EDUCAÇÃO RURAL

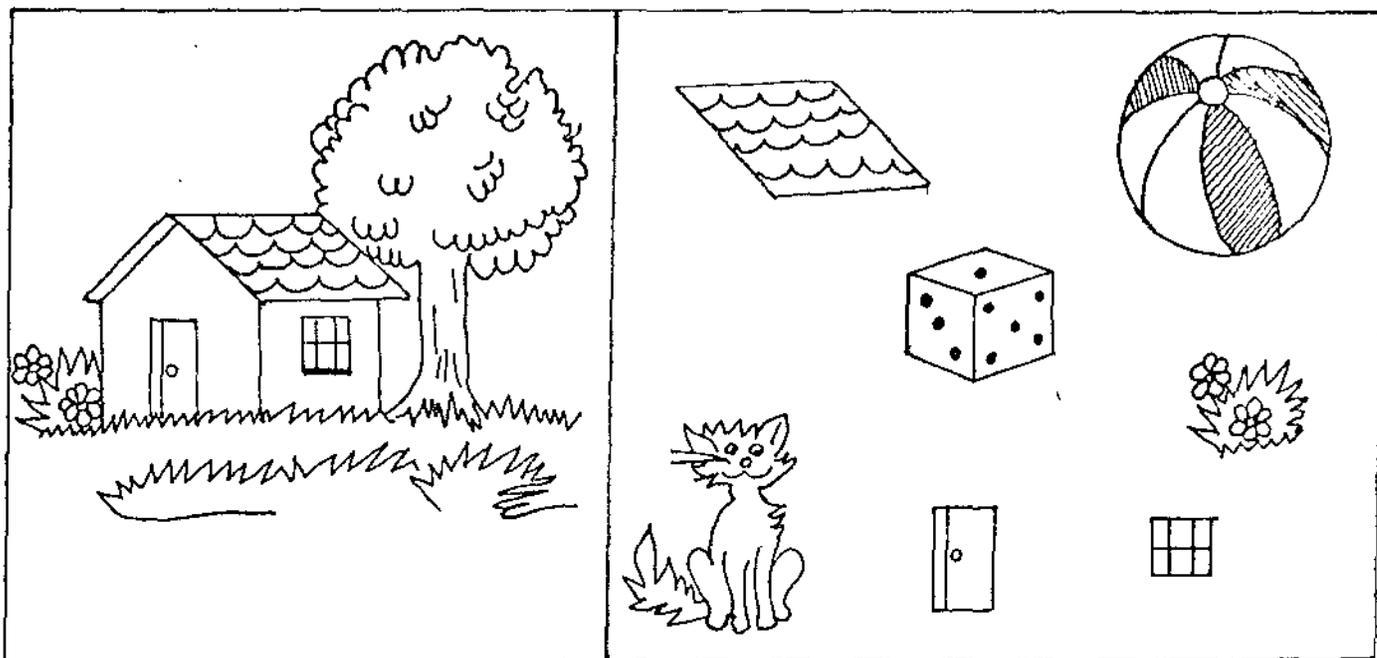
TESTE

INSTRUÇÕES

1. Copiem dentro do quadrado, as figuras que vocês estão vendo acima.
2. Copiem dentro do quadro que está em branco, três vezes, esta mesma figura e logo abaixo a frase: "A bola é grande".
3. Vejam a bola que está neste quadrinho. Ao lado estão desenhos de muitas coisas.
Procurem os pedacinhos que fazem parte do desenho da casa e marquem com uma cruz.
4. Observem dentro do quadrinho uma palavra e, logo abaixo, pedacinhos que fazem parte desta palavra.
Procurem todos os pedacinhos que fazem parte desta palavra e marquem com uma cruz.
5. Olhem todas as palavras que estão dentro do quadrinho.
Procurem a palavra que não é igual às outras.
Marquem com uma cruz a palavra que é diferente.
6. Copiem logo abaixo as palavras: carro - prato.
7. Observem os três quadrinhos.
Contar a seguinte estória: Lili não sabe montar cavalo. Um dia ela quis andar a cavalo; o cavalo correu muito e vejam só o que aconteceu ...
Marquem com uma cruz o quadrinho que mostra o que aconteceu a Lili.
8. Escrevam seus nomes dentro deste quadradinho.
9. Desenhem neste quadro, "um homem", o mais bonito que puderem.
10. Ajudem ao Juca chegar em casa.
Continuem a marcha do soldadinho.
Continuem enrolando a corda.



A bola é grande



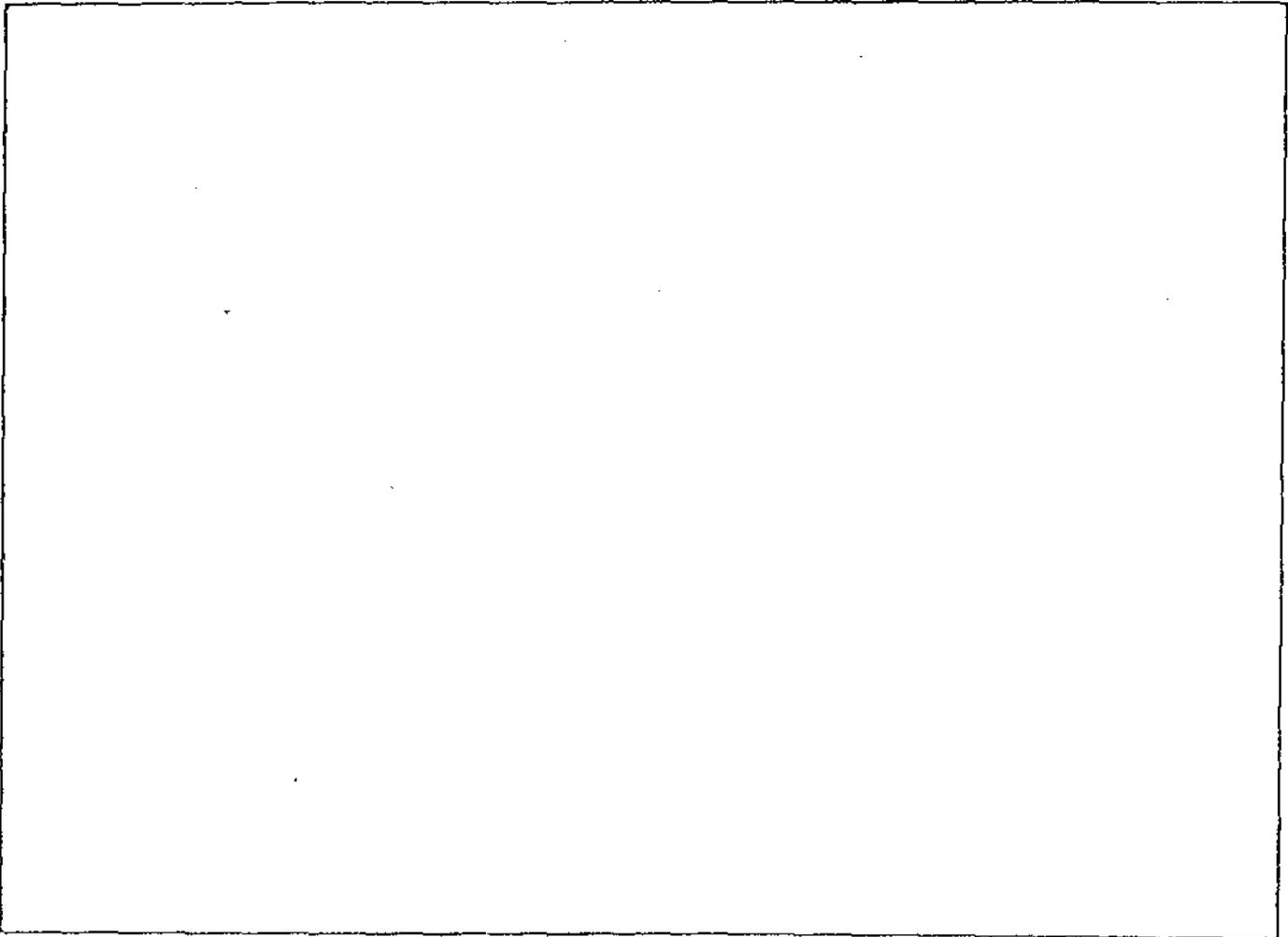
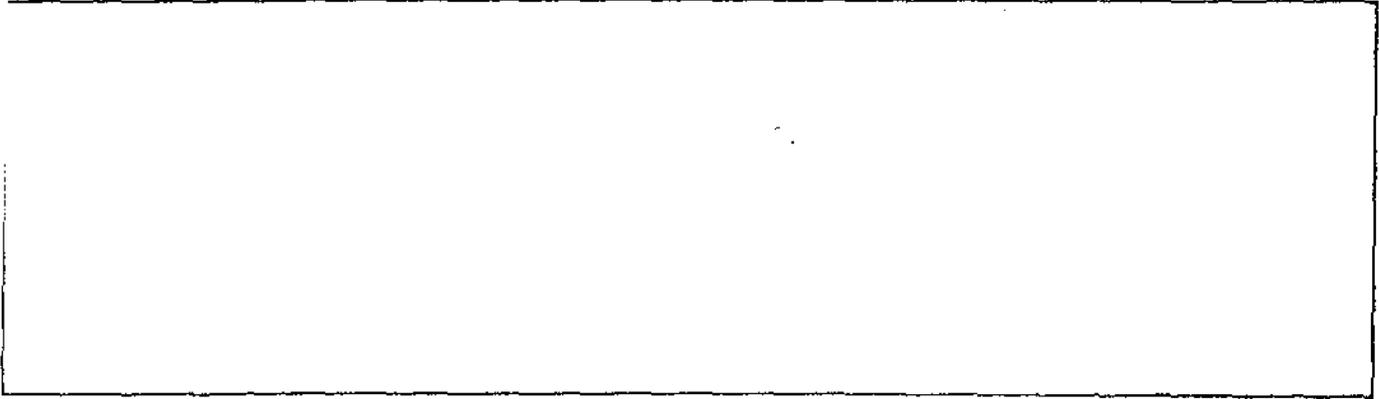
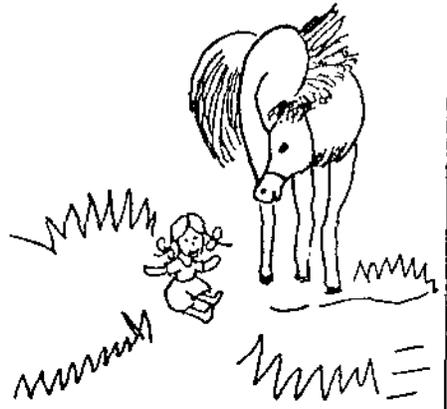
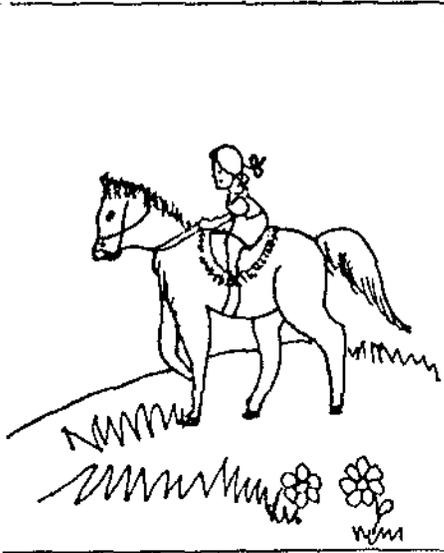
boneca

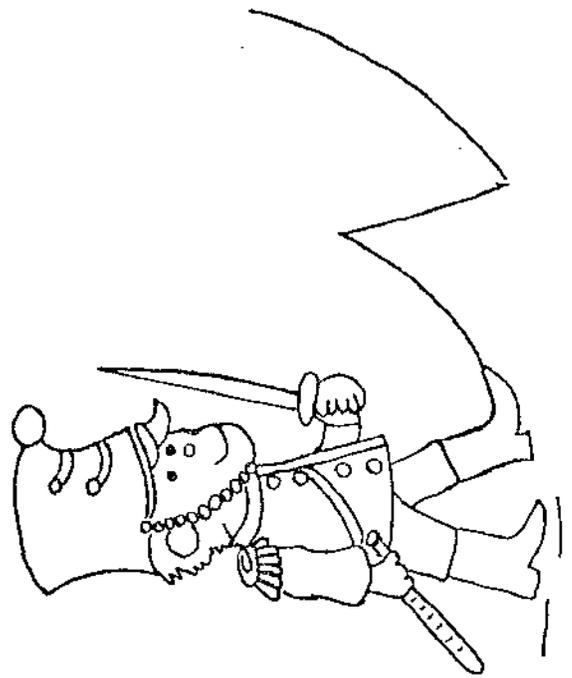
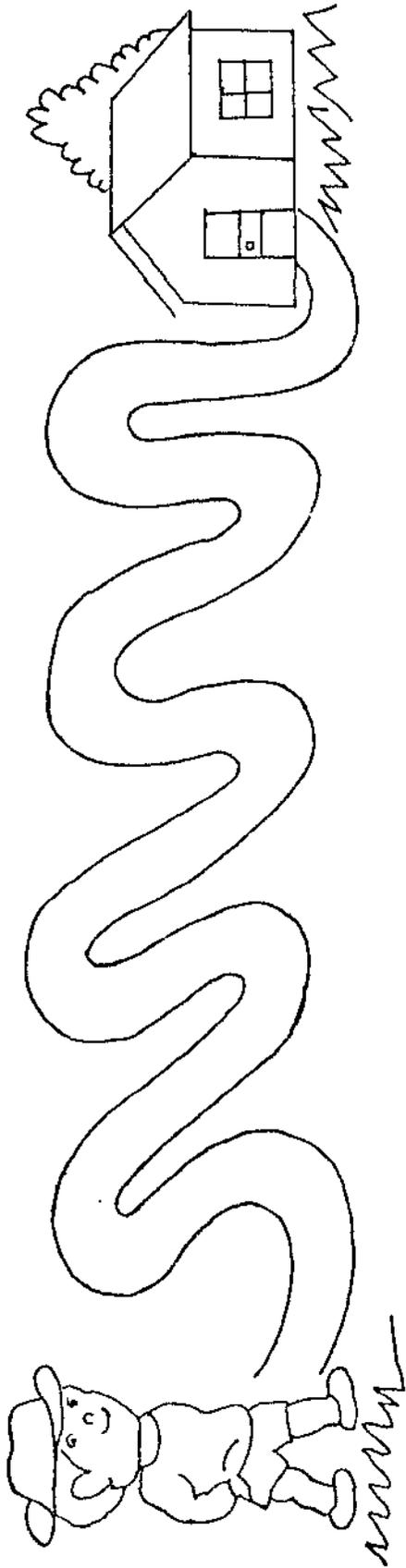
ca ro ne la tu bo vi

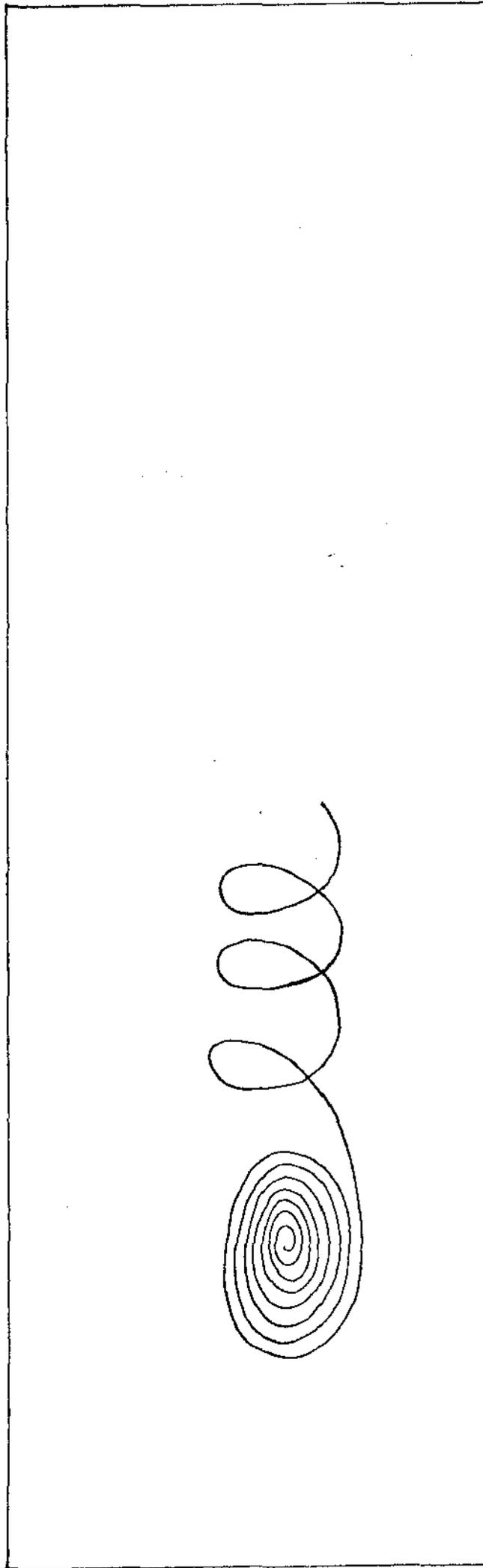
bola dono bola bola bola

carro

prato



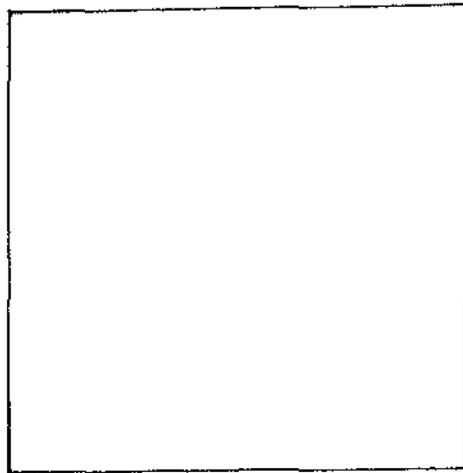
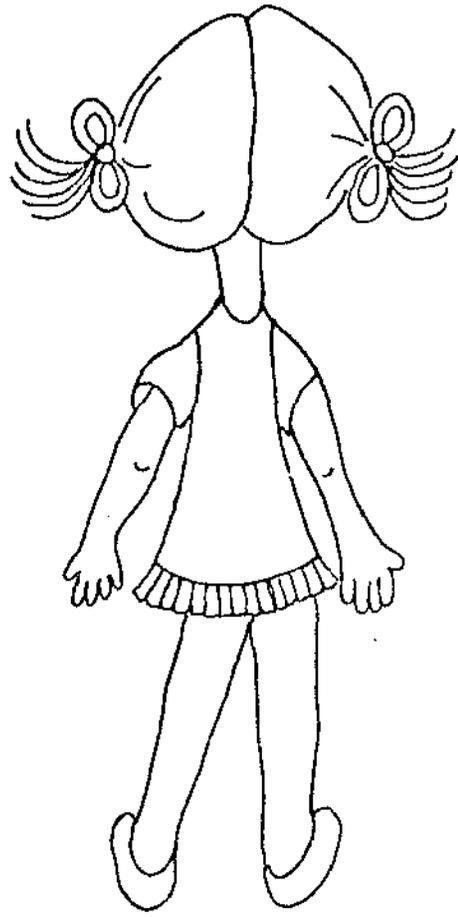


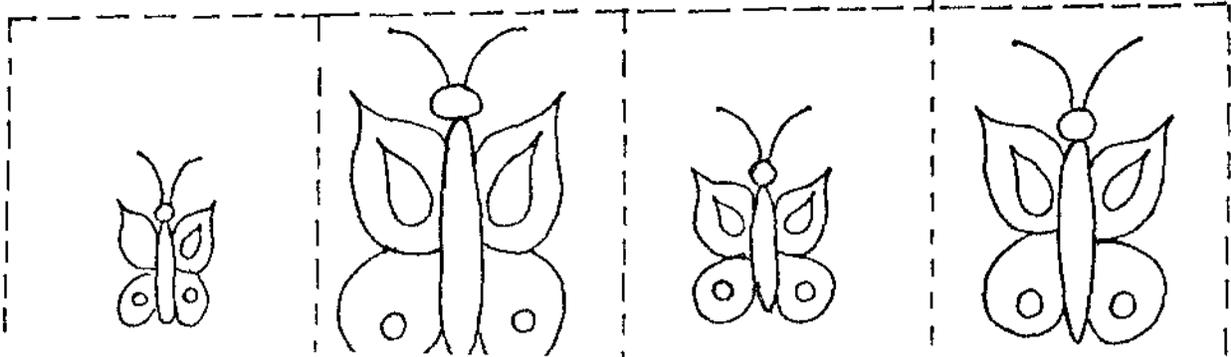
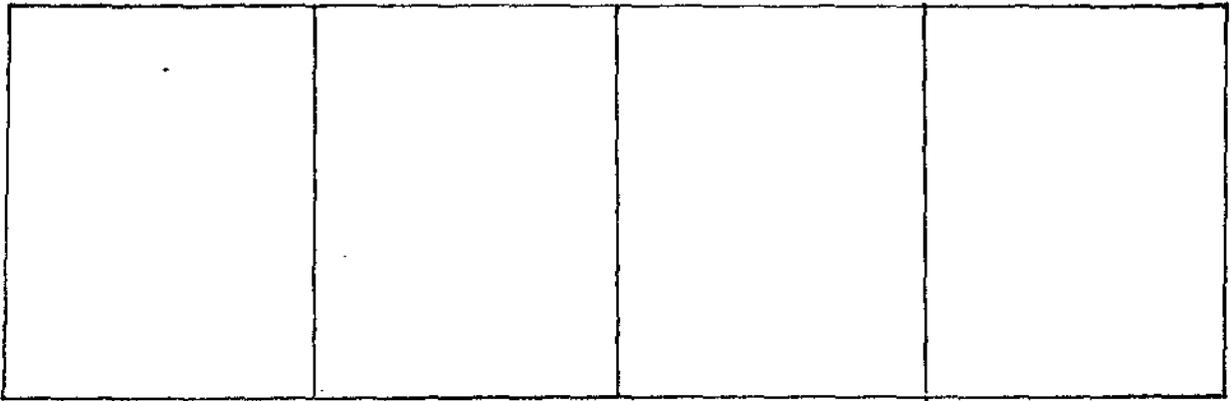
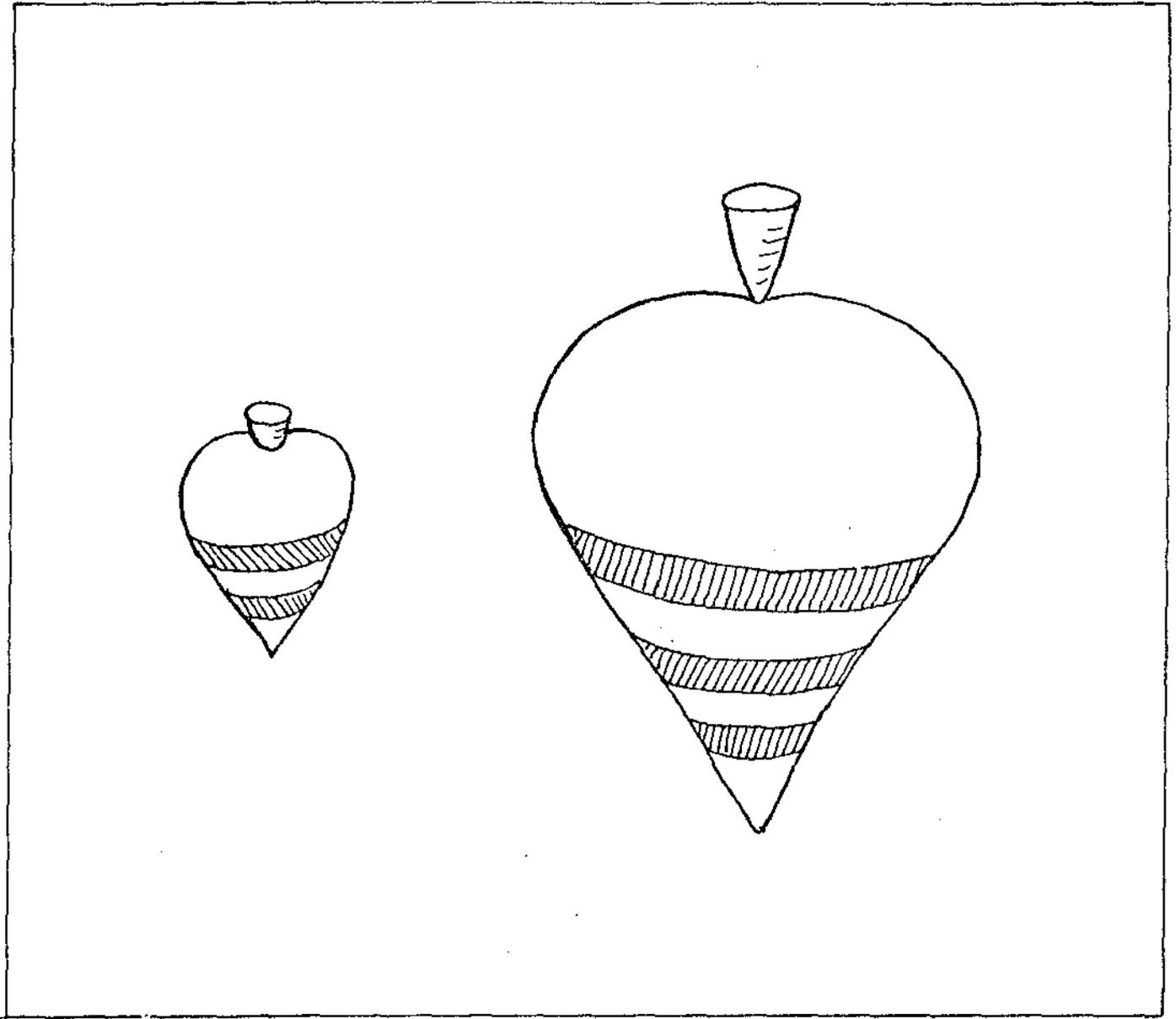


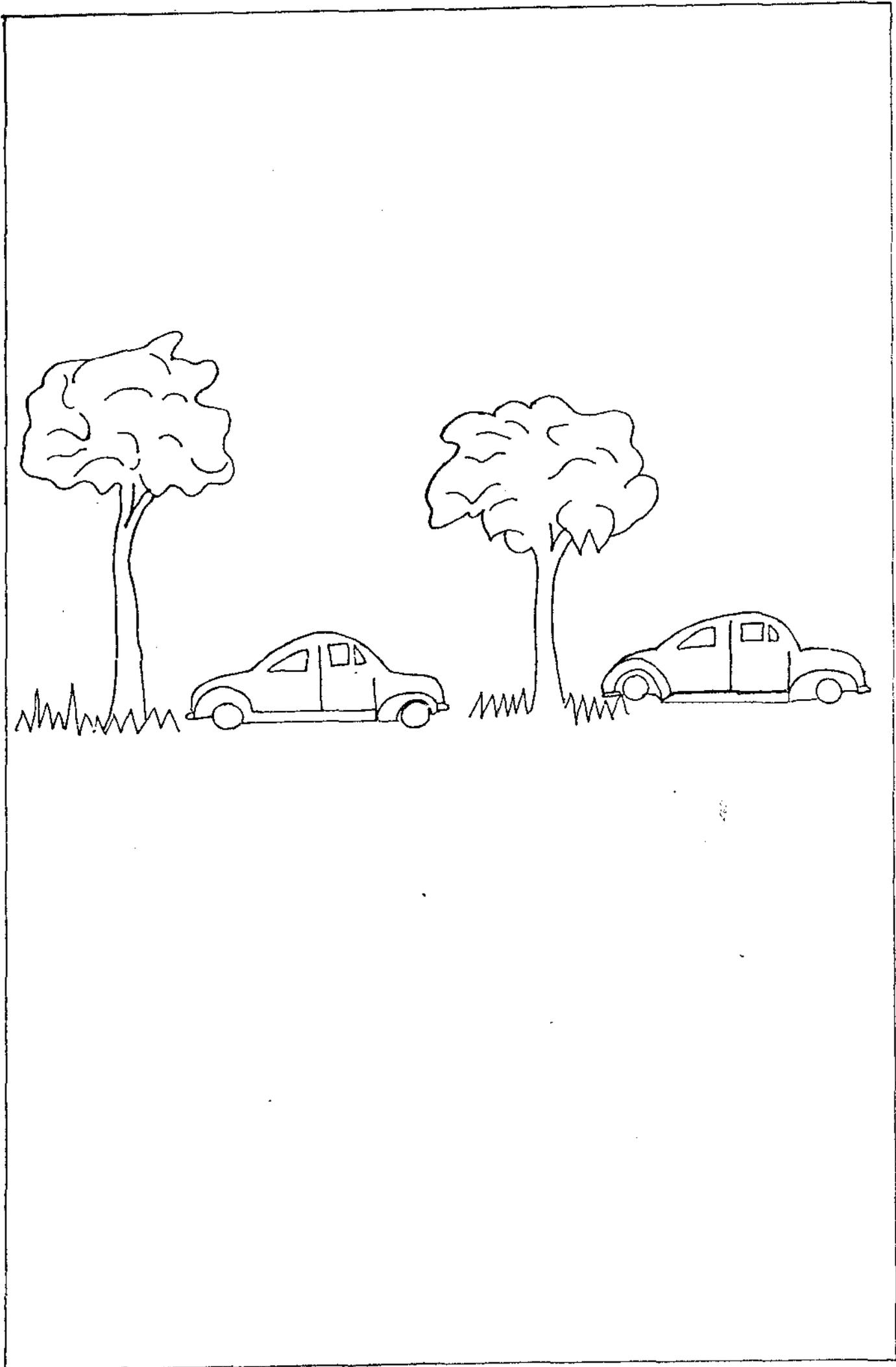
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROJETO DE EDUCAÇÃO RURAL
TESTE

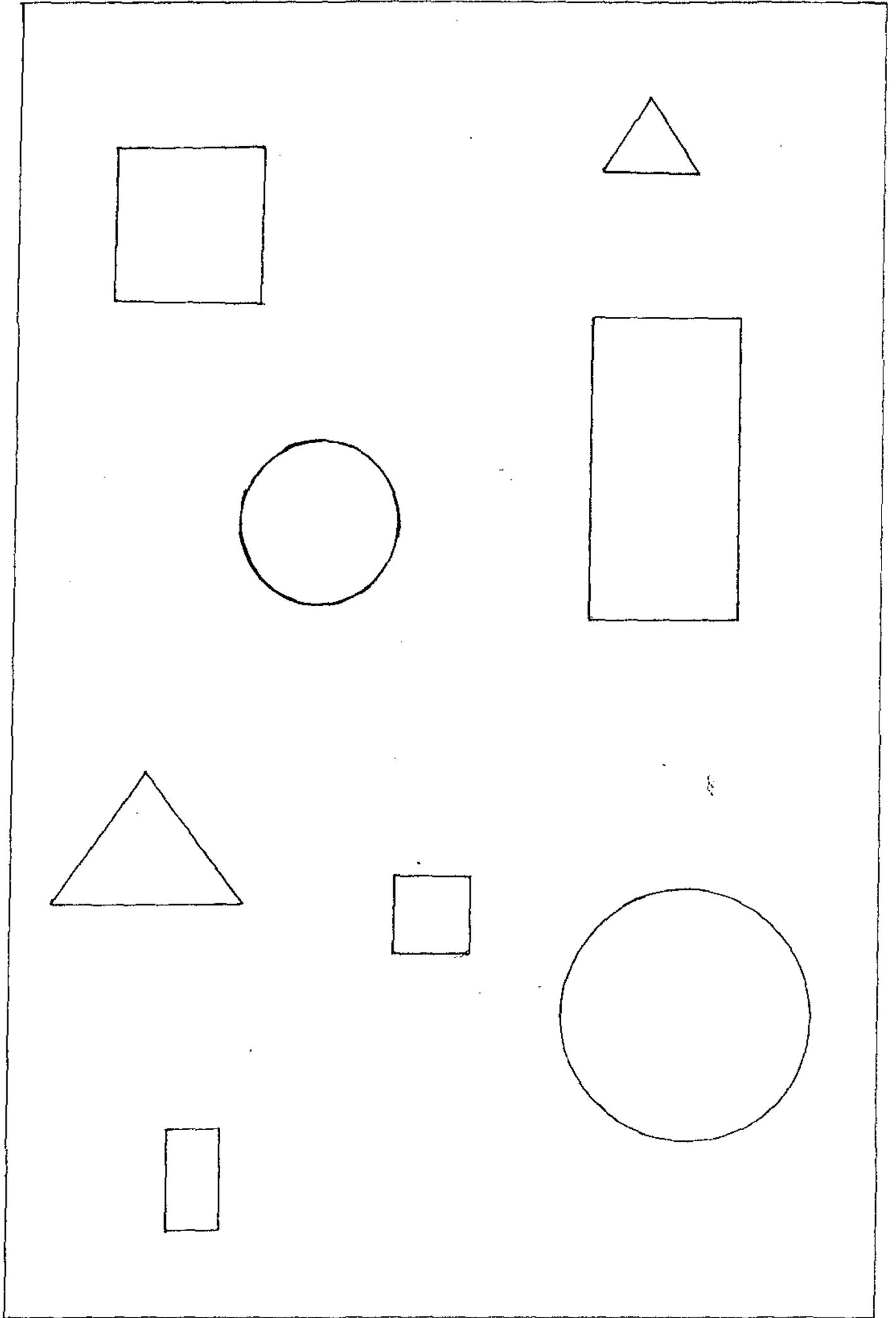
INSTRUÇÕES

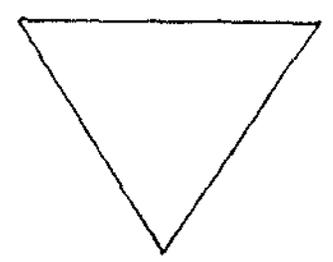
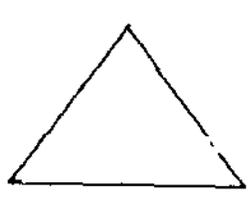
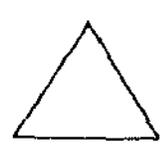
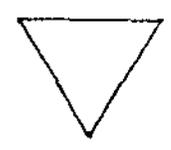
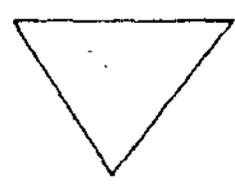
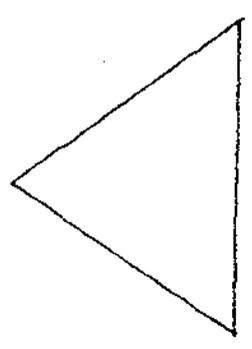
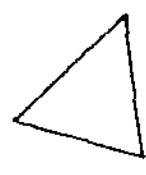
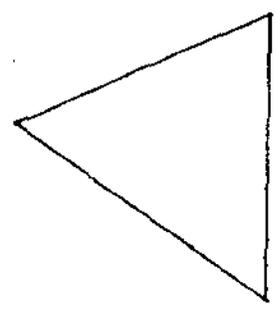
1. Desenhem uma flor na mão direita da menina.
2. Desenhem uma bola dentro do quadrado.
3. Pintem o pião pequeno.
4. Recortem as figuras.
Colem as figuras em ordem da menor para a maior, na parte de cima.
5. Pintem o carro que está entre as árvores.
6. Pintem com a mesma cor as figuras da mesma forma.
7. Pintem com a mesma cor as figuras do mesmo tamanho.
8. Pintem de vermelho as velas e de amarelo a flor.
Pintem de amarelo a flor.
9. Desenhem um copo em cima da mesa.
10. Escrevam nos quadrinhos em branco, os numerais correspondentes aos números de elementos de cada conjunto.
11. Coloquem os dados em ordem do que tem maior quantidade de pontos para o que tem menor quantidade de pontos.
12. Pintem o lápis grosso.

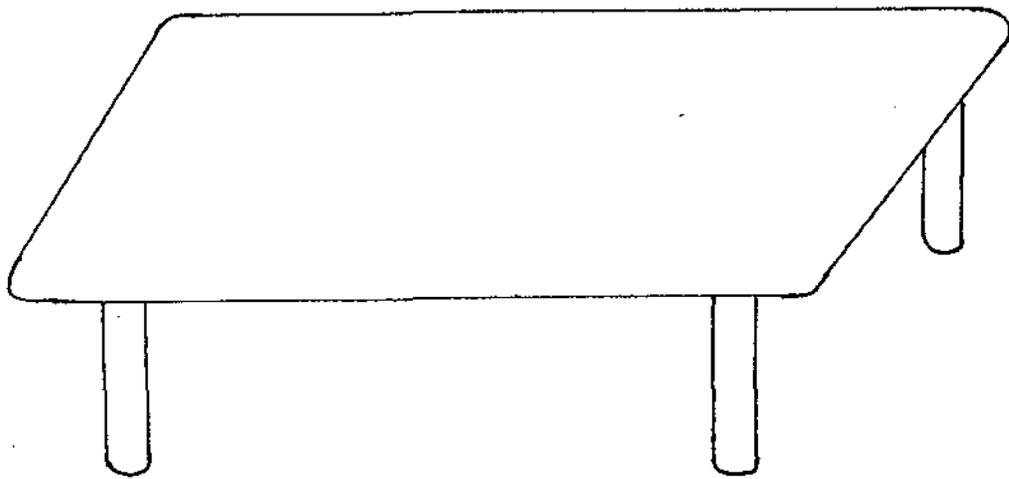
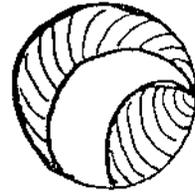
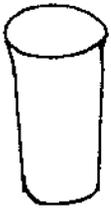
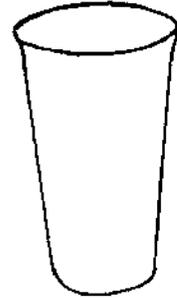
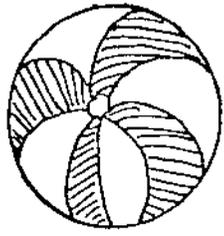


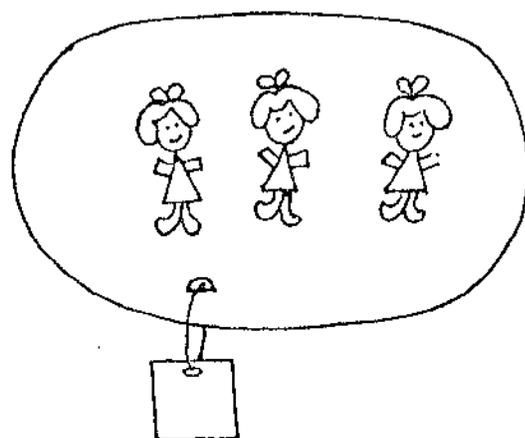
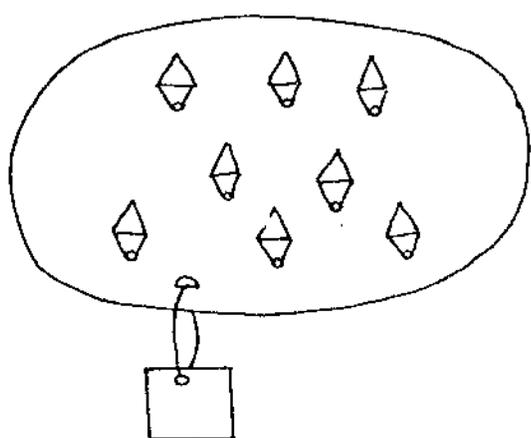
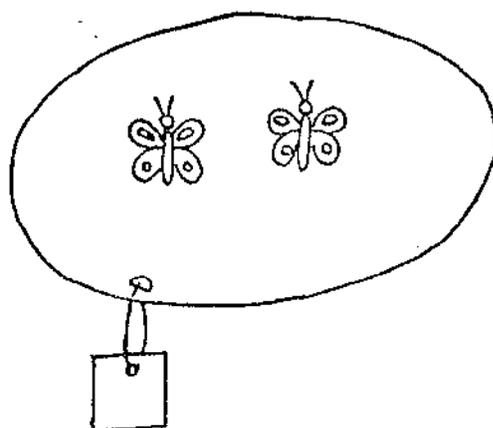
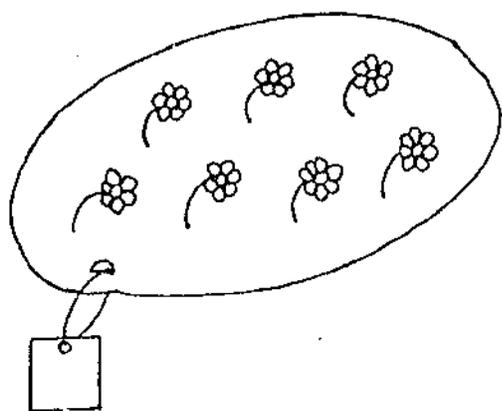
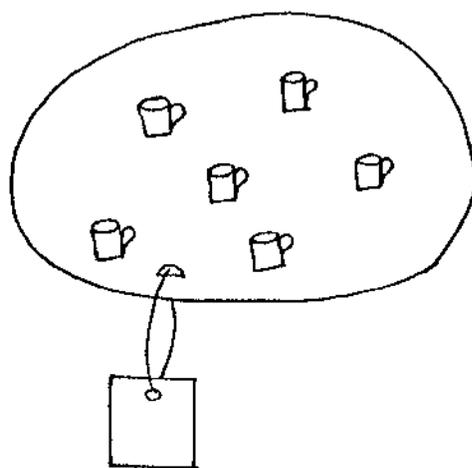
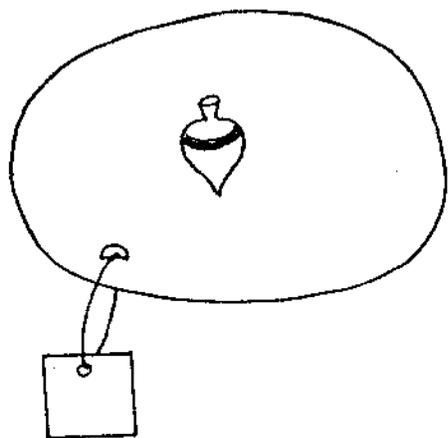


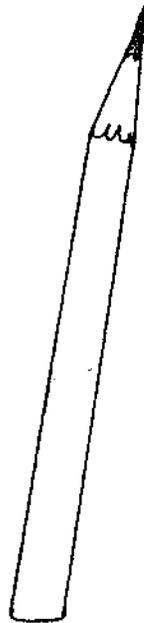
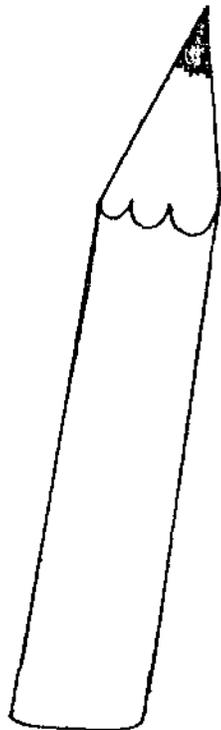
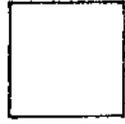
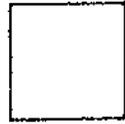
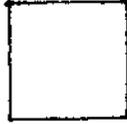
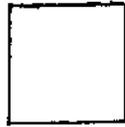
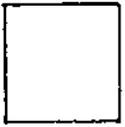
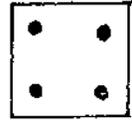
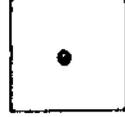
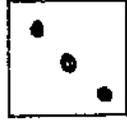
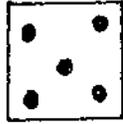
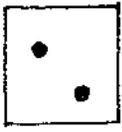












UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROJETO DE EDUCAÇÃO RURAL

RELATÓRIO DA SUPERVISÃO DE CAMPO

1 - Professor _____

2 - Data _____

3 -

Chegada a Cruz das Almas _____ hs			
TURNO	HORA	ATIVIDADE	OBSERVAÇÃO
Matutino			
Vespertino			

4 - Atividade de Orientação

4.1. Dificuldades encontradas na realização das atividades da semana anterior.

ESCOLA	Nº DE ATIVIDADE	TIPO DE DIFICULDADE	SOLUÇÃO ALTERNATIVA ADOTADA PELA REGENTE

4.2. Outras observações:

4.3. - Atividades que suscitaram maiores esclarecimentos.

Nº DA ATIVIDADE	TIPO DE DIFICULDADE	OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS	NOME DAS REGENTES QUE APRESENTARAM DÚVIDAS

4.4. - Outras observações:

5 - Observação da execução do currículo (Observação em classe)

5.1.

Unidade Escolar _____
Classe _____ Turno _____
Nº de alunos presentes _____ nº de alunos ausentes _____
Início do Turno _____ Término _____
Descrição do ambiente físico:

5.2.

Na data da observação
Total de dias letivos cumpridos _____
Total de atividades desenvolvidas _____

5.3. O roteiro em aplicação está de acordo com o cronograma?

Sim

Não

Observação:

5.4. Atividade observada:

5.4.1. Título _____ Área _____

Duração de observação _____ Hora _____

5.4.2. A atividade proposta requer a utilização de material concreto?

Sim

Não

Em caso afirmativo, responda o que se segue:

- O material foi utilizado pelo professor?

Sim

Não

- A utilização do material foi feita de modo adequado?

Sim

Não

- O aluno teve dificuldade na utilização do material?

Sim

Não

- Outras observações:

5.4.3. - Os alunos tiveram dificuldade em realizar as atividades?

Sim

Não

Em caso afirmativo responda o que se segue:

- O professor deu atendimento individual aos alunos que necessitaram?

Sim

Não

- Qual (is) o (s) tipo (s) de dificuldade (s) observada (s)?

5.4.4. - Existem alunos que não participaram da atividade?

Sim

Não

Em caso afirmativo, por que?

5.5. - A professora corrige os exercícios realizados em classe?

Sim

Não

- A professora corrige os exercícios realizados em casa pelas crianças?

Sim

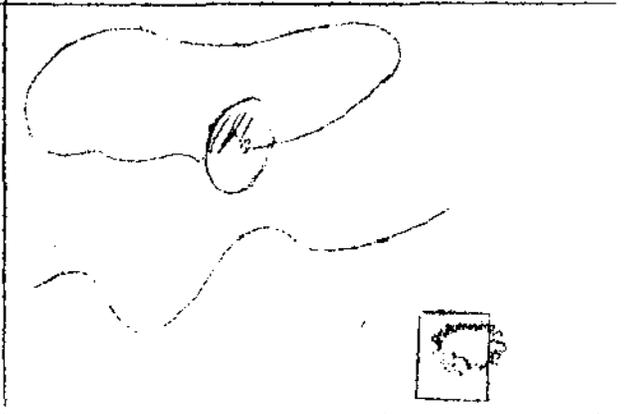
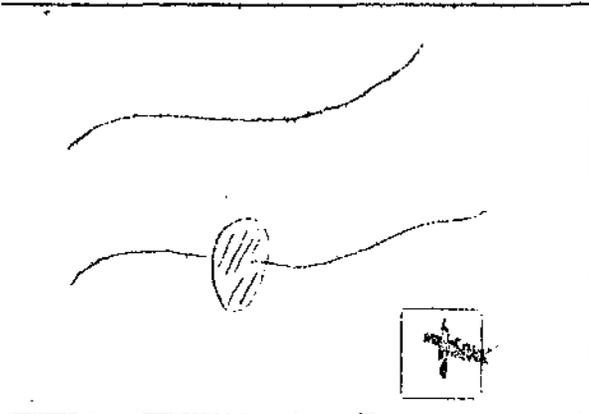
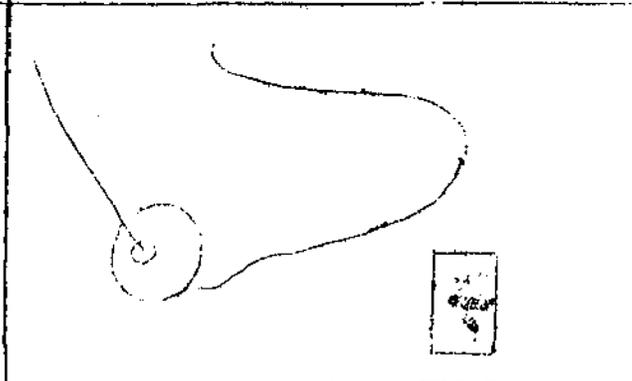
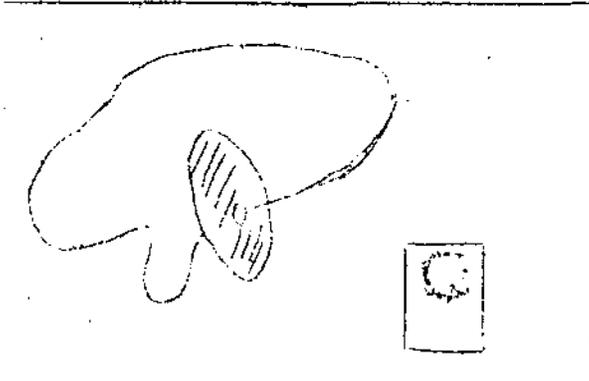
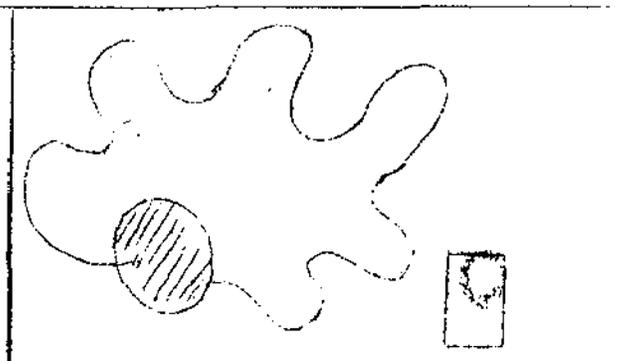
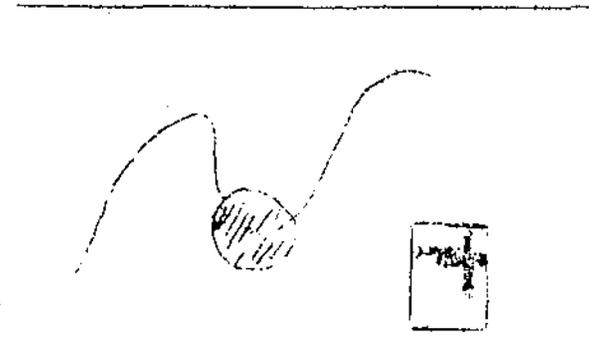
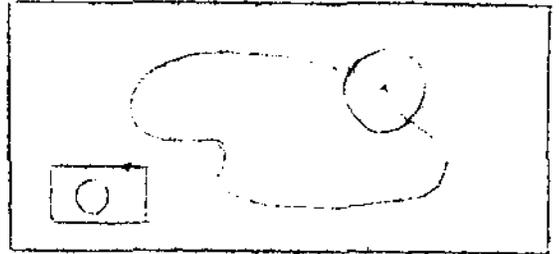
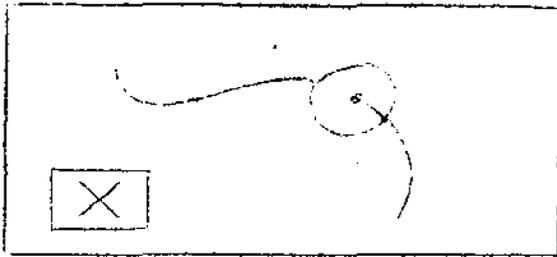
Não

5.6. Outras observações:

Zalmir
23/05/78

ANEXO 06

FICHA DE TRABALHO Nº 06

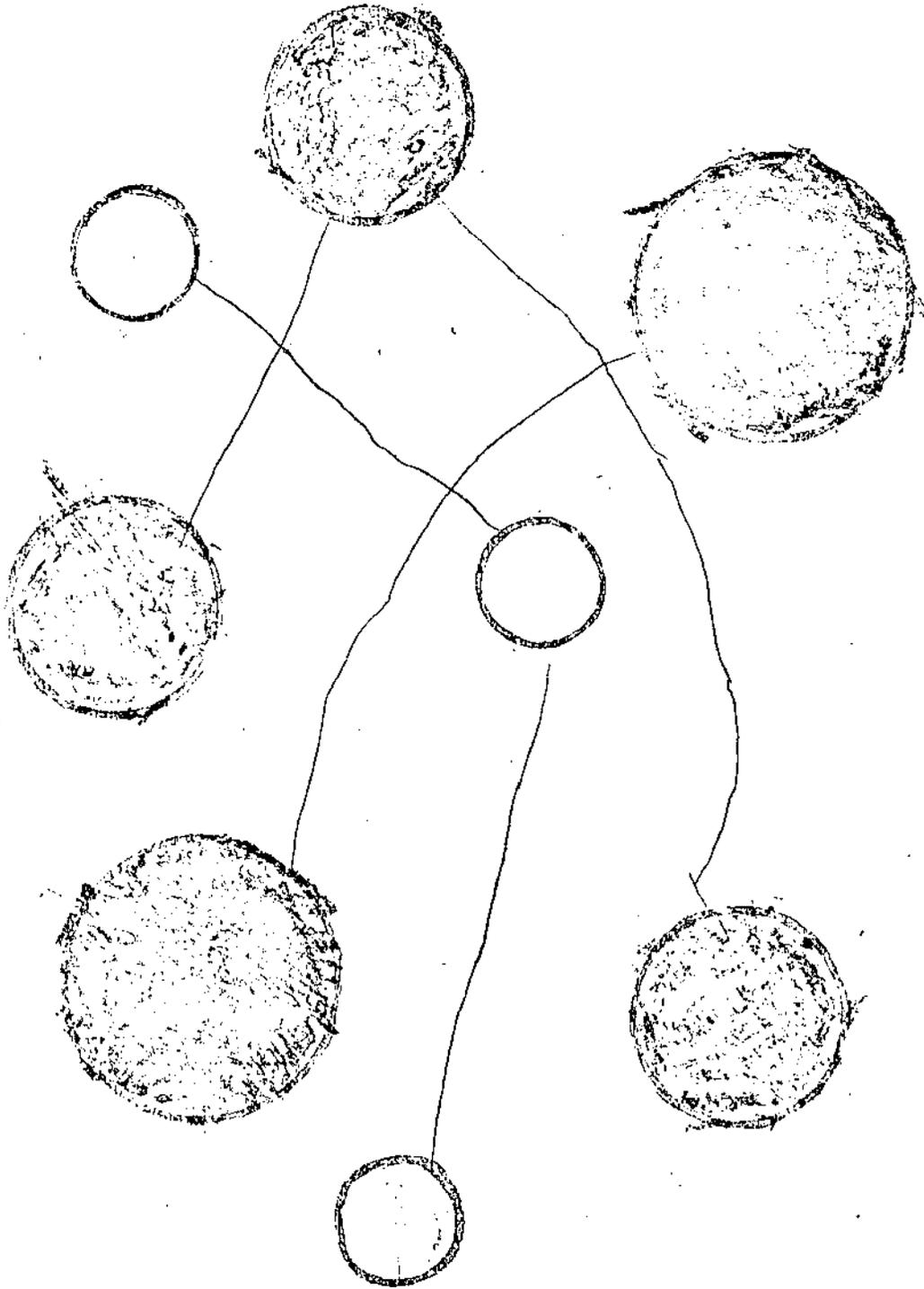


UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SÃO CARLOS

Halmer
01/06/78

ANEXO 06

FICHA Nº 13



Valmir

07/06/78

ANEXO 07

Exercício nº 32



milho



prato



laranja



panela



menino



sol

TABELA IV - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O TIPO DE CONSTRUÇÃO - 1978

Tipo de construção	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Tijolo	44	8	9	-	1	2	2	2	4	72	30,8
Adobe	32	30	21	14	9	8	10	8	6	138	58,9
Taipa	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3	1,3
Tijolo e adobe	14	-	2	-	1	2	-	-	-	19	8,1
Adobe e taipa	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.1 - Questionário da Comunidade

TABELA V - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE SALAS - 1978

Número de salas	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Uma	22	4	13	13	4	2	2	8	6	74	31,6
Duas	57	30	15	1	5	8	3	2	3	124	53,0
Três	7	6	4	-	3	4	7	-	1	32	13,7
Sem resposta	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.2 - Questionário da Comunidade

TABELA VI - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE QUARTOS - 1978

Número de quartos	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Um	7	2	10	11	2	2	2	5	2	43	18,4
Dois	62	28	11	2	5	7	3	5	7	130	55,5
Três	14	6	11	1	4	5	5	-	1	47	20,1
Quatro	7	4	-	-	-	-	2	-	-	13	5,6
Cinco	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.2 - Questionário da Comunidade

TABELA VII - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE COZINHA - 1978

Cozinha	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim	90	40	26	14	12	14	12	10	10	228	97,4
Não	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Sem resposta	-	-	6	-	-	-	-	-	-	6	2,6
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.2 - Questionário da Comunidade

TABELA VIII - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE SANITÁRIO E SEUS TIPOS - 1978

Sanitário	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sím:											
"Casinha" anexa à residência	29	19	7	-	-	5	-	5	4	69	
"Casinha" distante da residência	29	3	11	6	1	-	5	-	5	60	
Sem especificação	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	
Subtotal ₁	58	22	19	6	1	5	5	5	10		56,0
Não:											
Vaso - buraco no quintal	18	13	-	5	5	-	3	2	-	46	
Vaso - terreno	14	-	-	3	-	-	4	3	-	24	
Sem especificação	-	1	13	-	6	9	-	-	-	29	
Subtotal ₂	32	14	13	8	11	9	7	5	-		42,3
Sem resposta	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.4 e 5 - Questionário da Comunidade

TABELA IX - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE FOSSA E SEUS TIPOS - 1978

Fossa	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim:											
Séptica	29	18	9	4	1	1	-	5	5	72	
Negra	21	4	2	2	-	4	5	-	2	40	
Sem especificação	8	-	8	-	-	-	-	-	2	18	
Subtotal	58	22	19	6	1	5	5	5	9	130	55,5
Não	32	16	13	8	11	9	7	5	1	102	43,6
Sem resposta	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão II.6 e 7 - Questionário da Comunidade

TABELA X - DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO LOCALIZAÇÃO DA FOSSA - 1978

Localização da fossa	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Após a cisterna ou poço	22	-	2	-	1	-	3	-	7	35	26,9
Entre o sanitário e a cisterna ou poço	-	2	-	1	-	-	2	-	-	5	3,9
Distante da casa	36	20	13	5	-	5	-	5	-	84	64,6
Sem resposta	-	-	4	-	-	-	-	-	2	6	4,6
Total	58	22	19	6	1	5	5	5	9	130	100
%	44,6	16,9	14,6	4,6	0,7	3,9	3,9	3,9	6,9	100	

FONTE: Questão II.8 - Questionário da Comunidade

TABELA XII - AMOSTRA POPULACIONAL POR LOCALIDADE, SEGUNDO O SEXO E A FAIXA ETÁRIA - 1978

Faixa etária	Localidade	A		B		C		D		E		F		G		H		I		Total	%
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
0 — 7	7	58	50	29	46	23	23	12	16	5	2	18	12	7	-	-	10	12	8	331	21,4
7 — 15	15	61	90	59	55	23	43	13	27	11	13	15	23	10	10	5	28	5	5	496	32,0
15 — 85	85	126	159	59	59	39	56	15	19	21	26	25	21	17	24	15	10	15	17	723	46,6
Total		245	299	147	160	85	122	40	62	37	41	58	56	34	34	20	48	32	30	1550	100
%		15,8	19,3	9,5	10,3	5,5	7,9	2,5	4,0	2,4	2,7	3,7	3,6	2,2	2,2	1,3	3,1	2,1	1,9		100

Fonte: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

TABELA XIII - AMOSTRA POPULACIONAL COM IDADES DE 15 a 84 ANOS, POR ESTADO CIVIL, SEGUNDO O SEXO E A LOCALIDADE - 1978

Localidade	Estado Civil	Solteiro		Casado		Viúvo		Concubinado		Total
		M	F	M	F	M	F	M	F	
A		50	75	64	76	4	-	8	8	285
B		23	10	33	42	-	-	5	5	118
C		18	28	22	23	-	4	-	-	95
D		3	6	5	7	-	-	7	6	34
E		9	14	12	12	-	-	-	-	47
F		13	7	10	11	-	1	2	2	46
G		7	12	10	12	-	-	-	-	41
H		13	7	2	2	-	1	-	-	25
I		6	-	10	10	-	-	3	3	32
Total		142	159	168	195	4	6	25	24	723
%		19,6	22,0	23,2	27,0	0,6	0,8	3,5	3,3	100

FONTE. Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

TABELA XIV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR TIPO DE CHEFIA, SEGUNDO A LOCALIDADE - 1978

Localidade	Chefia familiar			Total
	Masculina	Feminina	Sem resposta	
A	76	14	-	90
B	34	6	-	40
C	23	7	2	32
D	8	6	-	14
E	9	3	-	12
F	13	1	-	14
G	10	2	-	12
H	8	2	-	10
I	4	6	-	10
Total	185	47	2	234
%	79,0	20,1	0,9	100

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

TABELA XV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A PROFISSÃO E/OU OCUPAÇÃO DO CHEFE - 1978

Profissão/Ocupação	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Lavrador	18	7	23	14	12	7	11	7	9	108	46,0
Operário	32	9	6	-	-	1	1	-	-	49	20,9
Pedreiro	22	-	-	-	-	2	-	-	-	24	10,3
Servente de pedreiro	-	2	-	-	-	1	-	1	-	4	1,7
Motorista	4	6	-	-	-	-	-	-	-	10	4,3
Comerciante	4	4	2	-	-	-	-	1	1	12	5,1
Almoxarife	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Eletricista	-	2	-	-	-	1	-	-	-	3	1,3
Funcionário municipal	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Carpinteiro	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,4
Magarefe	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,4
Vigia	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0,4
Empregado doméstico	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Tratorista	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Capoteiro	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Maquinista	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Sem resposta	10	1	-	-	-	-	-	-	-	11	4,8
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTES: Identificação dos moradores e Questão VI.7 - Questionário da Comunidade

TABELA XVI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS FILHOS - 1978

Profissões	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Soldador	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,4
Lavrador	-	2	3	-	-	-	-	-	-	5	2,1
Charuteiro	5	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2,1
Bancário	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Pintor	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Operário	12	5	2	1	-	-	-	-	-	20	8,6
Doméstica	4	-	-	-	-	1	2	-	-	7	3,0
Pedreiro	8	-	-	-	-	-	1	-	-	9	3,9
Funcionário público	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	0,9
Professor	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2	0,9
Mecânico	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Armador	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Motorista	-	-	-	1	-	-	2	-	-	3	1,3
Barbeiro	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,4
Maquinista	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,4
Comerciante	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,4
Ajudante de pedreiro	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2	0,9
Encanador	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2	0,9
Auxiliar de enfermagem	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,4
Feitor	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,4
Não	47	30	27	12	8	9	2	10	7	152	65,0
Sem resposta	11	-	-	-	3	-	-	-	1	15	6,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.5 - Questionário da Comunidade

TABELA XVII - AMOSTRA POPULACIONAL NÃO ESCOLARIZADA POR LOCALIDADE, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA - 1978

Faixa Etária	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
0 — 7	108	75	46	28	7	30	7	10	20	331	21,4
7 — 15	7	10	13	7	1	1	-	-	8	47	3,0
15 — 85	90	8	26	19	3	10	8	20	25	209	13,5
Total	205	93	85	54	11	41	15	30	53	587	37,9
%	13,2	6,0	5,5	3,5	0,7	2,4	1,0	2,0	3,4	37,9	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que compõem a amostra: 1550

TABELA XVIII - DISTRIBUIÇÃO POR LOCALIDADE, SEGUNDO JUSTIFICATIVAS PARA O ANALFABETISMO APRESENTADAS PELOS ANALFABETOS DE FAIXA ETÁRIA ENTRE 7 A 84 ANOS - 1978

Justificativas	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Falta de condição financeira	41	-	10	-	-	-	4	1	-	56	21,9
Falta de vaga	17	-	-	-	-	-	-	-	-	17	6,6
Falta de escola	13	-	-	-	-	6	1	2	5	27	10,6
Falta de interesse dos pais	14	-	8	3	1	3	3	-	6	38	14,8
Falta de interesse próprio	-	-	-	-	-	-	-	9	7	16	6,3
Falta de condições dos pais	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	0,8
Falta de oportunidade	-	-	-	-	-	-	-	5	3	8	3,1
Necessidade de trabalhar	-	10	-	12	3	-	-	3	12	40	15,6
Necessidade de cuidar da casa	-	-	-	6	-	-	-	-	-	6	2,3
Não sabe dizer	-	-	14	5	-	-	-	-	-	19	7,5
Não lembra	-	6	-	-	-	-	-	-	-	6	2,3
Sem resposta	12	2	7	-	-	-	-	-	-	21	8,2
Total	97	18	39	26	4	11	8	20	33	256	100
%	37,9	7,0	15,2	10,2	1,6	4,3	3,1	7,8	12,9	100	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

TABELA XIX - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLARIZADA POR LOCALIDADE, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA - 1978

Faixa etária	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
7 ----- 15	144	104	53	33	23	37	20	33	2	449	28,9
15 ----- 85	195	110	69	15	44	36	33	5	7	514	33,2
Total	339	214	122	48	67	73	53	38	9	963	62,1
%	21,9	13,8	7,9	3,1	4,3	4,7	3,4	2,4	0,6	62,1	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que compõem a amostra: 1550

TABELA XX - POPULAÇÃO NA FAIXA ETÁRIA DE 7 a 14 ANOS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO - 1978

Nível de escolarização	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
1º grau:											
1a. série	61	45	17	24	23	19	4	16	1	210	13,5
2a. série	22	16	29	7	-	12	5	4	-	95	6,1
3a. série	14	24	-	1	-	3	3	3	1	49	3,2
4a. série	22	11	7	1	-	1	6	7	-	55	3,5
5a. série	14	4	-	-	-	2	2	3	-	25	1,6
6a. série	7	4	-	-	-	-	-	-	-	11	0,7
7a. série	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,3
8a. série	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	144	104	53	33	23	37	20	33	2	449	28,9
%	9,3	6,7	3,4	2,1	1,5	2,4	1,3	2,1	0,1	28,9	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que compõem a amostra: 1550

TABELA XXI - POPULAÇÃO NA FAIXA ETÁRIA DE 15 a 84 ANOS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO - 1978

Nível de escolarização	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
1º grau:											
1a. série	17	29	9	6	44	7	4	-	2	118	7,6
2a. série	44	17	19	3	-	5	8	2	2	100	6,5
3a. série	35	20	18	3	-	5	9	-	2	92	6,0
4a. série	36	16	13	1	-	10	12	-	1	89	5,8
5a. série	22	19	2	-	-	3	-	-	-	46	3,0
6a. série	11	-	2	1	-	-	-	-	-	14	0,9
7a. série	18	2	2	-	-	2	-	3	-	27	1,8
8a. série	7	2	2	-	-	1	-	-	-	12	0,8
2º grau:											
1a. série	2	2	-	-	-	-	-	-	-	4	0,2
2a. série (Administração)	-	2	-	-	-	1	-	-	-	3	0,1
3a. série (Normal)	3	1	-	-	-	-	-	-	-	4	0,2
MOBRAL	-	-	2	1	-	2	-	-	-	5	0,3
Total	195	110	69	15	44	36	33	5	7	514	33,2
%	12,6	7,1	4,5	1,0	2,8	2,3	2,1	0,3	0,5	33,2	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que compõem a amostra: 1550

TABELA XXII - DISTRIBUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS POR LOCALIDADE E FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO ESCOLARIZAÇÃO EM ANDAMENTO OU CONCLUÍDA - 1978

Escarlarização	Localidade										Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
Em andamento:												
7 ----- 15	136	96	49	31	14	35	18	33	2			
15 ----- 85	29	17	2	2	8	6	4	-	-			
Subtotal ₁	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	482	50,1
Concluída:												
15 ----- 85	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-		
Subtotal ₂	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,3
Total	167	114	51	33	22	41	22	33	2		485	50,4
%	17,3	11,8	5,3	3,5	2,3	4,2	2,3	3,5	0,2		50,4	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que se declararam escolarizados: 963

TABELA XXIII - DISTRIBUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS POR LOCALIDADE E FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A EVASÃO ESCOLAR - 1978

Evasão escolar	Localidade										Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
7 ----- 15	8	8	4	2	9	2	2	-	-		35	3,6
15 ----- 85	164	92	67	13	36	30	29	5	7		443	46,0
Total	172	100	71	15	45	32	31	5	7		478	49,6
%	17,9	10,4	7,4	1,5	4,7	3,3	3,2	0,5	0,7		49,6	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de indivíduos que se declararam escolarizados: 963

ANEXO 22

TABELA XXIV - POPULAÇÃO NA FAIXA ETÁRIA DE 7 A 84 ANOS POR LOCALIDADE, SEGUNDO AS JUSTIFICATIVAS APRESENTADAS PARA A EVASÃO ESCOLAR - 1978

Justificativas	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Necessidade de trabalhar	79	18	29	4	33	-	11	1	4	179	37,5
Falta de recursos	-	47	5	5	6	8	9	-	2	82	17,2
Necessidade de cuidar dos irmãos menores	-	-	7	2	-	-	-	-	-	9	1,9
Falta de interesse pessoal	42	25	7	-	4	10	-	4	1	93	19,5
Falta de interesse dos pais	-	-	2	-	-	7	-	-	-	9	1,9
Falta de consentimento dos pais	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4	0,8
Falta de gosto pelo estudo	-	-	11	3	-	-	6	-	-	20	4,2
Falta de escola	-	4	2	-	2	5	-	-	-	13	2,7
Falta de vaga	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4	0,8
Distância entre a casa e a escola	7	-	-	-	-	-	4	-	-	11	2,3
Reprovações - desistência	10	-	-	-	-	-	-	-	-	10	2,1
Doença	-	2	-	-	-	-	1	-	-	3	0,6
Casamento	14	-	-	-	-	-	-	-	-	14	2,9
Mudança de residência	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,4
Suposição de que não aprenderia	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,2
Preocupação	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,2
Sem resposta	20	2	-	1	-	-	-	-	-	23	4,8
Total	172	100	71	15	45	32	31	5	7	476	100
%	36,0	21,0	14,9	3,1	9,4	6,7	6,5	1,0	1,4	100	

FONTE: Identificação dos moradores - Questionário da Comunidade

TABELA XXV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A ORIGEM DA ÁGUA USADA NA ALIMENTAÇÃO - 1978

Origem da água	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Poço	4	20	2	-	3	-	-	-	3	32	13,7
Cisterna	43	15	28	14	9	10	12	10	7	148	63,1
Fonte	32	-	2	-	-	4	-	-	-	38	16,2
Poço - cisterna	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	1,3
Fonte - cisterna	11	-	-	-	-	-	-	-	-	11	4,8
Poço - fonte	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão III.1 - Questionário da Comunidade

TABELA XXVI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A ORIGEM DA "ÁGUA DE GASTO" - 1978

Origem da água	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Poço	4	20	2	-	3	-	2	-	-	31	13,2
Cisterna	68	15	28	13	9	10	8	10	6	167	71,2
Fonte	14	-	2	-	-	4	-	-	-	20	8,6
Fonte-cisterna	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Poço-cisterna	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	1,3
Poço-fonte	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Cisterna-chuva	-	-	-	1	-	-	2	-	2	5	2,3
Poço-rio	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,4
Cisterna-rio	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão III.4 - Questionário da Comunidade

TABELA XXVII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O TIPO DE TRATAMENTO DADO À ÁGUA USADA NA ALIMENTAÇÃO - 1978

Tipo de tratamento	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Filtragem	54	28	12	7	1	3	4	5	3	117	50,0
Fervura-filtragem	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Nenhum	32	12	20	7	11	11	8	5	7	113	48,3
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão III.2 - Questionário da Comunidade

TABELA XXVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O TIPO DE RESERVATÓRIO PARA GUARDAR A ÁGUA USADA NA ALIMENTAÇÃO - 1978

Tipo de reservatório	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Pote	59	24	30	11	12	14	8	10	7	175	74,8
Filtro	9	6	1	1	-	-	-	-	-	17	7,2
Pote e filtro	18	10	1	-	-	-	4	-	3	36	15,4
Tanque	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Lata	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	0,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão III.3 - Questionário da Comunidade

TABELA XXIX - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O DESTINO DO LIXO DOMÉSTICO - 1978

Destino do lixo doméstico	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Quintal	61	20	11	8	10	9	-	8	9	136	58,1
Buraco no quintal	18	6	13	5	2	5	-	2	-	51	21,8
Canteiro ou leira	4	2	4	-	-	-	2	-	-	12	5,1
Chiqueiro	-	10	2	1	-	-	-	-	-	13	5,6
Diversos	7	2	2	-	-	-	10	-	1	22	9,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão III.5 - Questionário da Comunidade

TABELA XXX - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE REFEIÇÕES DIÁRIAS E A MANEIRA DE REALIZÁ-LAS - 1978

Refeições diárias	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Três:											
Em conjunto	61	27	8	14	11	13	5	3	9	151	64,5
Em horários diferentes	22	13	7	-	1	1	7	5	1	57	24,3
Às vezes em conjunto	7	-	-	-	-	-	-	2	-	9	3,9
Não especificado:											
Em conjunto	-	-	10	-	-	-	-	-	-	10	4,3
Em horários diferentes	-	-	7	-	-	-	-	-	-	7	3,0
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão IV.1 e 2 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OS ALIMENTOS CONSUMIDOS NO CAFÉ DA MANHÃ OU DESJEJUM - 1978

Alimentos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Café	58	34	32	13	12	14	10	10	10	193
Leite	46	30	11	4	12	4	5	-	1	113
Pão	25	28	14	9	-	14	-	10	-	100
Ovo	28	18	16	11	9	3	7	-	6	98
Fruta (frutos, raízes e tubérculos)	50	13	-	7	1	1	5	-	5	82
Farinha	11	10	20	5	5	-	2	-	9	62
Carne	8	8	-	5	12	-	2	-	9	44
Feijão	11	8	-	5	12	-	-	-	5	41
Bolacha	-	-	12	3	-	1	-	8	-	24

FONTE: Questão VI.3 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OS ALIMENTOS CONSUMIDOS NO ALMOÇO - 1978

Alimentos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Feijão	90	40	32	12	12	14	12	6	10	228
Farinha	64	40	29	14	12	14	12	10	10	205
Carne	60	40	23	14	12	14	5	10	10	188
Arroz	68	40	22	4	9	6	12	4	5	170
Ovo	29	36	19	9	2	10	12	4	8	129
Verdura	18	11	19	7	2	-	12	4	7	80
Fruta	29	-	-	-	-	-	12	2	-	43

FONTE: Questão IV.3 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OS ALIMENTOS CONSUMIDOS NO JANTAR - 1978

Alimentos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Farinha	54	30	19	10	10	10	12	10	10	165
Feijão	79	24	11	8	11	10	10	2	5	160
Carne	57	32	15	10	12	8	5	8	10	157
Ovo	25	32	19	7	3	-	12	4	5	107
Café	11	34	21	14	-	6	-	10	10	106
Arroz	32	28	4	3	10	-	10	-	4	91
Pão	11	-	13	10	-	4	-	-	-	38
Leite	-	20	-	3	-	3	-	1	-	27
Raízes e Frutos	-	-	7	6	-	8	-	-	-	21
Bolacha	-	-	13	5	-	-	-	-	-	18

FONTE: Questão IV.3 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXIV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A ALIMENTAÇÃO CONSUMIDA NOS FINS-DE-SEMANA - 1978

Alimentação	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Feijoada	32	36	23	4	-	2	5	6	3	111
Cozido	36	32	13	2	2	4	10	-	-	99
Galinha	18	8	-	8	4	4	-	4	2	48
Macarrão	11	17	-	5	4	2	5	-	-	44
Peixe	7	-	-	7	-	-	-	-	-	14
Salada	7	4	-	1	-	1	-	-	-	13
Bife	7	-	-	-	-	1	-	2	-	10
Fato	-	4	10	-	-	-	-	-	2	16
Assado de porco ou carneiro	7	-	-	3	-	-	-	-	-	10
Os mesmos da semana	4	-	9	6	8	5	-	8	6	46

FONTE: Questão IV.4 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXV - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DOS ALIMENTOS DAS CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA DE 0 A 2 ANOS - 1978

Alimentos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Leite:										
Materno	37	30	10	3	-	4	12	5	2	103
De vaca	29	32	10	1	2	4	5	3	-	86
Em pó	22	27	16	-	-	-	4	5	3	77
Mingau de:										
Farinha e leite	32	38	9	-	-	4	10	-	2	95
Farinha e água	7	-	-	-	-	-	-	7	1	15
Sopa de:										
Arroz	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Verdura	-	-	-	-	-	-	8	-	-	8
A mesma dos adultos	11	15	14	-	-	5	-	-	-	45

FONTE: Questão IV.5 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXVI - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS PELAS FAMÍLIAS EM CASO DE DOENÇAS - 1978

Providências	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Consulta médico	82	40	21	7	10	14	12	2	9	197
Recorre à rezadeira	65	32	24	9	4	-	10	3	4	156
Vai à sessão espírita	-	4	6	1	-	-	-	3	-	14
Vai ao candomblé	-	-	7	-	-	-	-	-	-	7
Usa:										
Remédio receitado antes pelo médico	15	28	17	1	-	3	-	-	-	64
Remédio ensinado	47	21	15	1	-	1	2	8	3	98
Remédio caseiro	-	-	-	5	3	-	-	-	-	8
Chá	75	38	26	6	2	11	12	8	5	183

FONTE: Questão V.1 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXVII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A PERIODICIDADE DE REALIZAÇÃO DE EXAME PARASITOLÓGICO DE FEZES - 1978

Periodicidade de exame parasitológico	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Quando adoece	36	30	18	4	4	7	2	8	7	116	49,6
Anualmente	7	4	2	-	-	1	1	-	-	15	6,4
Raramente	36	-	12	2	2	-	2	-	-	54	23,1
Nunca	7	6	-	8	6	6	7	2	3	45	19,2
Sem resposta	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão V.7 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A PERIODICIDADE DE CONSULTA ODONTOLÓGICA - 1978

Periodicidade de consulta odontológica	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Quando é necessário	82	30	25	12	8	12	11	8	10	198	84,4
Anualmente	4	2	-	1	-	2	1	-	-	10	4,3
Semestralmente	-	8	-	-	3	-	-	-	-	11	4,8
Nunca	-	-	7	-	-	-	-	2	-	9	3,9
Sem resposta	4	-	-	1	1	-	-	-	-	6	2,6
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão V.6 - Questionário da Comunidade

TABELA XXXIX - POPULAÇÃO ADULTA VACINADA POR LOCALIDADE, SEGUNDO TIPOS DE VACINA - 1978

Tipos de vacina	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Anti-tétano	43	26	21	10	11	6	7	4	2	130
Anti-varíola	32	22	19	3	11	5	9	2	3	106
Anti-meningite	-	19	4	-	-	10	5	-	-	38
Nenhuma	15	2	11	1	1	-	3	4	-	37
Sem resposta	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7

FONTE: Questão V.9 - Questionário da Comunidade

TABELA XL - POPULAÇÃO INFANTIL VACINADA POR LOCALIDADE, SEGUNDO TIPOS DE VACINA - 1978

Tipos de vacina	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Anti-tétano	65	40	8	12	11	8	10	-	9	163
Anti-varíola	76	39	15	13	11	8	12	8	9	191
Anti-sarampo	11	-	-	-	-	-	-	-	-	11
Anti-meningite	7	20	-	-	-	8	9	-	-	44
Tríplice	58	27	13	-	12	6	4	-	8	128
BCC	68	29	15	-	-	3	9	2	7	133
Nenhuma	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2

FONTE: Questão V.9 - Questionário da Comunidade

TABELA XLI - DISTRIBUIÇÃO POR LOCALIDADE DE ÓBITOS INFANTIS, NA FAIXA ETÁRIA DE 0 A 2 ANOS, SEGUNDO SUAS CAUSAS - 1978

Causas dos óbitos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Desidratação	32	6	4	2	2	2	12	4	-	64
Sarampo	14	-	2	-	4	-	-	-	-	20
Tétano umbilical	-	4	7	-	-	2	-	-	-	13
Problema respiratório	-	6	-	-	1	2	-	-	-	9
Catapora	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Coqueluche	5	-	-	-	-	-	-	2	-	7
Choque elétrico	4	2	-	-	-	-	-	-	-	6
Varíola	-	-	-	-	5	-	-	-	-	5
Papeira	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Acidente de veículo	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Meningite	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3
Verminose	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Prisão de urina	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Epilepsia	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Prisão de ventre	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Febre forte	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ignorada	61	10	9	4	-	8	-	-	2	94

FONTE: Questão V.5 e 7 - Questionário da Comunidade

TABELA XLII - DISTRIBUIÇÃO POR LOCALIDADE DOS ÓBITOS INFANTIS, SEGUNDO REGISTRO EM CARTÓRIO - 1978

Registro de óbitos em cartório	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Sim	68	19	20	6	10	8	12	6	4	153
Não	36	-	-	-	-	7	-	-	-	43
Não sabe	29	-	2	-	3	1	-	-	-	35
Sem resposta	-	9	1	-	2	-	-	-	-	12

FONTE: Questão V.6 - Questionário da Comunidade

TABELA XLIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO VINCULAÇÃO A SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA E PREVIDÊNCIA SOCIAL - 1978

Serviços de assistência e previdência social	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
INPS	76	26	13	1	-	3	2	8	4	133	56,6
FUNRURAL	11	4	15	12	8	8	10	-	4	72	30,8
IAPSEB	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
INPS-FUNRURAL	-	6	-	-	-	1	-	2	2	11	4,8
IAPSEB-FUNRURAL	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Sem resposta	-	-	-	-	2	2	-	-	-	4	1,7
Nenhum	3	-	4	1	2	-	-	-	-	10	4,3
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.10 - Questionário da Comunidade

TABELA XLIV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE FAMILIARES COM TRABALHO REMUNERADO - 1978

Familiars com trabalho remunerado	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Um	22	23	23	3	1	9	3	8	2	94	40,2
Dois	54	8	9	8	-	4	4	2	5	94	40,2
Três	7	-	-	-	-	-	4	-	2	13	5,6
Quatro	4	2	-	1	-	-	-	-	1	8	3,4
Sete	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,4
Cinco adultos e três crianças	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,4
Três adultos e duas crianças	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,4
Sem resposta	3	7	-	2	10	-	-	-	-	22	9,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.1 - Questionário da Comunidade

TABELA XLV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A MODALIDADE DO TRABALHO REMUNERADO DOS FAMILIARES - 1978

Modalidade do trabalho remunerado	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sistemático	36	28	14	10	2	12	8	5	6	121	51,7
Ocasional	32	10	14	3	10	2	3	5	4	83	35,5
Sistemático e ocasional	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Sem resposta	22	-	4	1	-	-	1	-	-	28	11,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.2 - Questionário da Comunidade

TABELA XLVI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO DIAS DE TRABALHO POR SEMANA DO SEU CHEFE - 1978

Dias de trabalho por semana	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Quatro	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,4
Cinco	11	9	15	-	2	3	3	6	5	54	23,1
Seis	65	23	14	13	-	11	8	2	1	137	58,6
Sete	-	6	-	-	-	-	-	2	-	8	3,4
Sem resposta	14	2	3	1	10	-	-	-	4	34	14,5
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.3 - Questionário da Comunidade

TABELA XLVII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A MODALIDADE DE RECEBIMENTO DA REMUNERAÇÃO POR PARTE DO CHEFE - 1978

Modalidade de recebimento da remuneração	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Mensal, quantia fixa	32	30	14	-	7	2	5	7	5	102	43,7
Mensal, quantia variável	12	-	-	-	-	2	-	-	-	14	5,9
Semanal, quantia fixa	37	4	16	14	4	7	7	3	3	95	40,6
Semanal, quantia variável	6	2	2	-	1	3	-	-	2	16	6,8
Diário, variável	3	4	-	-	-	-	-	-	-	7	3,0
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.5 - Questionário da Comunidade

TABELA XLVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O CULTIVO DA TERRA E A SITUAÇÃO DO SEU CHEFE EM RELAÇÃO À TERRA CULTIVADA - 1978

Cultivo - situação do chefe de família em relação à terra cultivada	Localidade									Total	%	
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
Sim:												
Proprietário	18	2	-	2	9	9	8	7	5	60		
Rendeiro	-	-	9	12	3	3	4	-	3	34		
Meeiro	-	5	5	-	-	-	-	-	1	11		
Trabalhador contratado	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4		
Trabalhador eventual	-	4	9	-	-	-	-	-	-	13		
Subtotal	18	11	27	14	12	12	12	7	9		52,1	
Não	62	29	5	-	-	2	-	3	1	102	43,6	
Sem resposta	10	-	-	-	-	-	-	-	-	10	4,3	
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100	
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100		

FONTE: Questão VI.8 e 9 - Questionário da Comunidade

TABELA XLIX - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O TIPO DE LAVOURA QUE CULTIVAM - 1978

Tipos de lavoura	Localidade									Total	%	
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
Flores	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,8
Fumo	3	-	5	4	1	-	-	-	-	2	15	12,3
Mandioca	-	4	-	1	-	-	-	-	-	-	5	4,1
Cítricos	-	-	8	8	-	-	-	-	-	-	16	13,2
Fumo - mandioca	11	7	14	-	11	12	5	-	-	6	66	54,1
Fumo - cítricos	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	0,8
Fumo - mandioca - cítricos	4	-	-	-	-	-	2	-	-	-	6	5,0
Fumo - mandioca - hortaliças	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	7	5,7
Fumo - hortaliças - milho - feijão - amendoim	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,8
Fumo - mandioca - feijão - milho - amendoim	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	1,6
Fumo - mandioca - cítricos - amendoim - milho	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	1,6
Total	18	11	27	14	12	12	12	7	9	122	100	
%	14,8	9,0	22,2	11,5	9,8	9,8	9,8	5,7	7,4	100		

FONTE: Questão VI.8 - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de famílias que informaram cultivar a terra: 122

TABELA L - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO FONTES DE AJUDA À LAVOURA - 1978

Fontes de ajuda à lavoura	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Instituto Baiano de Fumo (I.B.F)	7	-	-	4	-	1	2	-	6	20	16,4
Compradores de fumo	11	-	4	-	1	4	-	-	-	20	16,4
I.B.F e compradores de fumo	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	1,6
Nenhuma	-	11	12	0	1	5	7	7	3	54	44,3
Sem resposta	-	-	11	2	10	-	3	-	-	26	21,3
Total	18	11	27	14	12	12	12	7	9	122	100
%	14,8	9,0	22,2	11,5	9,8	9,8	9,8	5,7	7,4	100	

FONTE: Questão VI.11 e 12 - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de famílias que cultivam a terra: 122

TABELA LI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OS TIPOS DE AJUDA RECEBIDA PARA A LAVOURA - 1978

Tipos de ajuda	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Fornecimento de adubo	9	-	3	-	-	4	2	-	6	24	19,7
Fornecimento de semente	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,8
Fornecimento de adubo e semente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,8
Aconselhamento	4	-	1	-	1	2	-	-	-	8	6,6
Treinamento	-	-	-	4	-	1	-	-	-	5	4,1
Nenhum	-	11	23	9	11	5	7	7	3	76	62,3
Sem resposta	4	-	-	-	-	-	3	-	-	7	5,7
Total	18	11	27	14	12	12	12	7	9	122	100
%	14,8	9,0	22,2	11,5	9,6	9,8	9,8	5,7	7,4	100	

FONTE: Questão VI - Questionário da Comunidade

TABELA LII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A CONDIÇÃO DE POSSE DA HABITAÇÃO - 1978

Condição de posse da habitação	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Própria	76	40	26	2	9	9	11	8	8	189	80,8
Aluguel	14	-	-	1	3	2	1	2	2	25	10,6
Cessão	-	-	6	11	-	3	-	-	-	20	8,6
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VI.6 - Questionário da Comunidade

TABELA LIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O ALUGUEL DA HABITAÇÃO - 1978

Quantia do aluguel em Cr\$	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
50,00 ----- 199,00	7	-	-	-	-	2	1	2	-	12	48,0
200,00 ----- 349,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
350,00 ----- 449,00	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7	28,0
500,00 ----- 649,00	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	4,0
650,00 ----- 799,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
800,00 ----- 949,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
950,00 ----- 1.099,00	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	4,0
1.100,00 ----- 1.249,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.250,00 ----- 1.399,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.400,00 ----- 1.549,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.550,00 ----- 1.699,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.700,00 ----- 1.849,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.850,00 ----- 1.999,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2.000,00 ----- 2.149,00	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	4,0
Sem resposta	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3	12,0
Total	14	-	-	1	3	2	1	2	2	25	100
%	56,0	-	-	4,0	12,0	8,0	4,0	8,0	8,0	100	

FONTE: Questão VI.7 - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagens calculadas sobre o total de famílias que moram em casas alugadas: 25

TABELA LIV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO PROBLEMAS COMUNITÁRIOS CITADOS - 1978

Problemas comunitários	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Água	10	-	-	-	-	-	-	-	-	10	4,3
Discussões	12	-	-	-	-	-	-	-	-	12	5,1
Brigas	-	-	9	-	-	3	-	-	-	12	5,1
Falta de cooperação	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	0,9
Falta de assistência médico-odontológica	-	8	-	-	-	-	-	-	-	8	3,4
Falta de possibilidade de estudo	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9
Falta de condução	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Vários (sem especificar)	18	10	4	-	-	2	4	-	1	39	16,8
Não existe	43	4	14	14	7	9	-	8	9	108	46,0
Sem resposta	7	12	5	-	5	-	8	-	-	37	15,8
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VII.1 - Questionário da Comunidade

TABELA LV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OCORRÊNCIA DE DISCUSSÃO DOS PROBLEMAS COMUNITÁRIOS - 1978

Ocorrência de discussão	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sempre	22	2	-	-	-	3	-	-	3	30	12,8
Algumas vezes	25	27	13	4	-	5	1	2	-	77	32,9
Nunca	29	6	4	10	2	6	-	-	7	64	27,4
Sem resposta	14	5	15	-	10	-	11	8	-	63	26,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VII.2 - Questionário da Comunidade

TABELA LVI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O MODO DE RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS COMUNITÁRIOS - 1978

Modo de resolução dos problemas comunitários	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Por um só morador	6	2	18	13	-	6	-	-	3	48	20,5
Pelo grupo comunitário	25	26	-	1	-	8	1	2	-	63	26,9
Por uma comissão	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Vários (sem especificar)	29	4	5	-	2	-	-	-	7	47	20,1
Sem resposta	30	4	9	-	10	-	11	8	-	72	30,8
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VII.3 - Questionário da Comunidade

TABELA LVII - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DAS INDICAÇÕES DE PESSOAS QUE SE INTERESSAM PELOS PROBLEMAS COMUNITÁRIOS - 1978

Indicações	Localidade									Total	%	
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
Pode ser feita:												
Almir	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7	3,0	
Prefeito	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7	
Júlio	-	-	-	4	-	-	-	-	-	4	1,7	
Maria	-	-	-	-	-	-	-	5	-	5	2,3	
Teobaldo	-	17	-	-	-	-	-	-	-	17	7,2	
Joselito	-	8	-	-	-	-	-	-	-	8	3,4	
Carlito	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0,9	
Rogério	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	
Edgard	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7	
Pedro	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	
Valter	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	
Vivaldo	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	
José	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4	
Sem indicação	-	-	5	-	-	-	-	-	5	10	4,3	
Não pode ser feita	60	3	5	10	5	13	1	5	5	107	45,7	
Sem resposta	19	1	22	-	7	1	11	-	-	61	26,1	
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100	
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100		

FONTE: Questão VII.4 - Questionário da Comunidade

TABELA LVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO AS PRETENSÕES E RAZÕES DE PERMANÊNCIA OU NÃO NO LOCAL ONDE VIVEM - 1978

Permanência no local onde vivem - Pretensões e Razões	Localidade									Total	Z
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim:											
Gosta e tem casa própria	18	2	-	-	-	-	-	-	-	20	
Não tem como sair	11	-	9	4	-	1	-	-	-	25	
Gosta do local	50	30	6	5	8	3	3	-	4	109	
É a terra onde nasceu	-	2	4	-	1	-	-	-	-	7	
Possui terreno próprio	-	-	-	-	-	3	-	2	4	9	
Toda a família mora no local	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
O clima é bom	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
Possui casa própria	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	
Sente-se bem onde vive	7	-	-	1	-	-	5	4	-	17	
Subtotal ₁	86	38	19	12	9	7	8	6	8	-	82,5
Não:											
Não pode educar os filhos	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Falta de recursos	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
Mudança de trabalho	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	
Tem vontade, mas não pode	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	
Dificuldade de transporte	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
Não gosta	3	-	-	-	1	4	-	1	2	11	
Não tem casa própria	-	-	-	-	1	-	3	-	-	4	
Vai para o sul do estado	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Necessita lugar melhor	-	-	5	-	1	-	-	-	-	6	
A casa onde vive é cedida	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	
Há brigas entre vizinhos	-	-	6	-	-	-	-	3	-	9	
Subtotal ₂	4	2	13	2	3	7	4	4	2	-	17,5
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
Z	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,0	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.1 - Questionário da Comunidade

TABELA LIX - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO SATISFAÇÃO OU NÃO PELO TRABALHO QUE REALIZAM E JUSTIFICATIVAS - 1978

Satisfação - Justificativas	Localidade									Total	%	
	A	B	C	D	E	F	G	H	I			
Sim:												
É fácil	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Gosta da lavoura	11	-	-	-	-	-	12	-	-	-	23	
Ganha seu pró- prio dinheiro	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	
Tem vocação	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Sente-se bem	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	
Não tem outro jeito	17	-	5	-	-	1	-	4	3	-	30	
Gosta do que faz	24	29	7	4	-	3	-	-	-	-	67	
Dã resultado	-	4	-	-	-	2	-	-	-	-	6	
Está habituado	-	5	6	6	-	-	-	-	-	-	17	
É divertido e bom	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
É leve	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	
Gosta de tudo que faz	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3	
Tem prática	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	10	
Ganha o susten- to	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	
A terra dá lucro	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Economiza	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Sem razão declarada	10	-	3	-	-	-	-	4	3	-	20	
Subtotal ₁	79	40	25	13	12	6	12	10	6	-	86,7	
Não:												
Trabalha forçado	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	
Não gosta	4	-	2	-	-	-	-	-	-	-	6	
É cansativo	3	-	-	1	-	8	-	-	-	-	12	
Subtotal ₂	7	-	5	1	-	8	-	-	-	-	9,0	
Sem resposta	4	-	2	-	-	-	-	-	4	10	4,3	
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100	
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100		

FONTE: Questão V411.2 - Questionário da Comunidade

TABELA LX - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DOS AFAZERES QUE OS ADULTOS NÃO GOSTAM DE REALIZAR - 1978

Afazeres que não gostam de realizar	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Nenhum	32	18	13	8	7	5	1	9	6	99
Trabalhar na enxada	15	-	13	-	-	5	-	-	-	33
Carregar água	18	-	-	-	-	2	3	-	-	23
Trabalho doméstico	-	8	8	-	-	-	2	-	-	18
Trabalho pesado	-	11	4	-	-	-	2	-	-	17
Trabalho em dia santo	5	4	-	-	3	3	-	-	2	17
Catar lenha	5	-	-	2	3	-	-	3	-	13
Trabalho na lavoura	6	7	-	-	-	-	-	-	-	13
Trabalho com mandioca	-	-	4	2	-	-	-	3	1	10
Trabalho de colheita	1	1	-	-	2	-	4	-	-	8
Sem resposta	11	2	-	6	3	-	2	-	2	26

FONTE: Questão VIII.2 e 8 - Questionário da Comunidade

TABELA LXI - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DOS AFAZERES QUE AS CRIANÇAS NÃO GOSTAM DE REALIZAR, MENCIONADOS PELAS FAMÍLIAS INFORMANTES - 1978

Afares que as crianças não gostam de realizar	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Trabalhar	47	19	16	14	10	3	8	-	2	119
Trabalho doméstico	11	15	13	-	1	-	-	-	-	40
Estudar	18	2	-	-	-	-	-	-	2	22
Trabalho na roça	-	2	-	-	-	6	-	8	-	16
Trabalho pesado	15	-	-	-	-	-	-	-	-	15
Varrer terreiro	2	-	10	-	-	2	-	-	-	14
Catar lenha	-	-	8	-	3	-	-	-	-	11
Ir para a escola	3	-	-	-	1	-	-	3	-	7
Carregar água	-	2	-	-	-	-	-	5	-	7
Fazer compras	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2
Fazer farinha	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Nenhum	2	-	-	-	-	3	-	-	1	6
Sem resposta	1	4	1	-	-	-	-	-	5	11

FONTE: Questão VIII.2 e 8 - Questionário da Comunidade

TABELA LXII - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DAS PROFISSÕES OU OCUPAÇÕES ASPIRADAS PELO CHEFE FAMILIAR - 1978

Profissão ou ocupação aspirada	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Fazendeiro	32	13	2	10	2	6	7	-	6	78	33,4
Comerciante	4	12	8	-	6	2	5	3	1	41	17,5
Funcionário público	11	9	9	1	1	2	-	-	2	35	15,0
Motorista	-	2	5	-	-	-	-	-	-	7	3,0
Engenheiro	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7
Doutor	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	0,9
A mesma que tem	39	2	2	3	1	4	-	1	1	53	22,6
Sem resposta	-	2	4	-	2	-	-	6	-	14	5,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.3 - Questionário da Comunidade

OBS: Porcentagem calculada sobre o total de famílias informantes: 234

TABELA LXIII - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DE PROFISSÕES ASPIRADAS PE
LOS PAIS PARA OS FILHOS - 1978

Profissões aspiradas para os filhos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Médico	25	21	3	3	8	3	9	-	2	74
Professor	13	14	13	-	2	-	5	6	2	55
Motorista	10	5	13	-	-	2	-	3	-	33
Agrônomo	21	6	-	1	-	1	2	-	-	31
Costureira	-	2	11	-	1	-	2	6	-	22
Comerciante	-	6	-	-	2	1	3	-	1	13
Engenheiro	4	6	-	-	-	1	-	-	-	11
Enfermeiro	-	10	-	-	-	1	-	-	-	11
Estudante	9	-	-	2	-	-	-	-	-	11
Dentista	-	8	-	-	-	-	-	-	2	10
Veterinário	8	-	-	1	-	-	-	-	-	9
Pedreiro	-	-	3	-	-	-	-	3	-	6
Advogado	-	5	-	-	-	-	-	-	-	5
Escriturário	-	2	-	-	-	-	-	3	-	5
Mecânico	-	2	-	-	-	3	-	-	-	5
Contador	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4
Bancário	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2
Astronauta	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Fotógrafo	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Soldado	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alfaiate	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cabeleireira	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Jogador	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Telefonista	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Datilógrafo	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
A que escolherem	10	-	6	9	3	3	-	-	-	31
A mesma que têm	5	-	-	-	-	-	-	-	-	5
As melhores	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3
Qualquer uma melhor que a do pai	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2

FONTE: Questão VIII.6 - Questionário da Comunidade

TABELA LXIV - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DAS ATIVIDADES DE LAZER DOS ADULTOS - 1978

Atividades de lazer dos adultos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Descansar	32	7	8	7	-	11	-	-	3	68
Conversar	44	6	5	3	4	1	-	2	1	66
Dormir	12	10	6	-	9	3	8	3	1	52
Passear	24	19	2	-	-	1	-	-	4	50
Jogar bola	15	6	4	2	-	-	2	5	-	34
Assistir à TV	29	4	-	-	-	-	-	-	-	33
Jogar cartas	15	-	-	-	-	-	-	-	-	15
Costurar	-	-	-	3	-	-	-	4	-	7
Ouvir rádio	-	-	-	5	2	-	-	-	-	7
Fazer visitas	-	-	-	-	-	-	6	-	-	6
Ler a Bíblia	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Assistir à missa	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Estudar	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4
Arrumar casa	-	-	-	-	2	-	-	-	1	3
Ouvir música	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2
Ir a festas	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2
Ler	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Escrever	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Amar	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Brincar com os filhos	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Várias	-	-	3	-	2	-	-	-	2	7
Não tem hora livre	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4
Sem resposta	-	-	4	-	-	2	-	1	-	7

FONTE: Questão VIII.7 - Questionário da Comunidade

TABELA LXV - DISTRIBUIÇÃO, POR LOCALIDADE, DAS ATIVIDADES DE LAZER DAS CRIANÇAS, MENCIONADAS PELAS FAMÍLIAS - 1978

Atividades de lazer das crianças	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Brincar	53	25	20	15	10	14	12	10	9	168
Jogar bola	10	4	11	2	5	3	5	-	-	40
Passear	10	12	-	-	-	-	5	2	-	29
Assistir à TV	8	4	-	5	-	2	-	-	-	19
Dormir	8	6	-	-	-	-	-	-	-	14
Caçar passarinho	-	-	5	-	3	-	-	2	-	10
Ler	-	-	1	-	-	-	2	-	-	3
Sem resposta	4	-	-	-	2	-	-	-	1	7

FONTE: Questão VIII.7 - Questionário da Comunidade

TABELA LXVI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO OS PROGRAMAS DE RÁDIO PREFERIDOS - 1978

Programas radiofônicos preferidos	Localidade									Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
Musicais	35	23	11	12	-	4	10	-	1	96
Esportivos	30	4	5	4	-	4	3	-	-	50
Noticiários gerais	15	6	-	3	8	4	9	-	-	45
Noticiários policiais	8	17	5	-	7	-	3	-	-	40
Novelas	14	2	4	-	3	1	8	2	-	34
Religiosos	4	-	9	-	1	1	-	-	-	15
Horóscopo	6	2	5	-	-	-	-	-	-	13
Românticos	-	4	5	-	-	-	-	-	-	9
Sem preferência	-	-	-	-	-	8	-	6	9	23
Não possuem aparelho	-	2	18	1	-	1	-	2	-	24

FONTE: Questão VIII.9 - Questionário da Comunidade

TABELA LXVII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A ASSISTÊNCIA À TELEVISÃO - 1978

Assistência à televisão	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim:											
Na própria casa	47	13	-	1	2	2	1	-	-	66	28,2
Na casa do vizinho	32	27	-	9	-	5	6	2	-	81	34,7
Não:											
Não gosta	11	-	-	2	-	-	-	-	3	16	6,8
Não tem	-	-	32	1	10	7	5	6	6	67	28,6
Sem resposta	-	-	-	1	-	-	-	2	1	4	1,7
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.11 - Questionário da Comunidade

TABELA LXVIII - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO O HÁBITO DE LEITURA E TIPO REALIZADO - 1978

Hábito e tipo de leitura	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim:											
Jornal	18	6	-	-	1	-	2	-	3	30	
Revista	22	4	-	-	1	2	4	-	3	36	
Revista em quadrinhos	10	-	-	2	-	1	1	-	-	14	
Revista religiosa	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	
Livro de história	4	2	5	-	-	-	-	-	2	13	
Livro religioso	4	-	2	-	1	-	-	-	-	7	
Subtotal ₁	58	16	7	2	3	3	7	-	8	44,5	
Não:											
Não sabe ler	5	-	9	5	5	3	-	-	-	27	
Não pode comprar	4	4	9	3	-	6	2	-	-	28	
Não tem tempo	10	12	1	4	2	2	3	-	-	34	
Não gosta	6	5	4	-	2	-	-	-	-	17	
Sem justificar	-	-	-	-	-	-	-	8	2	10	
Subtotal ₂	25	21	23	12	9	11	5	8	2	49,6	
Sem resposta	7	3	2	-	-	-	-	2	-	14	5,9
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.10 - Questionário da Comunidade

TABELA LXIX - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR LOCALIDADE, SEGUNDO A PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES DE DIVERSAS NATUREZAS OU NÃO PARTICIPAÇÃO, COM JUSTIFICATIVAS - 1978

Participação em reunião	Localidade									Total	%
	A	B	C	D	E	F	G	H	I		
Sim:											
Trabalhista	18	12	-	-	-	2	-	2	1	35	
Escolar	8	4	7	-	-	5	3	-	-	27	
FUNRURAL	-	-	9	-	7	2	2	-	-	20	
Religiosa	10	4	3	-	-	-	2	-	-	19	
Agrícola	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	
Festiva	-	4	-	-	-	-	-	-	-	4	
Espírita	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
Várias	-	5	-	4	-	-	1	-	5	15	
Subtotal ₁	43	29	19	4	7	9	8	2	6		54,3
Não:											
Não gosta	11	2	4	4	-	2	-	-	2	25	
Falta de oportunidade	-	2	5	-	-	1	2	6	-	16	
Falta de tempo	4	2	2	4	-	2	-	-	-	14	
Falta de costume	7	2	2	-	-	-	-	-	-	11	
Não existe	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	
Falta de convite	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Sem justificativa	14	-	-	2	3	-	-	-	2	21	
Subtotal ₂	40	8	13	10	3	5	3	6	4		39,3
Sem resposta	7	3	-	-	2	-	1	2	-	15	6,4
Total	90	40	32	14	12	14	12	10	10	234	100
%	38,5	17,2	13,7	5,9	5,1	5,9	5,1	4,3	4,3	100	

FONTE: Questão VIII.12 - Questionário da Comunidade

PLANO DA 1ª UNIDADE - 1ª SÉRIE

1ª série de 1ª grau Duração 01/03 a 06/05

Objetivos específicos	Sugestões de atividades	Sugestões de atividades integradas
<p>Reconhecer :</p> <p>1- que os seres vivos vivem em grupos e mantêm relações entre si.</p> <p>2- que há necessidade e normas para conviver entre os seres vivos.</p> <p>Demonstrar atitudes de interesse pelo seu bem estar e do próximo.</p>	<p>Conversa informal para apresentação de nomes dos colegas e professores.</p> <p>Pichas com os nomes dos alunos.</p> <p>Conversa sobre as pessoas responsáveis pela vida da Escola.</p> <p>Comentário sobre as pessoas que ajudam a família e a Escola.</p> <p>Conservação da sala de aula.</p>	<p>Comunicação e Expressão</p> <p>a) Exercícios variados para desenvolver a coordenação motora, visual, discriminação auditiva: (sons de objetos, sons de animais e sons de palavras)</p> <p>b) Narração de histórias infantis com interpretação.</p> <p>c) Brinquedos dramatizados.</p> <p>d) Memorização de pequenos poemas e coro falado.</p> <p>e) Fixação de vocabulário visual básico de leitura.</p> <p>f) Leitura incidental.</p> <p>g) Leituras pequenas com interpretação.</p> <p>Ciências Físicas e Biológicas</p> <p>a) Conversa sobre animais que vivem junto ao homem; como eles se locomovem, alimentam e se reproduzem.</p> <p>b) Organização de álbum, murais, barras sobre animais observados.</p> <p>c) Conversa sobre a importância do vegetal na nossa vida.</p> <p>d) Experimentação simples para verificar como os vegetais nascem e como se reproduzem.</p> <p>Matemática</p> <p>a) Vocabulário matemático: grande, pequeno, maior, menor, igual, diferente, alto, baixo, largo, estreito, curto, comprido, grosso, fino, à frente, atrás, direita, esquerda, em cima, em baixo, ao meio, antes, depois, etc.</p> <p>b) Contagem mecânica através de pequenos contos, jogos, etc</p> <p>c) Contagem concreta.</p> <p>d) Conjunto: identificação de conjuntos, comparação de conjuntos, correspondência.</p> <p>e) leitura e escrita de numeral até 20 com material concreto.</p> <p>f) Pequenos probleminhas orais com material (adição e subtração)</p> <p>Educação Física e Artística</p> <p>Jogos, cantos, festinhas, modelagem, recorte, etc</p>

PLANO DA 2ª UNIDADE - 1ª SÉRIE

Duração.....

Objetivos específicos	Sugestões de atividades	Sugestões de atividades integradas
<p>Identificar:</p> <p>1- o espaço físico e os movimentos possíveis dentro desse espaço.</p> <p>2- os aspectos físicos característicos do caminho de casa e da Escola, vizinhança feira.</p> <p>Formação de hábitos e atitudes.</p>	<p>Observação dirigida dos principais movimentos possíveis no espaço físico.</p> <p>Registro dos movimentos observados através de gráficos e desenhos espontâneos.</p> <p>Observação dirigida dos principais aspectos físicos durante o trajeto de casa para a Escola.</p> <p>Registro espontâneo dos aspectos físicos observados.</p>	<p>Comunicação e Expressão</p> <p>a) Exercícios para coordenação motora, discriminação auditiva e visual.</p> <p>b) Fixação e aplicação do vocabulário visual básico de leitura.</p> <p>c) Narração de estórias infantis.</p> <p>d) Brinquedos dramatizados e espontâneos</p> <p>e) Memorização de quadrinhas.</p> <p>f) Escrita de palavras da cartilha, observando os movimentos e traçados das letras.</p> <p>g) Relatos, pelas crianças, de principais acontecimentos de sua vida: um passeio, um brinquedo que mais gosta, um animalzinho de estimação, etc.</p> <p>Educação Física e Artística</p> <p>Jogos, brinquedos espontâneos, canto, festinhas juninas, recortes, desenhos, modelagem, colagem.</p> <p>Iniciações às Ciências</p> <p>Matemática</p> <p>a) Fixação do vocabulário matemático.</p> <p>b) Conjuntos.</p> <p>c) Leitura e escrita de numerais usando o material concreto.</p> <p>d) Probleminhas orais usando o material concreto.</p>

PLANO DA 3ª UNIDADE - 1ª SÉRIE

DURAÇÃO 02 / 03 a 04 / 10

Objetivos específicos	Sugestões de atividades	Sugestões de atividades integradas
Identificar os meios de transportes usados na comunidade.	Conversas informais sobre meios de transportes.	Comunicação e Expressão a) Exercícios para coordenação motora, visual, discriminação auditiva.
Formar bons hábitos e atitudes.	Organizar mural sobre meios de transportes. Uso de sinais de trânsito. Conversas informais sobre bons hábitos. Conversas informais sobre as comemorações que surgiram durante a unidade.	b) Leitura no livro básico, com interpretação. c) Narração de estórias pelo professor e representação. d) Dramatização, memorização de quadrinhas. e) Exercícios escritos observando forma da letra, espaçamento entre letras e palavras, margens e posição dos títulos. Uso de sentenças simples completas para emprego dos sinais de pontuação e flexão nominal e verbal.
		Educação Artística Brinquedos, jogos, cantos, recortes, desenhos, colagens.
		Matemática a) Leitura e escrita de numerais. b) Fatos fundamentais da adição e subtração. c) Problemanhas envolvendo os fatos fundamentais estudados. Continhas de adição e subtração, somente com unidades e dezenas. Numerais ordinais até 10. d) Constatar a idéia de metade e quarto.
		Ciências Físicas e Biológicas a) Importância da água e do ar para os seres vivos. b) Identificar o sol como fonte de luz e calor e comprovar a sua importância para a vida. c) Observação do céu durante o dia e a noite. d) Conversas sobre atividades que se realiza durante o dia e a noite.

Objetivos específicos	Sugestões de atividades	Sugestões de atividades integradas
Identificar as pessoas que ajudam à família e a Escola.	Conversas informais sobre as pessoas que ajudam à família e a Escola.	<p style="text-align: center;">Comunicação e Expressão</p> <p>a) Exercício para desenvolver a coordenação motora, visual e auditiva.</p> <p>b) Leitura no livro básico com interpretação</p> <p>c) Leitura no quadro de giz.</p> <p>d) Estórias contadas pelo professor e reproduzidas pelos alunos.</p> <p>e) Apresentar gravuras para formar frases.</p> <p>f) Criar estórias através de gravuras.</p> <p>g) Mandar as crianças fazer um desenho e contar uma estória sobre a mesma.</p> <p>h) Exercício escrito, observando a maneira correta: forma da letra, espaçamento entre letra e palavra, margens, posição do título.</p> <p>i) Formar palavras com sílabas dadas.</p> <p>j) Completar palavras com as sílabas dadas.</p> <p>l) Ordenar orações.</p> <p>m) Sinais de pontuação e acentuação.</p> <p>n) Sinônimos e Antônimos.</p> <p>o) Uso de sentenças para flexionar palavras.</p> <p>p) Uso de sentenças para estudo de palavras que indicam ação.</p>
Identificar os tipos de profissões.	Desenho das pessoas que compõem a família.	
Identificar a Bandeira da Comunidade do Brasil.	Brinquedos dramatizados envolvendo membros da família.	
Formar hábitos e atitudes.	Conversas sobre as diferentes profissões.	
	Organização de um mural com ilustrações de diferentes profissões executando suas tarefas.	
	Observação dirigida da Bandeira da Comunidade e do Brasil	
	Palestra sobre bons hábitos e atitudes.	
		<p style="text-align: center;">Educação Física e Artística</p> <p>Jogos, recortes, modelagem, colagem, desenhos brinquedos.</p>

COMUNICAÇÃO I - FUNDAMENTOS
ALFABETIZAÇÃO

ATIVIDADE	HABILIDADES	CONTEÚDO
ROTINA : Chamada Observação do tempo Atualização do calendário	Observar	Reconhecimento do próprio nome Condições do tempo Palavras do vocabulário básico
Expressão artística	Observar Recortar Colar Desenhar Pintar	Forma Utilização do espaço
Conversa Visualização da grafia de palavras do vocabulário básico e de novas palavras	Observar Ler Reproduzir palavras através de desenhos	Vocabulário básico Ampliação do vocabulário
Estória dos amiguinhos Estudo das vogais	Observar Discriminar Ler Escrever	Vogais maiúsculas e minúsculas
Recreio orientado	Observar Movimentar as diversas partes anatómicas livremente e/ou de acordo com padrões estabelecidos	Diversificado
Jogos Tabuleiro de areia Exercícios de sons vocais e não vocais	Ler Escrever Reproduzir	Vogais Sons
Estudo das cores Pesquisa e coleta de objetos de acordo com cada cor estudada	Observar Identificar Classificar	Cores primárias e secundárias
Dramatização	Observar Interpretar ações	Vocabulário básico: verbos (ações)

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Leitura de contexto	Observar Ler Interpretar	Noção de frase (pensamento completo)
Estudo das consoantes	Observar Ler Escrever	Consoantes
Composição de frases	Observar Identificar Ler Interpretar	Pontuação (ponto final) Ligações (conjunção, preposição e verbo) Artigos
Estudo de textos	Observar Identificar Ler Interpretar	Vocabulário
Estudo dos fonemas	Observar Identificar	Fonemas
Histórias ilustrativas: ortografia de palavras	Observar Identificar Analisar	Ortografia de palavras
Jogos com palavras	Observar Analisar Sintetizar	Análise estrutural e comparativa de palavras Composição de palavras
Pesquisa de palavras	Observar Identificar Selecionar	Palavras contendo dificuldades ortográficas: ce-ci-ão- rr-ss- ch-lh-nh-ge-gi
Auto - ditado	Selecionar Escrever	Palavras do vocabulário estudado
Escrita de frases interrogativas	Organizar Escrever Ler Interpretar	Frases Pontuação (interrogação)

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Jogos : utilização de material concreto	Observar Identificar Classificar Reproduzir graficamente	Relação de equivalência : - classes de equivalência - representação gráfica
- em sala de aula	Observar Identificar Reproduzir	Seqüência : regras (leis)
- em área externa	Observar Identificar Analisar Comparar Reproduzir graficamente	Posição relativa de figuras : à direita, à esquerda, antes, depois, entre, acima, abaixo em frente, atrás
Manipulação de material concreto Exercícios gráficos	Observar Identificar Analisar Comparar Conceituar Aplicar Adicionar Representar simbolicamente Ler Escrever	Número : - correspondência biunívoca - conceito - numeral (0 a 9) - ordenação crescente e decrescente - seqüência Adição

CIÊNCIAS

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Identificar	Cor Forma Tamanho
Jogo : manipulação de material concreto	Observar Identificar Discriminação: tátil, olfativa e auditiva	Forma Odeor Som
Jogo	Observar Identificar	Crítérios : direita e esquerda
Manipulação de material concreto	Reproduzir	Forma Cor
Jogo	Observar Localizar Orientar-se	Orientação : o sol como referencial
Jogo	Discriminar	Orientação : fonte sonora como referencial
Manipulação de material concreto	Observar Modelar Comparar Classificar	Forma Tamanho
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Comparar Analisar	Permeabilidade do solo

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Analisar Registrar operacionalmente	Plantas e o meio em que vivem
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Analisar	Volume
Manipulação de material concreto	Observar Manipular Compor	Forma
Manipulação de material concreto	Observar Classificar	Rechas : variedades de acordo com a cor e brilho
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Identificar	Tensão pela água
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observar Coletar dados Registrar operacionalmente	Desenvolvimento do feijoeiro
Pesquisa Relato da pesquisa	Coletar dados Analisar Ordenar	Agricultura : plantio, cuidados e colheita
História Exercício de aplicação	Identificar Analisar	Alimentação, higiene e saúde
Manipulação de material concreto (experimentação)	Observação Analisar	Existência do ar
OPCIONAIS : Construção de jardim e de horta	Planejar Construir	Construção de jardim com plantas regionais

ESTUDOS SOCIAIS

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Jogo	Planejar Comunicar Analisar Classificar Movimentar as diversas partes anatómicas livremente e/ou de acordo com padrões estabelecidos	Normas e critérios sociais
Exercício oral	Identificar Classificar Estabelecer relações	Auto-conhecimento
Conversa	Identificar Relacionar	Profissões - Instrumentos Eventos cotidianos
Manipulação de material concreto	Cortar Montar Pintar	Lazer
Situação problema	Identificar Estabelecer relações Analisar	Problemas do cotidiano
História	Relacionar Comunicar	Eventos
Conversa	Identificar Relacionar Analisar Comunicar	Direitos e deveres
Conversa	Identificar Relacionar	Grupo familiar

ATIVIDADE	HABILIDADE	CONTEÚDO
Desenho - Colagem	Identificar Recortar Colar Montar	Grau de parentesco : composição do grupo familiar
Confeção de mural	Identificar Selecionar Compor	Grupo familiar
Dramatização	Identificar Conceituar Representar	Grupo familiar : funções dos elementos Atividades domésticas
Conversa	Identificar Relacionar	Atividades e utensílios domésticos
Desenho	Identificar Desenhar	Moradas
Conversa	Identificar Relacionar	Tipos de casas
Dramatização	Observar Identificar Representar	Atividades agrícolas
COMEMORATIVAS	Identificar Planejar Representar	Datas cívicas Eventos sociais

TABELA DE ACOMPANHAMENTO DAS TAREFAS DE CASA E FREQUÊNCIA DIÁRIA MÊS

ANEXO 58

Nº de Ordem	Dias do mês		OBSERVAÇÕES
	Nome do aluno		
01			
02			
03			
04			
05			
06			
07			
08			
09			
10			
11			Legenda:
12			+ fez a tarefa
13			- não fez a tarefa
14			F faltou
15			
16			
	TOTAL		

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROPED - PROTAP

PROJETO
DE
EDUCAÇÃO RURAL

1ª SÉRIE

MANUAL DO PROFESSOR

SALVADOR — 1979

**PROFESSORES DAS CLASSES EXPERIMENTAIS DE 1ª
SÉRIE NO ANO LETIVO DE 1978.**

Carmelita Caldas Velame
Escola Rural de Embira
EMBIRA

Maria Aelúia Marinho de Souza
Escola Augusto E. da Silveira
SAPUCAIA

Maria Silvanira Pereira
Escola Maria Quitéria
ALTO DO POMBAL

Renilda Almeida Santos
Escola Rural dos Poções
POÇÕES

Valdelice Santos Barros
Escola Santa Bernagete
ITAPICURU

**Serviços gráficos da fase experimental do currículo (PRE-PRINT)
— equipe de funcionários do PROTAP constituída de:**

Carolina Bernadete Farias de Oliveira
Gildete Jerônimo dos Santos
Janira Costa de Souza
Isacc Purificação
Jacira Borges Costa
Sebastião Carneiro de Assis

Índice

7 - Apresentação
9 - Introdução
11 - I - Filosofia
13 - II - Papel do professor
15 - III - Especificações dos componentes
24 - Avaliação
25 - Manual do Professor

27 - 1º Dia	144 - 26º Dia
31 - 2º Dia	150 - 27º Dia
35 - 3º Dia	156 - 28º Dia
39 - 4º Dia	162 - 29º Dia
41 - 5º Dia	167 - 30º Dia
45 - 6º Dia	171 - 31º Dia
50 - 7º Dia	176 - 32º Dia
57 - 8º Dia	182 - 33º Dia
61 - 9º Dia	187 - 34º Dia
64 - 10º Dia	191 - 35º Dia
69 - 11º Dia	196 - 36º Dia
74 - 12º Dia	200 - 37º Dia
79 - 13º Dia	207 - 38º Dia
83 - 14º Dia	212 - 39º Dia
87 - 15º Dia	218 - 40º Dia
92 - 16º Dia	224 - 41º Dia
97 - 17º Dia	230 - 42º Dia
102 - 18º Dia	235 - 43º Dia
107 - 19º Dia	240 - 44º Dia
112 - 20º Dia	246 - 45º Dia
118 - 21º Dia	252 - 46º Dia
123 - 22º Dia	257 - 47º Dia
128 - 23º Dia	263 - 48º Dia
134 - 24º Dia	268 - 49º Dia
140 - 25º Dia	273 - 50º Dia

APRESENTAÇÃO

O presente grupo de publicações representa o primeiro dos três que a Universidade Federal da Bahia divulgará. O objetivo de todos é ajudar a melhor adequação e a maior produtividade do ensino do 1º grau nas regiões rurais do nosso Estado.

Ao tempo em que este trabalho é importante contribuição para a melhoria das condições prevalentes nas comunidades rurais o é também como trabalho de pesquisa, uma vez que procurou estabelecer currículos e métodos para o ensino no meio rural, a partir de pesquisa de campo, realizada com respeito estrito aos métodos científico-pedagógicos, contrastando assim com o habitual que é a formulação aleatória dos currículos, visto que derivados de adaptações da experiência adquirida nos centros urbanos mais populosos.

Esta pesquisa está sendo conduzida há alguns anos por Professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia reunidos no PROTAP. Foi, no entanto, estimulada e financiada pelo "Programa de Pesquisa e Educação para o Desenvolvimento — PROPED", estabelecido na UFBA para executar o convênio Universidade Federal da Bahia/Fundação Rockefeller.

Esperamos que estas e as futuras publicações da UFBA sobre educação no meio rural atinjam o objetivo social desejado.

Augusto da Silveira Mascarenhas
Reitor

INTRODUÇÃO

Com esta publicação, a Universidade Federal da Bahia, inicia em momento oportuno a sua atuação na área de Educação Rural, contando para tanto com os esforços integrados de seus programas de pesquisa e extensão, viabilizados através do Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores de Ciências Experimentais e Matemática — PROTAP.

A presente publicação é a primeira parte de uma série de publicações integradas no Projeto de Educação Rural, objetivando a elaboração e implementação de um Currículo destinado a zona rural, baseado no centro de interesse da comunidade e da criança.

Como materiais complementares a este Manual do Professor temos os materiais a serem utilizados pelos alunos a saber: Caderno de Exercícios de Classe, Caderno de Exercícios de Casa e Bloquinho de Leitura.

Esperamos que este material seja um instrumento valioso para o trabalho de professores e alunos, pois foi pensado e elaborado com este objetivo.

Identificar a expressão "Eu sou".

MATERIAL:

Cartão da palavra **carro**

LOCAL: Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. As crianças e o professor deverão sentar-se em semi-círculo e proceder como nos dias anteriores, a realização da janela do tempo, calendário e a chamada, apresentando a expressão "Eu sou".

Para enriquecer esta atividade, aparece a ficha com o nome da criança ex: Maria sendo colocada no quadro de chamada.

2. Em seguida, o professor deverá conversar com as crianças sobre as brincadeiras e passeios realizados durante o fim de semana.

3. Após a conversa, o professor mostrará às crianças o cartão com a ilustração (figura) da palavra **carro** e perguntará o que estão vendo.

Depois das respostas das crianças, o professor deverá desdobrar a prega existente na parte inferior do cartão onde está escrita a palavra **carro**.

Repetir e mostrar a todos, lendo e apontando com o indicador, da esquerda para a direita da palavra escrita.

Em seguida, o professor pedirá às crianças que repitam com ela a palavra **carro**.

4. O professor conversará com as crianças sobre o carro, o que tem no carro, se elas já andaram de carro, se todos os carros são iguais etc.

5. Uma criança solicitada pelo professor desenhará a figura de **carro** que será colocada no apoio da sala.

ATIVIDADE 2

NOME: DESENHO — LEITURA

OBJETIVO:

Relacionar o objeto com a sua representação escrita.

MATERIAL:

Folhas de papel jornal

Lápis cera colorido

Folha de bloquinho — Eu sou.

LOCAL: Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. Dividir as crianças em dois grupos: A e B.

2. As crianças do grupo A receberão papel jornal e lápis cera colorido, para que desenhem livremente.

3. As crianças do grupo B receberão a folha do Bloquinho com a expressão **Eu sou** para que elas desenhem um menino ou menina.

4. Após entregar este material, o professor deverá explicar ao grupo o que fazer: "você deverão desenhar o seu retrato; se você é menina desenhará uma menina e se for menino desenhará um menino."

5. Este material servirá para leitura diária de cada palavra estudada e esta atividade será repetida, tendo o professor o cuidado de colocar uma capa de cartolina ou papelão, escrito na parte da frente o nome de cada criança.

6. A proporção que as crianças forem terminando o desenho, farão a leitura individual e o professor deverá ajudá-las a colocar o desenho no "Bloquinho". Nos dias seguintes, as crianças executarão essa tarefa sozinhas.

7. Finalmente, as crianças do grupo A passarão a trabalhar com a expressão, "Eu sou" e as crianças do grupo B desenharão livremente.

8. Como tarefa para casa as crianças deverão realizar o Exercício nº 1 de seu Caderno de Exercícios de Casa ou seja, deverão ilustrar as palavras estudadas.

ATIVIDADE 3

RECREIO ORIENTADO

Desenhar ou riscar no chão o  e pedir às crianças que andem por cima.

ATIVIDADE 4

NOME:

CASA BOLA

OBJETIVO:

Identificar figuras do mesmo tamanho.

MATERIAL:

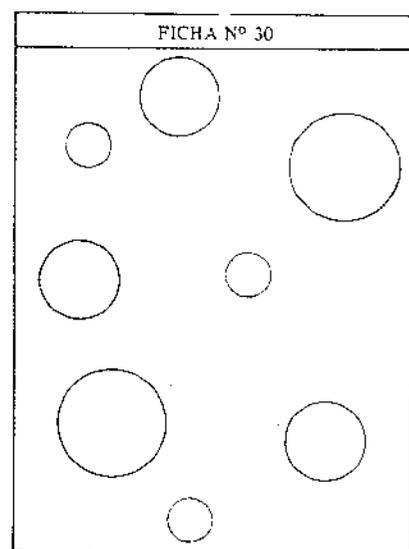
Ficha nº 30

Lápis cêra - 3 cores diferentes.

LOCAL: Sala de aula.

PROCEDIMENTO:

1 - O professor localizará no Caderno de Exercício de Classe a Ficha nº 30, com as crianças.



2 - Pedir às crianças que observem bem as figuras (bolas) e perguntar se todas tem o mesmo tamanho.

3 - Em seguida pedirá às crianças que liguem com lápis comum as figuras que têm o mesmo tamanho.

4 - O professor irá verificar um por um dos trabalhos das crianças. Caso alguma criança não tenha acertado o professor ajudará fazendo perguntas e pedindo que a refaça o traçado.

5 - Finalmente pedirá às crianças que pintem as figuras do mesmo tamanho com a mesma cor. Por exemplo as bolas grandes de azul, as médias de vermelho e as pequenas de verde.

ATIVIDADE 5

NOME: JOGO DA DIREITA - ESQUERDA

OBJETIVO:

Identificar critérios simples de posição: esquerda, direita.

LOCAL: Sala de aula ou área externa

PROCEDIMENTO:

1. O professor deverá arrumar as crianças em duas filas e se colocar de costas para elas, de modo que todas possam vê-lo.

2. Uma vez que todos, professor e crianças estejam em suas posições, o professor deverá levantar a mão esquerda e, ao tempo em que mostra a mão deverá dizer: "esta é minha mão esquerda." Depois procederá do mesmo modo com relação à mão direita.

3. Em seguida o professor, de frente para as crianças, deverá dar as seguintes ordens, uma de cada vez, tendo o cuidado de aguardar o tempo necessário para que todas as crianças possam cumpri-las corretamente:

- suspendam a mão esquerda (aguardar)
- abaixem a mão esquerda (aguardar)
- suspendam a mão direita (aguardar)
- abaixem a mão direita (aguardar).

4. Repetir a atividade duas a três vezes.
5. Em seguida o professor deverá pedir que cada uma das filas já prontas fiquem uma à sua esquerda e outra à sua direita.
6. Quando as duas filas estiverem prontas e colocadas em suas posições o professor deverá pedir que uma criança saia de uma das filas e fique ao **lado da fila que saiu**.
7. Obedecida a ordem, a professora perguntará às crianças daquela fila:
- (nome da criança) está à direita ou à esquerda de vocês?
8. O professor poderá variar a posição, colocando a criança num lado e no outro das filas.
9. Depois, o professor deverá colocar a criança **entre** as duas filas e perguntar a cada uma das filas:
- (nome da criança) está à esquerda ou à direita de vocês?

24º DIA

ATIVIDADE 1

NOME: RODINHA — CHAMADA — JANELA DO TEMPO —
CALENDÁRIO

OBJETIVOS:

Reconhecer as palavras: **prato - milho - fogueira**
Identificar a palavra **azul**
Reconhecer a palavra **vermelho**
Identificar palavras com sons iniciais **p - m**
Ler contexto.

MATERIAL:

Cartões das palavras **prato - milho - fogueira**
Ficha da palavra **azul**
Ficha da palavra **vermelho**
Cartões do **p - m**

Contexto no quadro de pregas (figuras, artigo, ponto)

LOCAL: Sala de aula.

PROCEDIMENTO:

1 - Fazer a rodinha, usar as expressões "Eu sou" ou "Bom-dia" colocadas numa vareta.

As crianças se identificarão através de uma ficha que será colocada no quadro de pregas (chamada).

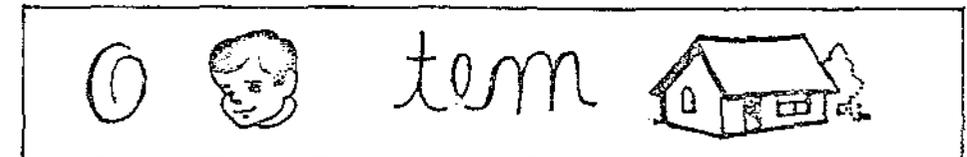
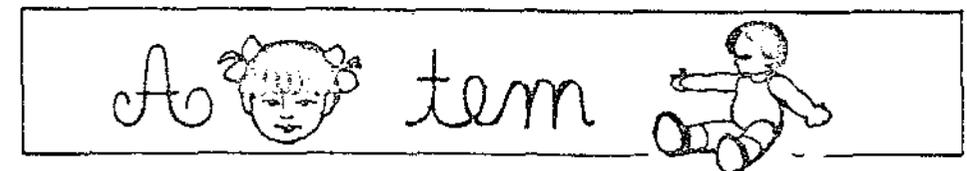
Depois, será feita a observação do tempo e por último o calendário.

2 - O professor apresentará os cartões das palavras: **prato - milho - fogueira**, para leitura sem o apoio das figuras.

3 - Depois, apresentará as fichas das palavras **azul e vermelho** incentivando a classe para que tragam objetos e coloquem no "cantinho vermelho".

4 - Lembrar com toda a classe, palavras começadas com o **p** e **m**, procurar lembrar nomes das crianças na sala que começam com estes sons.

5 - Arrumar um contexto no quadro de pregas e fazer a leitura coletiva, depois individual, com umas quatro a cinco crianças.



Não esquecer que somente estarão em evidência, o artigo, o verbo e o ponto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROPED - PROTAP

PROJETO
DE
EDUCAÇÃO RURAL

1ª SÉRIE

MANUAL DO PROFESSOR

SALVADOR — 1979

INDICE

7 - Apresentação
9 - Introdução

13 - 51º Dia	157 - 81º Dia
17 - 52º Dia	161 - 82º Dia
23 - 53º Dia	166 - 83º Dia
28 - 54º Dia	171 - 84º Dia
34 - 55º Dia	176 - 85º Dia
38 - 56º Dia	181 - 86º Dia
43 - 57º Dia	185 - 87º Dia
47 - 58º Dia	191 - 88º Dia
51 - 59º Dia	195 - 89º Dia
56 - 60º Dia	200 - 90º Dia
60 - 61º Dia	204 - 91º Dia
65 - 62º Dia	208 - 92º Dia
69 - 63º Dia	213 - 93º Dia
73 - 64º Dia	217 - 94º Dia
78 - 65º Dia	222 - 95º Dia
82 - 66º Dia	225 - 96º Dia
88 - 67º Dia	230 - 97º Dia
93 - 68º Dia	235 - 98º Dia
99 - 69º Dia	238 - 99º Dia
103 - 70º Dia	243 - 100º Dia
108 - 71º Dia	247 - 101º Dia
113 - 72º Dia	251 - 102º Dia
117 - 73º Dia	256 - 103º Dia
122 - 74º Dia	259 - 104º Dia
126 - 75º Dia	264 - 105º Dia
131 - 76º Dia	269 - 106º Dia
137 - 77º Dia	271 - 107º Dia
142 - 78º Dia	275 - 108º Dia
147 - 79º Dia	278 - 109º Dia
152 - 80º Dia	281 - 110º Dia

284 - 111º Dia
288 - 112º Dia
293 - 113º Dia
296 - 114º Dia
301 - 115º Dia
304 - 116º Dia
307 - 117º Dia
311 - 118º Dia
314 - 119º Dia
319 - 120º Dia
323 - 121º Dia
326 - 122º Dia
330 - 123º Dia
334 - 124º Dia
338 - 125º Dia

342 - 126º Dia
345 - 127º Dia
349 - 128º Dia
352 - 129º Dia
357 - 130º Dia
360 - 131º Dia
362 - 132º Dia
367 - 133º Dia
370 - 134º Dia
375 - 135º Dia
378 - 136º Dia
381 - 137º Dia
384 - 138º Dia
387 - 139º Dia
391 - 140º Dia

394 - Atividades Opcionais

398 - Atividades Comemorativas

401 - Como Confeccionar o material

84º DIA

ATIVIDADE 1

NOME: RODINHA — CHAMADA

Janela do tempo

Calendário

OBJETIVOS:

Identificar as palavras: **carroça - burro - serrote**

Analisar estruturalmente as palavras: **televisão - tomate - terreiro**

Analisar comparativamente as palavras: **papai - panela - prato**

Ler o alfabeto

Representar a palavra **dá** através de ação

MATERIAL:

Cartões das palavras: **carroça - burro - serrote**

Cartões com as figuras de: **televisão - tomate - terreiro**

Cineminha das palavras: **televisão - tomate - terreiro**

Cartão do ↗

Cartões com as figuras de: **papai - panela - prato**

Giz branco e vermelho

Quadro de giz

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. O professor procederá como nos dias anteriores, diversificando as técnicas, a chamada, observação do tempo e o calendário.
2. Reapresentar, para fixação, as palavras: **carroça - burro - serrote** sem o apoio das figuras.
3. Depois, o professor fará a análise estrutural das palavras **televisão - tomate e terreiro**, usando a preguicinha, escrita no quadro de giz e o cineminha para analisar cada uma das palavras.
4. Em seguida, o professor deverá realizar a análise comparativa ou caçada escrita das palavras **papai - panela e prato**, uma de cada vez, obedecendo os seguintes passos :
 - apresentar o cartão do ↗ preso numa vareta ou escrever em

vermelho, no alto e à esquerda do quadro de giz:

- apresentar a gravura da palavra em estudo;
- escrever a palavra no quadro de giz;
- fazer a leitura, delongando o som inicial;
- solicitar uma criança para caçar o som inicial da palavra escrita ou seja, escrever a mesma letra logo abaixo do som inicial enquanto escreve.

Exemplos: panela - prato

p p

5. Depois, o professor deverá escrever no quadro de giz o alfabeto para que seja lido por toda a classe.

6. Finalmente, o professor deverá criar situações durante as quais as crianças realizem a ação **dá**.

Sugestões:

Maria dá o lápis a José

Antonio dá a borracha a Vitor

João dá o giz a Raimunda, etc.

ATIVIDADE 2

NOME:

LEITURA

RECORTE E COLAGEM

ESCRITA

OBJETIVOS:

Identificar a grafia de palavras apresentadas.

Escrever todas as letras estudadas

Recortar e colar letras

MATERIAL:

Jogos de leitura - trilha e dominó

Quadro de giz e giz

Revistas usadas

Goma ou cola

Papel em branco

LOCAL:

Sala de aula

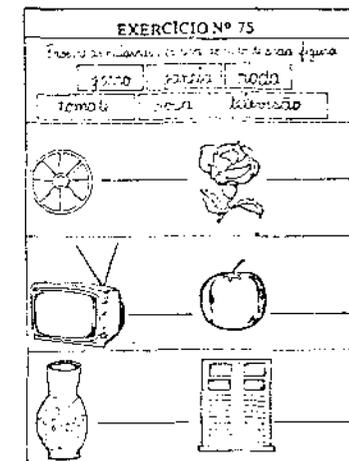
PROCEDIMENTO:

1. Dividir as crianças em dois grupos: A e B. As crianças do grupo A serão subdivididas em dois pequenos grupos: um pequeno grupo trabalhará com os jogos de leitura e o outro pequeno grupo relembrará os movimentos corretos de todas as letras estudadas utilizando o quadro de giz, e em presença do professor.

2. As crianças do grupo B recortarão em revistas usadas, todas as letras do alfabeto e colarão no papel em branco; não será necessária a arrumação ordenada do alfabeto; a criança que não souber arrumar em ordem, não deverá ser chamada a atenção. Lembrar a cada criança que escreva o seu nome no verso do trabalho.

3. Em seguida, os grupos se revezarão.

4. O professor fará a leitura diária do bloquinho, comentará os trabalhos já realizados no dia e explicará o exercício de casa nº 75



ATIVIDADE 3

RECREIO ORIENTADO

Os cegos e o bate palmas

Todas as crianças deverão ficar com os olhos vendados, com exceção de uma que baterá palmas constantemente, para indicar as crianças que estão com os olhos vendados, onde ela se encontra. As crianças de olhos vendados procurarão tocar no "bate palmas"

e aquela que conseguir, passará a sua venda e será o novo "bate palmas".
Para maior movimentação do jogo, o professor poderá realizar o mesmo com dois ou mais "bate palmas".

ATIVIDADE 4

NOME: A COLEÇÃO DE BRINQUEDOS

OBJETIVOS:

Identificar conjuntos que possuem o mesmo número de elementos.

MATERIAL:

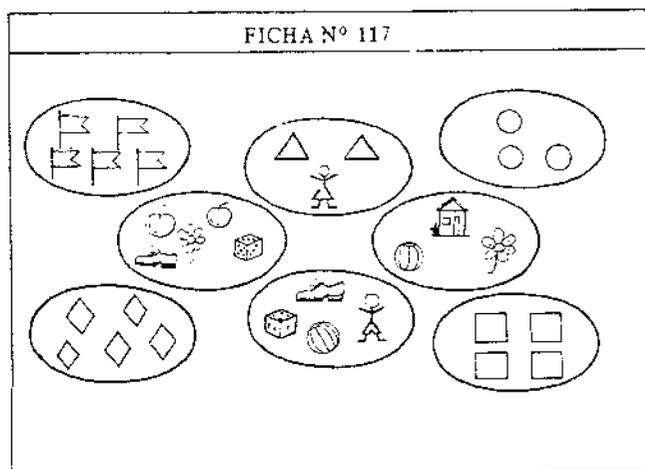
Ficha nº 117
Lápis comum

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. O professor deverá localizar juntamente com as crianças, no Caderno de Exercícios de Classe, a Ficha nº 117 e pedir que todas observem atentamente os diversos conjuntos que estão desenhados.



2. Em seguida pedirá às crianças que liguem com lápis os conjuntos que têm o mesmo número de elementos.

3. O professor deverá verificar o trabalho de cada criança reforçar

as respostas corretas e levar as criança que não responderam corretamente a reformularem os seus trabalhos.

ATIVIDADE 5

NOME: ESTA É MINHA FAMÍLIA

OBJETIVOS:

Representar através de desenho a família a que pertence
Identificar oralmente cada membro da família representada no desenho

Relacionar cada membro da família com a ocupação ou profissão que exerce

MATERIAL:

Papel
Lápis

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. O professor deverá iniciar a atividade dizendo às crianças que todas as pessoas têm uma família sendo que, algumas pessoas da família moram na mesma casa e outras não.

2. Logo após o professor deverá entregar uma folha de papel a cada criança e pedir que ela desenhe todas as pessoas que moram em sua casa.

3. Após as crianças terminarem os desenhos o professor deverá solicitar que elas se sentem em semi círculo e dar as seguintes informações:

- cada um de vocês deverá mostrar seu desenho aos colegas dizendo quem são as pessoas que estão desenhadas. Caso as crianças identifiquem as figuras pelos nomes e não pelo grau de parentesco o professor deverá pedir que elas relacionem o nome ao grau de parentesco, isto é, se João é irmão, se Maria é prima etc.

- após cada um de vocês identificar os membros da sua família deverá dizer o que cada um deles faz. Por exemplo: Papai trabalha no campo, minha irmã faz a comida e limpa a casa etc.

4. Em seguida o professor deverá perguntar quem gostaria de

começar as apresentações dos desenhos das famílias. Caso não se apresente nenhum voluntário o professor deverá indicar um aluno para começar.

5. O professor deverá prosseguir a atividade até que todas as crianças tenham feito as apresentações de suas famílias.

85º DIA

ATIVIDADE 1

NOME: RODINHA — CHAMADA

Janela do tempo

Calendário

OBJETIVOS:

Identificar as palavras: **carroça - burro - serrote - marrom**

Identificar a palavra **dá**

Ler contexto com a palavra **dá**

Verbalizar palavras começadas com **じ**

Analisar estruturalmente as palavras: **janela - jarro**

Analisar comparativamente as palavras: **sol - sapato - saco - papai - panela - prato**

MATERIAL:

Cartões das palavras: **carroça - burro - serrote - marrom**

Ficha da palavra **dá**

Cartões de: artigo, ligação e ponto.

Figuras

Cartão do **じ**

Cartões com as figuras de **janela - jarro**

Cineminha das palavras: **janela - jarro**

Cartões do **ろ - や**

Cartões com as figuras de: **sol - sapato - saco - papai - panela - prato**

Giz branco e vermelho

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

102º DIA

ATIVIDADE 1

NOME: RODINHA — CHAMADA

Janela do tempo

Calendário

OBJETIVOS:

Reconhecer a palavra **passarinho**

Identificar a palavra **osso**

Reconhecer a cor **lilás**

Analisar comparativamente as palavras: **roça - roda - tomate - televisão - terreiro.**

Ler pequenos textos

MATERIAL:

Cartões de apresentação das palavras **passarinho - osso.**

Figuras na cor **lilás.**

Cartões do jogo do dominó com as palavras: **roça - roda - tomate - televisão - terreiro.**

Cartões do jogo do dominó com as figuras de: **roça - roda - tomate - televisão - terreiro.**

Revistas usadas

Tesoura cola ou goma

Quadro de giz

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. Fazer a chamada, janela do tempo e o calendário.
2. Reapresentar, para fixação, a palavra **passarinho**, sem o apoio da figura.
3. Depois, o professor deverá apresentar a palavra do dia, utilizando por exemplo, a pergunta: "o que é que o cachorro gosta muito de roer"? "**osso** é a palavra de hoje."
4. O professor apresentará a palavra **osso**, fará a leitura sozinho depois com as crianças.

5. Em seguida, usando o jogo do Bingo, as crianças deverão analisar as palavras **roça, roda, tomate, televisão e terreiro.**
6. Logo após o jogo, as crianças deverão procurar em revistas velhas, figuras na cor lilás para realizarem trabalhos de recorte e colagem
7. O professor deverá solicitar uma criança para desenhar a figura de um **osso** e esse desenho será colocado no apoio da sala tendo logo abaixo, a palavra escrita pelo professor.
8. O professor escreverá no quadro de giz, pequenos textos e fará a leitura com toda a classe.
9. Finalmente, realizar a leitura coletiva dos Bloquinhos.

ATIVIDADE 2

NOME:
LEITURA
DESENHO

OBJETIVOS:
Ler pequenas estórias

MATERIAL:
Leituras nºs 1 - 2 - 3 - 4 - 5
Folha do Bloquinho - **osso**
Lápis cera ou de cor

LOCAL:
Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. Dividir as crianças em dois grupos: A e B. As crianças do grupo A farão leitura das 5(cinco) estórias escritas pelo professor.
2. As crianças do grupo B pintarão a folha do Bloquinho com a palavra **osso** e em seguida desenharão livremente.
3. Depois, os grupos se revezarão.
4. O professor colocará os trabalhos do dia em exposição e explicará o Exercício de Casa nº 85

EXERCÍCIO Nº 85		
g	G	
	f	F
	l	L

ATIVIDADE 3

RECREIO LIVRE

ATIVIDADE 4

NOME: REVISANDO EQUIVALÊNCIAS...

OBJETIVO:

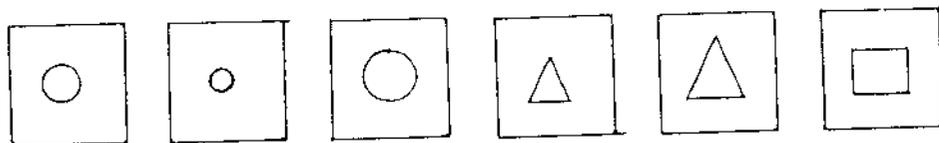
Representar graficamente uma relação de equivalência.

MATERIAL:
6 folhas de papel jornal ou de outro tipo qualquer
6 alfinetes
giz ou pedrinhas

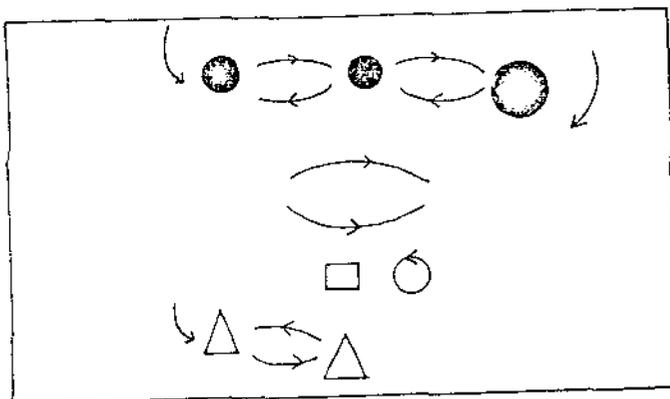
LOCAL:
Pátio da Escola

PROCEDIMENTO:

1. O professor escolherá seis crianças ou pedirá que se apresentem as voluntárias.
2. Logo após, deverá desenhar em cada uma das folhas de papel uma das seguintes formas:



3. Em seguida, prenderá com alfinete, na altura do peito de cada uma das crianças, uma folha desenhada.
 4. Colocará as seis crianças em círculo e as outras ficarão num círculo maior para observar o trabalho das colegas.
 5. Pedirá em seguida que cada criança dê a mão para o colega que possui uma etiqueta que tenha a mesma forma.
 6. A criança que possui a etiqueta com a forma de quadrado não poderá naturalmente dar a mão para nenhuma outra.
 7. O professor então perguntará se cada criança poderá dar a mão para si mesma, sem desobedecer a ordem "ter a mesma forma". A resposta deverá ser positiva.
 8. Em seguida, o professor pedirá que as crianças coloquem no chão suas etiquetas.
 9. O professor deverá pedir que as crianças tracem com giz ou pedrinhas, setas que representem os apertos de mão que foram possíveis fazer entre si e estimular as crianças para representarem corretamente a relação de equivalência, através de muitas perguntas, permitindo que todas elas observem e participem da atividade.
- OBSEVAÇÃO:** O gráfico deverá ser o seguinte:



ATIVIDADE 5

NOME: ACOMPANHANDO O CRESCIMENTO DO FEIJÃO

OBJETIVO:

Registrar operacionalmente o crescimento do feijão

MATERIAL:

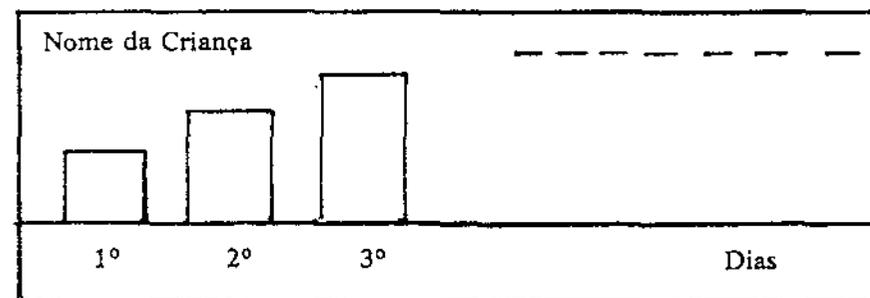
Feijão semeado pelas crianças
Tiras de papel
Papel em branco

LOCAL:

Sala de aula

PROCEDIMENTO:

1. O professor deverá solicitar que as crianças observem se o feijão já cresceu na latinha.
2. Se o feijão já cresceu, o professor deverá pedir que elas meçam com uma tira de papel, cortando a tira do tamanho da plantinha de feijão.
3. Logo após, cada criança colará a tira de papel numa folha de papel em branco que deverá ficar assim:



4. Cada criança realizará novas medidas no outro dia de aula e procederá da mesma forma, colando o papelzinho do tamanho da plantinha na folha de papel de cada uma.
5. O professor deverá recomendar às crianças que diariamente molhem as latinhas onde semearam o feijão.

COMO CONFECCIONAR O MATERIAL

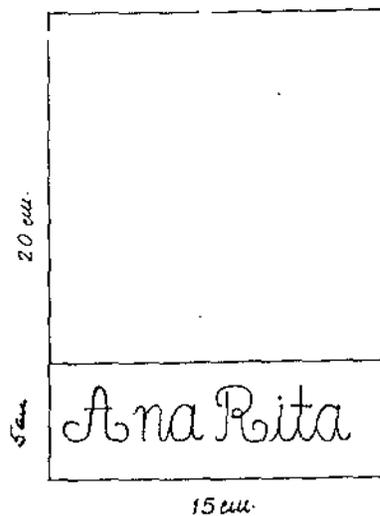
O professor poderá utilizar, substituindo o material industrializado, como: cartolina, duplex, fita adesiva etc, os seguintes materiais:

caixas de camisas
caixas de linhas, sapatos etc.
embalagens de aparelhos domésticos
revistas usadas (parte colorida)
papel de embrulho ou de outro tipo
lápiz cera ou pilot preto
cola ou goma

Os diversos tipos de materiais apresentados são de fácil elaboração e adaptados às limitações da zona rural.

Fase inicial

- 1) **Cartão para o auto-retrato** em papel officio ou jornal de 20x15 cm, com uma dobra na parte inferior de 5 cm para que o professor possa escrever o nome da criança, com pilot preto. Na parte superior do papel, a criança desenhará o seu auto-retrato.



- 2) **Quadro para a chamada** feito em papel de embrulho. A altura do cartão dependerá do número de crianças existentes na sala e a largura será de 48 cm, tendo uma prega de 4 cm para o nome de cada criança.

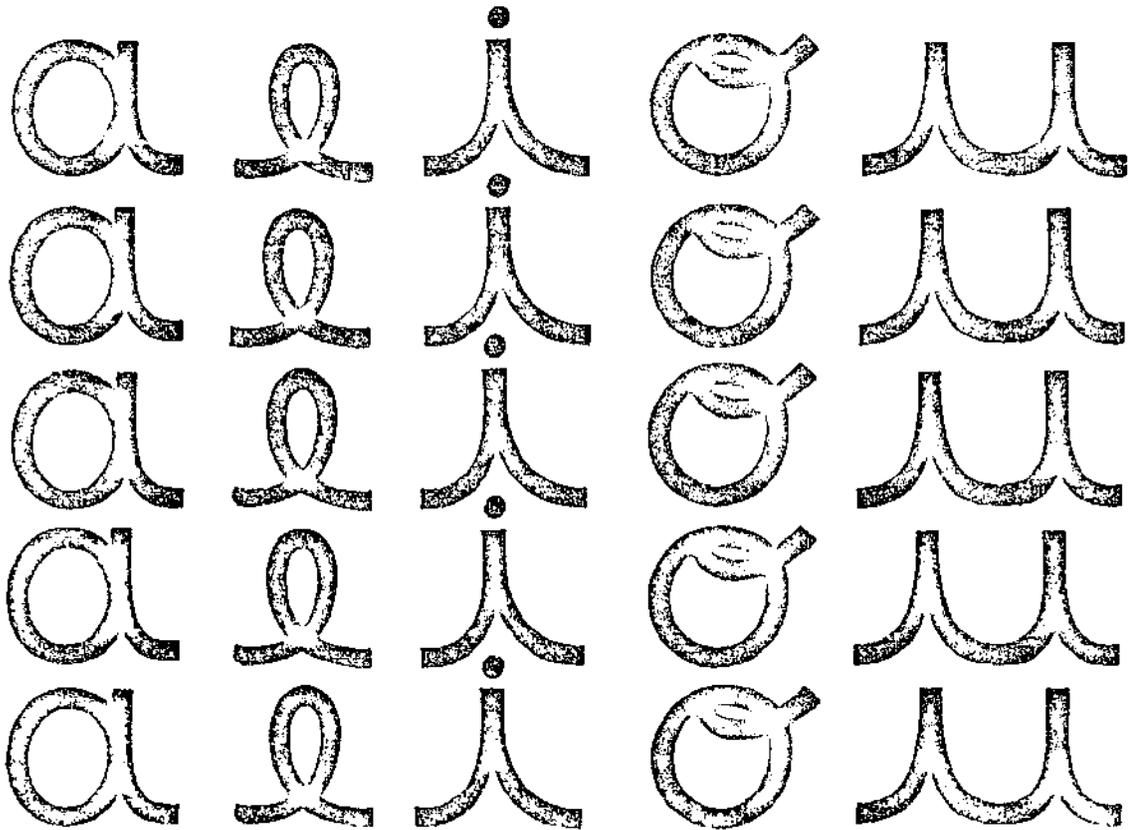
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROPED-PROTAP

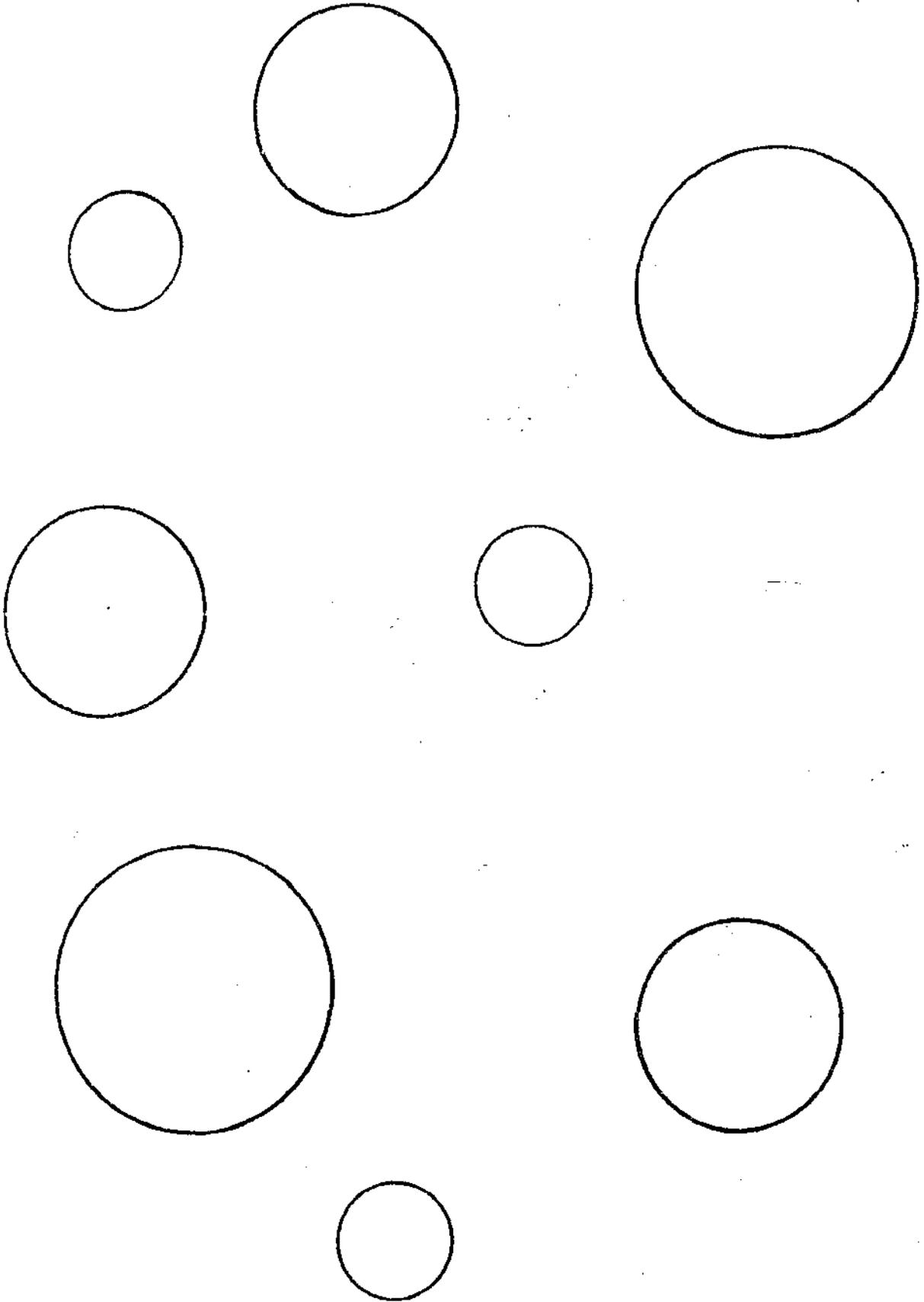
PROJETO
DE
EDUCAÇÃO RURAL

1ª SÉRIE

EXERCÍCIOS DE CLASSE



FICHA N° 30



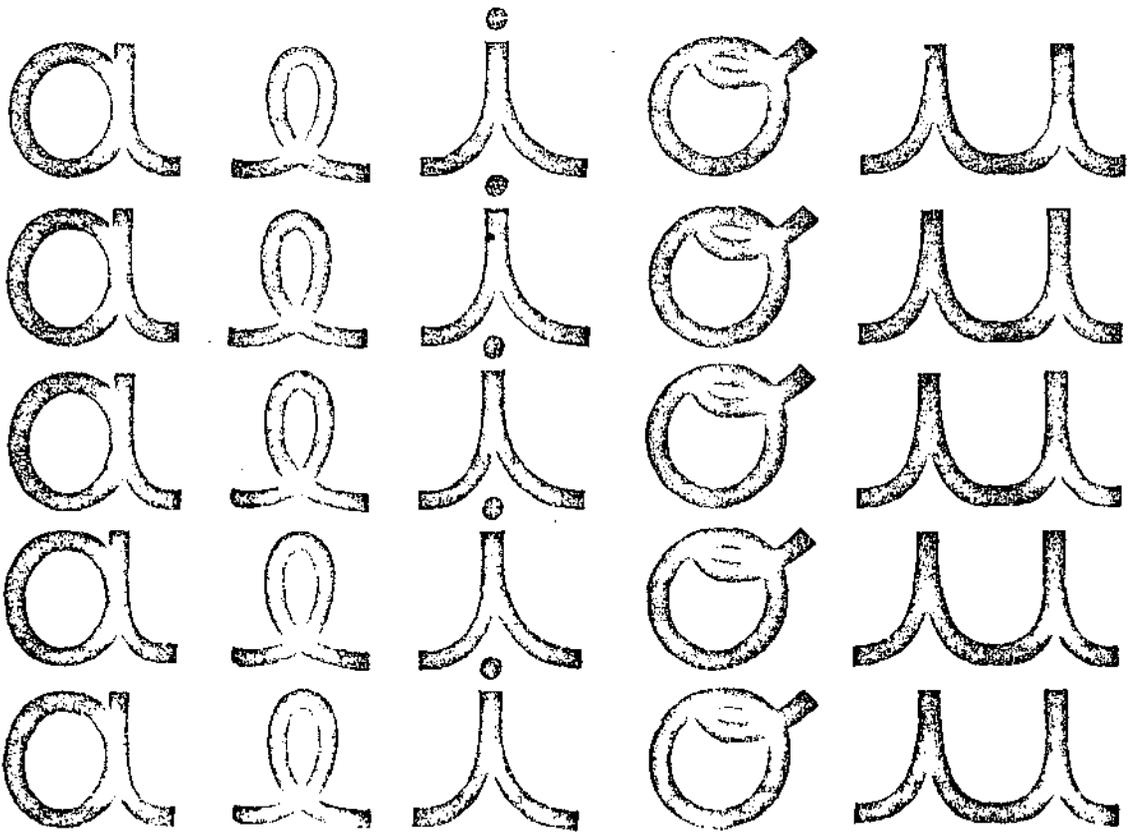
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROPED-PROTAP

PROJETO
DE
EDUCAÇÃO RURAL

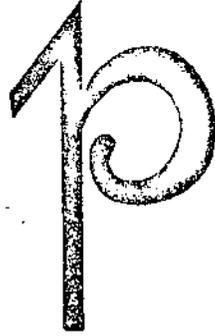
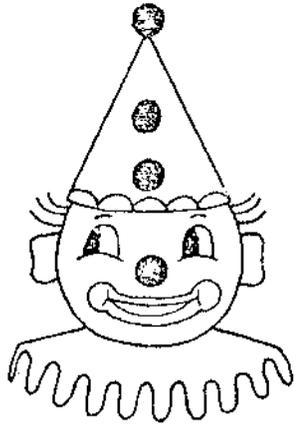
1ª SÉRIE

EXERCÍCIOS DE CASA

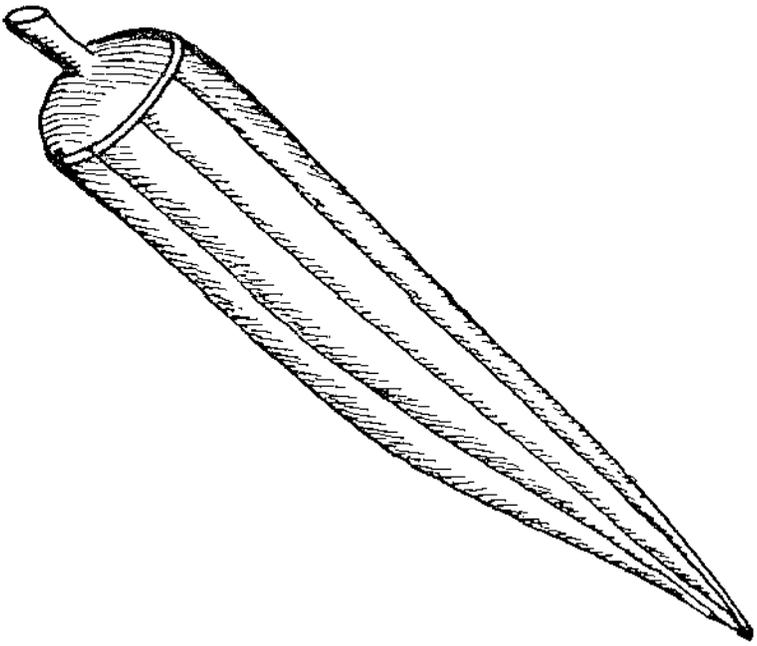


EXERCÍCIO Nº 16

Desenhe figuras que começam com o mesmo som de palhaço

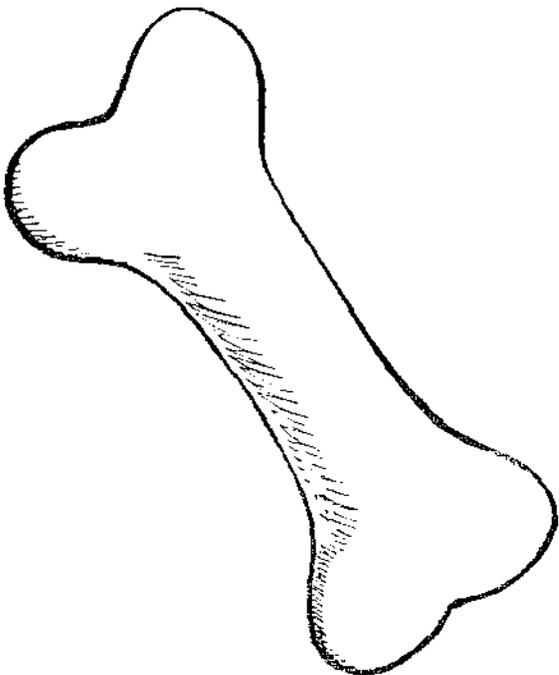


Eu sou



quill

59



bone

93

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROPED - PROTAP

**PROJETO
DE
EDUCAÇÃO RURAL**

1ª SÉRIE

ÁLBUM

NOME DO ALUNO:

SALVADOR — 1979

A
a

